

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

CLÁUDIA MARIANO SIMÕES

**VIOLÊNCIA ESCOLAR NO MUNICÍPIO DA SERRA/ES:
A REALIDADE DE UM ESCOLA**

SÃO MATEUS – ES

2021

CLÁUDIA MARIANO SIMÕES

VIOLÊNCIA ESCOLAR NO MUNICÍPIO DA SERRA/ES:
A REALIDADE DE UMA ESCOLA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre.

Orientador: Professor Dr. Sebastião Pimentel Franco

SÃO MATEUS-ES

2021

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

S593v

Simões, Cláudia Mariano.

Violência escolar no município da Serra/ES: a realidade de uma escola / Cláudia Mariano Simões – São Mateus - ES, 2021.

120 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2021.

Orientação: prof. Dr. Sebastião Pimentel Franco.

1. Violência escolar. 2. Ensino fundamental. 3. Alunos. 4. Educadores. 5. Serra - ES. I. Franco, Sebastião Pimentel. II. Título.

CDD: 371.5

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

CLÁUDIA MARIANO SIMÕES

**VIOLÊNCIA ESCOLAR NO MUNICÍPIO DA SERRA/ES: A
REALIDADE DE UMA ESCOLA**

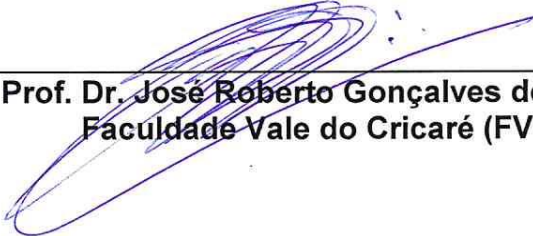
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 24 de agosto de 2021.

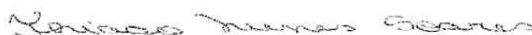
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Sebastião Pimentel Franco
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientador



Prof. Dr. José Roberto Gonçalves de Abreu
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Prof. Dr. Thiago Nunes Soares
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

AGRADECIMENTOS

A Deus, o Autor da vida, Aquele que me renova a cada manhã com suas Misericórdias;

Aos meus pais, Aristeu e M^a Lúcia que sempre me inspiram, me apoiam investindo seu tempo, suas finanças e orações, nosso Porto Seguro;

Aos meus filhos Bárbara, Beatriz e Vitor Roberto pela compreensão e carinho dos meus universitários;

Aos meus irmãos Simone e Eduardo pelas dicas e incentivo de sempre;

A você, Geraldo, Amor meu, que ao longo do caminho partilhou meu sonho e me incentivou cada instante a concluí-lo;

Aos meus colegas do mestrado que juntos sonhamos e construímos um caminho de amizade e parcerias;

Ao meu orientador, Dr. Sebastião pela instrução paciente e dedicada de incentivo, sempre preocupado com meu crescimento e construção do saber;

Aos meus colegas de trabalho, meus alunos e pais que prontamente participaram desta pesquisa com tanto zelo;

A minha escola, Corpo Técnico Administrativo, local de trabalho e berço de toda inquietação por um local seguro e de paz;

A Valdecir, colega de trabalho que me apresentou este universo do Mestrado;

Cada um de vocês foram muito importantes para a conclusão deste trabalho e aquisição deste sonho.

Muito obrigada!

,

EPÍGRAFE

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.
Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a
arte do Voo.

Pássaros engaiolados São pássaros sob controle.
Engaiolados, seu dono pode levá-los para onde quiser conto pássaros
engaiolados sempre têm um dono.

Deixaram de ser pássaros.

Porque a essência dos pássaros é o voo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados o que elas amam
são pássaros em voo existem para dar aos pássaros coragem para voar ensinar o
voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros.

O voo não pode ser ensinado.

Só pode ser encorajado

Rubem Alves

RESUMO

Este trabalho objetiva caracterizar a Violência Escolar numa Instituição de Ensino da Rede Municipal da Serra no Espírito Santo. A presente pesquisa observou quais intervenções têm sido adotadas nas ocorrências de casos de violência, na perspectiva de gestores, educadores, alunos e pais de alunos. Para tanto, analisamos a natureza da violência bem como apontamos suas características, os atos praticados e o perfil dos envolvidos. Inicialmente, fizemos o levantamento de dados nos cadernos de registros de ocorrências e advertências da coordenação da escola, detalhando casos envolvendo crianças discentes de 06 a 12 (seis a doze) anos, que estudam no período matutino da Escola Municipal de Ensino Fundamental I. Esta pesquisa é de natureza qualitativa, que além da fonte já citada, contou com a aplicação de questionário com perguntas abertas a 17 professores, 03 coordenadores, 03 pedagogos, 1 diretor da escola, 8 pais de alunos e 18 alunos, totalizando 50 indivíduos. Percebemos que alguns professores, alunos e suas respectivas famílias apesar de não confirmarem ser a escola um lugar violento, negando, muito vezes, fatos presenciados cotidianamente. Todos, entretanto, afirmam ser a escola um lugar onde ocorrem situações agressivas cotidianamente, envolvendo de forma indistinta todos os segmentos que a compõe.

Palavras chave: Violência Escolar; Serra/ES; alunos; educadores.

ABSTRACT

This work aims to characterize School Violence in a Teaching Institution of the Municipal Network of Serra in Espírito Santo. This research observed which interventions have been adopted in cases of violence, from the perspective of managers, educators, students and students' parents. Therefore, we analyze the nature of violence as well as point out its characteristics, the acts performed and the profile of those involved. At first, we surveyed data in the registers of occurrences and warnings of the school coordination, detailing cases involving student children aged 06 to 12 (six to twelve) years old, who study in the morning period at the Municipal Elementary School I. This research is qualitative in nature which, in addition to the aforementioned source, included the application of a questionnaire with open questions to 17 teachers, 03 coordinators, 03 pedagogues, 1 principal, 8 students' parents and 18 students, totaling 50 individuals. We noticed that some teachers, students and their respective families, despite not confirming that the school is a violent place, often denying facts witnessed on a daily basis. All, however, claim that the school is a place where daily aggressive situations occur, indistinctly involving all the segments that comprise it.

Keywords: School Violence; Serra/ES; Students; Educators

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Massacre de Columbine – Argentina.....	46
Figura 2 - Massacre em escola do bairro de Realengo/RJ.....	46
Figura 3 - Massacre em escola de Suzano/SP.....	47
Figura 4 - Insegurança nas escolas públicas (Folha de São Paulo)	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Mortes violentas intencionais.....	16
Quadro 2 – dados sobre tipificação de violência no Brasil.....	17
Quadro 3 – percepção dos diretores sobre a ocorrência de situações de violência nas escolas do Brasil.....	17
Quadro 4 – Dados de assassinato de mulheres no Brasil em relação aos países desenvolvidos.....	27
Quadro 5 – Alunos brasileiros que vão para a escola sob efeito de alguma substância psicotrópica.....	28
Quadro 6 – Alunos brasileiros que já frequentaram a escola portando armas.....	28
Quadro 7 – Percepção dos diretores sobre a ocorrência de situações de violência na escola.....	28
Quadro 8 – Sujeitos participantes da pesquisa.....	29
Quadro 9 – Vitimização de diretores e professores na escola em que trabalham no ES – atentados.....	35
Quadro 10 – Vitimização de diretores e professores na escola em que trabalham no ES – roubos.....	53
Quadro 11 – Identificação dos tipos, características e atos de violência.....	84

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Você gosta do seu trabalho?.....	60
Gráfico 2 – Como avalia este ambiente de trabalho?.....	60
Gráfico 3 – Você sente carinho por parte dos alunos em relação ao seu trabalho e sua presença na escola?.....	63
Gráfico 4 – Você passou por alguma humilhação ou discriminação na escola?.....	63
Gráfico 5 – você acha sua escola um ambiente seguro? (profissionais).....	64
Gráfico 6 – Você já foi vítima de algum ato de violência na escola?.....	66
Gráfico 7 - Você já viu, já presenciou briga na escola?.....	67
Gráfico 8 - Você tem amigos na escola?.....	70
Gráfico 9 - Tem alguém que você gosta na sua escola?.....	70
Gráfico 10 - Você acha sua escola um ambiente seguro? (alunos).....	71
Gráfico 11 - Você já presenciou briga na escola?.....	72
Gráfico 12 - Você já presenciou violência de alunos contra professores e de professores contra alunos na escola?.....	73
Gráfico 13 - Você já viu ou já soube de alguém entrar na escola com algum tipo de arma ou droga?.....	74
Gráfico 14 - Algum dia você já foi maltratado na sua escola?.....	75
Gráfico 15 - Dos profissionais que trabalham na escola você tem mais afinidade, gosta muito de alguém?.....	76
Gráfico 16 - Existe algum tipo de violência que aconteceu na escola com você ou com um amigo seu e que te deixou triste?.....	76
Gráfico 17 - Você se sente satisfeito com a escola que seu filho estuda?.....	78
Gráfico 18 - Como você avalia este ambiente escolar?.....	78
Gráfico 19 - Já soube de algum acontecimento violento na escola?.....	79
Gráfico 20 - Você ou seu filho já se sentiu humilhado por alguém?.....	80
Gráfico 21 - Você acha sua escola um ambiente seguro? (pais).....	81
Gráfico 22 - Você presenciou briga na escola?.....	81
Gráfico 23 – Dos profissionais que trabalham na escola você tem afinidade com alguém?.....	82
Gráfico 24 - Existe algum caso de violência que aconteceu com você ou com um conhecido seu na escola que te deixou bastante preocupado?.....	82

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior
OMS-	Organização Mundial de Saúde
FLACSO	Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais
CID	Código Internacional de Doenças
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
FBSPB	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
PCC	Primeiro Comando da Capital
CV	Comando vermelho
LGBTQI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, <i>Queer</i> , Intersexo
SINAN	Sistema de Informação de Agravos de Notificações
ACNUDH	Alto Comissariado das Nações Unidas para Direitos Humanos
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
SINDIUPES	Sindicato de Professores do Espírito Santo
FAPEMA-	Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento
ECRIAD	Estatuto da Criança e do Adolescente
UNICEF	Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 OBJETIVO GERAL.....	15
2 VIOLÊNCIA ESCOLAR: uma discussão teórica	21
2.1 CONCEITUANDO VIOLÊNCIA.....	23
2.2 TIPOS DE VIOLÊNCIA DENTRO E FORA DA ESCOLA.....	25
2.3 VIOLÊNCIA NA ESCOLA.....	32
2.4 FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA.....	41
2.5 O PROCESSO DE MEDIAÇÃO DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA: O PAPEL DE GESTORES E PROFESSORES.....	43
3 METODOLOGIA	49
3.1 NATUREZA DO ESTUDO.....	49
3.2 SUJEITOS DA PESQUISA.....	52
3.3 LOCUS DA PESQUISA.....	53
3.4 INSTRUMENTOS DA PESQUISA.....	53
4 ANÁLISE DE DADOS	56
4.1 MANUSEANDO OS GRÁFICOS.....	59
4.2 A VIOLÊNCIA NOS CADERNOS DE OCORRÊNCIA.....	83
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICE	108
APÊNDICE A – PRODUTO FINAL.....	109

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi concebido a partir da necessidade de que nós, educadores de uma Escola pública municipal da Serra/ES, tivemos para compreender o fenômeno da violência nessa instituição, que aparece de forma tão presente e rotineira nas relações sociais dessa instituição que agora utilizamos como modelo de análise.

As observações rotineiras feitas por nós, professores e equipe gestora da escola, apontam no sentido de que a violência, presente em seus diversos graus e naturezas, prejudica tanto o aluno em relação ao aprendizado, quanto os docentes, ao que diz respeito à própria saúde mental, além de atrapalhar a boa convivência e comunicação entre todos os envolvidos da comunidade escolar.

Aproveitando o caráter desta pesquisa, imaginamos poder contribuir junto à Secretaria Municipal de Educação, do Município de Serra/ES, por meio do compartilhamento de nossas conclusões e dados levantados durante o processo investigativo, possibilitando a criação de um modelo que possa ser aplicado em realidades semelhantes às encontradas no município.

A pesquisa será realizada na Escola Nova Carapina, situada no bairro de mesmo nome, que funciona em três turnos, nas modalidades de Educação Básica (Educação Infantil e Ensino Fundamental) e Ensino Médio. O foco de coleta de dados e análises desses se concentrou no turno matutino. Este recorte foi eleito, seguindo recomendações de professores e funcionários da escola, pelo fato desses indivíduos considerarem este período da jornada como sendo o mais crítico em relação às ocorrências de anomalias sociais que podem ser consideradas formas de violência.

O grau de violência é tão grave que não é raro que as ocorrências acabem se convertendo em acionamento do conselho tutelar ou que acabem parando nos distritos policiais do bairro e de bairros adjacentes. Isto faz com que a escola, urgentemente, precise encontrar soluções para os problemas em questão. Sendo assim, nossa proposta é dar um passo de contribuição mais ambicioso neste sentido, iniciando uma reflexão que deverá apontar, tipificar, caracterizar, debater e gerar ideias e planos sobre a natureza do problema, de modo que consigamos traçar uma

estratégia eficaz de combate aos fatores que dão origem à violência que se impõe de forma tão contundente.

A questão da violência escolar acompanha a jornada de grande parte dos professores em nosso município. Esta é uma realidade com a qual nos deparamos e nos preocupamos quase diariamente. Esta situação de violência nos faz refletir e conversar com colegas abordando questões como: Como lidar com a violência? O que estamos fazendo para minorar esse problema? Qual visão que os profissionais, funcionários da instituição, têm acerca da violência na escola? Quais recursos temos à disposição? Como diretor, coordenadores, professores percebem essa violência e quais ações efetivas desenvolvem para acabar com este fenômeno? Qual a percepção dos pais sobre a questão da violência e como encaram esse problema?

Elegemos como problemática para o desenvolvimento dessa pesquisa: Como professores, pais e alunos concebem a violência no âmbito da Escola Pública Municipal Nova Carapina localizada na Serra/ES? Para tanto, escolhemos alguns teóricos que têm discutido o tema violência escolar no Brasil e no mundo, uma vez que este não é um fenômeno único do nosso país. Entre os múltiplos pesquisadores e teóricos existentes sobre a temática iremos trabalhar em nossa dissertação com: Abramovay (2002); Arendt (1985); Chauí (1998; 2007); Debarbieux (1996; 2002); Laranja (2020); Paviani (2016); Perine (1987); Saviani (1985; 2000; 2001; 2005; 2007) e Tonet (2013).

Inicialmente, fizemos um levantamento bibliográfico, verificando os trabalhos acadêmicos sobre a violência escolar, o que muito nos ajudou a buscarmos os conceitos que iríamos trabalhar, delimitar melhor nosso objeto e, ainda, definir melhor o nosso problema. Em seguida, fomos analisar a documentação produzida pela escola, por meio do livro de registro de violência escolar.

A pesquisa iniciou-se considerando alguns pressupostos calcados no que aponta a literatura sobre a questão da violência escolar. Sabe-se que, de forma geral, a violência campeia nas escolas, assim como na sociedade brasileira como um todo, de Norte a Sul do país. Alguns historiadores, como Maria Silvia de Melo e Franco (1996), já apontavam que, desde o início da colonização, a sociedade brasileira caracterizou-

se pela disseminação da violência. A própria instituição da escravidão, primeiramente, a indígena e, depois, a negra, naturalizou o estado de violência que ajudou a moldar nossa sociedade.

Buscando definir o conceito de violência, apropriamo-nos do entendimento de Debardeux sobre o fato de que não é possível pensar uma única definição da violência, pois de acordo com o teórico francês

É necessário dizer que o fenômeno [violência] surge de modo relativo a uma época, a um meio social, a circunstâncias particulares. Ela depende de códigos sociais, a circunstâncias particulares. Ela depende de códigos sociais, jurídicos e políticos das épocas e dos lugares onde ela toma sentido.
(DEBARDIEUX, 2006, p. 93)

Para o mesmo autor, a violência tem três dimensões distintas: a degradação do ambiente escolar, a violência que existe fora da escola, mas que adentra nesta, e por fim, aquela que origina dos seus componentes internos. Nesse sentido, Charlot (2002), também entende a violência em três dimensões: violência na escola, violência à escola e violência da escola.

Reportando-se ao caso brasileiro, Sposito (1998) enxerga a violência escolar como a ação que origina no interior da escola ou aquela que tem uma estreita relação com a escola. Já Abromovay entende violência como a “[...] intervenção física ou de grupo contra a integridade de outro, ou de grupos e também contra si mesmo abrangendo suicídios, espancamentos de vários tipos [...] e todas as formas de violência verbal, simbólica e institucionais.” (ABROMOVAY, 2002, p. 93).

No Brasil, a temática violência começou a deslançar a partir da década de 1980. Segundo Lima (2012), estávamos vivendo o momento da redemocratização do país; e a questão da segurança é um tema muito importante, sobretudo para os moradores das periferias onde este problema mais se fazia e, ainda, faz-se presente. Essas populações começaram a cobrar do poder público solução para algo que afetava e, ainda, afeta diretamente suas vidas. Naquela década, o problema da violência escolar era muito distinto do que vivenciamos na atualidade, pois, de acordo com Lima

[...] a violência na escola estava basicamente voltada para ações contra o patrimônio público, todavia tal fenômeno toma uma vertente diferente na

década de 1990, o que torna mais complexo, já que passa a ser percebido nas relações interpessoais em especial entre os alunos.

(LIMA, 2012, pp. 23-24)

Com as desigualdades sociais avolumando-se ainda mais nas décadas seguintes, o problema da violência e, mais especificamente, da violência escolar sofreu um crescimento exponencial, tomando contornos fora de controle do Estado. Então, a violência das ruas adentra na escola e vice-versa.

Para a concretização dessa pesquisa estabelecemos objetivos, o geral e os específicos a saber:

1.1 OBJETIVO GERAL

A pesquisa traz como objetivo geral conhecer e compreender os registros de violência presentes numa instituição escolar em Nova Carapina, escola municipal Municipal de Serra-ES, desejando verificar de que forma essa violência repercute na vida da comunidade escolar, em especial no desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem dos alunos.

Como objetivos específicos apontamos:

- Entender como os profissionais da educação da Escola Nova Carapina na Serra/ES pensam sobre a violência escolar;
- Elencar as ações desenvolvidas na escola Nova Carapina/ES no intuito de eliminar ou minorar a violência;
- Analisar sobre o que pensam os pais dos alunos sobre a violência na escola;
- Quantificar e elencar os diferentes tipos de violência registrados pela escola;
- Identificar e caracterizar os perfis dos causadores e das vítimas da violência nessa escola;
- Apresentar como produto final uma proposta de campanha de conscientização sobre a violência escolar e seus impactos entre a comunidade da escola, pontuando quais os impactos em relação ao desenvolvimento do ensino aprendizagem.

Visando alcançar e compreender um maior número de informações, a pesquisa utilizará a metodologia qualitativa que poderá favorecer a compreensão dos comportamentos e ações violentas utilizadas pelos alunos e, possibilitará uma visualização de respostas para uma melhor ação de enfrentamento das situações de violência escolar.

Desta forma, o trabalho realizado poderá contribuir para a construção de um ambiente de estudos mais sadio, agradável e prazeroso no processo ensino-aprendizagem, criando condições para uma melhor condução nas situações de resolução de conflitos, de forma mais inteligentes, que poderão ser conduzidas e aplicadas até pelos próprios alunos ao longo do processo estudantil e da vida adulta.

Falar da violência no Brasil é direcionar o olhar para a população que, nos últimos tempos, vive uma insegurança diária. Os quadros que apresentamos a seguir, nos oferecem importantes informações referente aos anos de 2017, 2018 e 2019 a respeito da violência no Brasil, seja essa violência por agressão física, por mortes, sexual, patrimonial, doméstica e a também praticada nas escolas, tanto em relação ao Brasil como ao Espírito Santo em particular.

Quadro 1 - Mortes Violentas Intencionais

<i>Brasil</i>		<i>Espirito Santo</i>	
<i>ANO 2017</i>	<i>ANO 2018</i>	<i>ANO 2017</i>	<i>ANO 2018</i>
64.078	57.358	1.508	1.199

Fonte: Fórum Segurança. Anuário-2019-FINAL p.8,9,14,15,20,21

Como se pode verificar, o número de casos de violência é bastante significativo tanto em relação ao país como um todo como ao Estado do Espírito Santo, o que é muito preocupante. Sabemos que esse número grandioso acaba resvalando na população mais carente social e economicamente, que é o caso no qual a escola pesquisada se situa.

Quadro 2 - Dados sobre tipificações de violência no Brasil

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	VIOLÊNCIA SEXUAL	SEGURANÇA NAS ESCOLAS	VIOLÊNCIA PATRIMONIAL	CONTROLE DE ARMAS
263.067 casos de lesão corporal dolosa	66.041 registros 81% sexo feminino 53,8% em idade até 13 anos 50,9% negras 48,5% brancas 4 meninas de até 13 anos estupradas por hora	54,6% das escolas brasileiras situam-se em áreas com iluminação precária	490.956 veículos roubados ou furtados 22. 334 registros de roubo de carga	112.489 armas apreendidas em 2018 12.285 armas legais foram roubadas ou extraviadas
Crescimento de 0,8%	Crescimento de 4,1%			Crescimento de 7,5% de ocorrências de porte de arma e fogo. 42,4% crescimento de registros de novas armas. 196.733 em 2018

Fonte: Fórum Segurança. Anuário-2019-FINAL p.8,9,14,15,20,21

Com estes índices, percebe-se que o país tem se destacado com níveis altíssimos de crimes violentos, crimes estes em sua maioria que são realizados à mão armada. Este clima reflete-se no ambiente escolar que é de certa forma espelho das comunidades que o rodeiam, o que é demonstrado nos dados obtidos pelos avaliadores da Prova Brasil em relação à segurança da escola e dos alunos em 2017, como descrito no gráfico a seguir:

Quadro 3 - Percepção dos diretores sobre a ocorrência de situações de violência nas escolas do Brasil

Agressão verbal, física de alunos a professores ou funcionários da escola						Agressão física ou verbal de alunos a outros alunos da escola					
Sim	%	não	%	Sem resposta	%	Sim	%	não	%	Sem resposta	%
604	46,7	572	44,2	118	9,1	851	65,8	328	25,3	115	8,9

Fonte: Fórum Segurança. Anuário-2019-FINAL p.184

Os dados apontados nestes quadros revelam uma triste e preocupante realidade da situação de violência em que o Brasil está mergulhado. Para além disso, o pior é saber que a violência faz parte da vida de alunos brasileiros fora e dentro da escola. A violência no âmbito escolar tem atingido grandes dimensões, isto reflete o comportamento de uma sociedade desigual e/ou de um lar em que as relações sociais apresentam anomalias.

Essa temática tem sido alvo de atenção de pesquisadores de todo Brasil. Segundo o banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) já foram produzidos um total de 65.184 trabalhos (2020) de Mestrado e Doutorado sobre o tema Violência Escolar. O elevadíssimo número de pesquisa sobre o tema evidencia, claramente, como a violência está presente no cotidiano da escola brasileira e como este fenômeno produz inquietações e necessidades de apontar caminhos na busca de sua solução. Talvez nenhum tema ligado à questão educacional apresente um número tão elevado de trabalhos e de pesquisadores se debruçando em reflexão.

Entre esses inúmeros de trabalhos sobre a violência escolar, alguns foram escolhidos como exemplos norteadores de nossa pesquisa, tais como Esquierro (2011) que, quando na realização de sua dissertação de Mestrado, analisou o sistema de proteção escolar do Governo do estado de São Paulo e o papel do professor mediador escolar e comunitário. Trouxe como discussão as diversas formas de violência e destacou o *Bullying* como sendo a mais preocupante ação no cenário Mundial. Pode-se identificar em sua pesquisa, através das entrevistas, que a violência, na maioria das vezes, é trazida pelo indivíduo segundo seu comportamento aprendido culturalmente. Ele destaca também que, no âmbito das contribuições da atuação do professor mediador, o olhar deste, para o indivíduo de forma analítica e acolhedora, acarreta contribuições para a melhoria das relações no ambiente escolar.

Em sua dissertação de Mestrado em Psicologia, Maciel (2015), enfoca sobre representações sociais da violência na escola compartilhadas por alunos e professores do Ensino Fundamental na Paraíba. Em sua pesquisa, a autora revela que o conceito de violência se transforma à medida que a sociedade avança com as garantias e afirmações sociais. Para concretização da sua pesquisa, a autora utiliza-

se de análises qualitativas, observando que apesar de professores e alunos terem convívio no mesmo espaço e mesma realidade escolar, estes constroem representações sociais diferenciadas a respeito da violência. Os alunos destacam os aspectos físicos e simbólicos como bater, xingar, desrespeitar, ações de preconceito e de discriminação, já os professores caracterizam a violência como transgressões às normas, indisciplina, má-conduta, ações em que a família e o Estado são os principais responsáveis.

Santos (2017), que estudou a violência escolar em duas escolas estaduais de Ensino Médio Em Ribeirão Preto no estado de São Paulo, localizadas em uma região de alta vulnerabilidade social, analisando os dados contidos nos registros escolares sobre violência e ainda trabalhando com os dados obtidos por meio de questionário entre professores e alunos, verificou que a realidade violenta vivida cotidianamente, que ocorre nas áreas próximas a essas escolas, tem influenciado diretamente no elevado índice dessa violência nas escolas.

Não poderíamos deixar de mencionar trabalhos de pesquisa que contemplam a violência escolar no Espírito Santo. Nesse sentido, destacamos o trabalho de Almeida (2019), produzido pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, que evidencia a indisciplina nas séries finais do Ensino Fundamental em uma escola do município de Mantenópolis. O referido autor trabalhou com o livro de ocorrência de violência escolar de uma escola e ainda com os depoimentos de professores, alunos e pais de alunos de uma escola, verificando um alto grau de indisciplina e de violência entre alunos contra outros alunos e até mesmo, de alunos contra professores.

Outro trabalho escolhido foi o de Laranja (2020) que, em sua dissertação de Mestrado, pesquisou os hábitos de convivência dos alunos na sua relação com as violências cotidianas de uma escola estadual de ensino fundamental e ensino médio. Esta pesquisa foi feita no Município de Vila Velha/ES e contribuiu para uma análise do nosso campo de pesquisa no município de Serra.

A Escola Nova Carapina, escolhida para esta pesquisa, está situada no município da Serra/ES, localiza-se em um bairro de periferia chamado Nova Carapina. Os

moradores do bairro e os alunos matriculados nessa escola advém de estratos sociais mais desprivilegiados economicamente, em geral, possuem uma renda muito baixa, o que dificulta até mesmo a sobrevivência dessas famílias. O bairro e a escola apresentam alto índice de violência.

Ao todo, essa instituição escolar conta com cerca de 400 crianças matriculadas no turno matutino, distribuídas em 16 turmas do 1º (primeiro) ano ao 4º (quarto) ano do Ensino Fundamental I. Cada série possui 04 (quatro) salas de aula e a idade dos alunos está entre 06 a 12 (seis a doze) anos que, em sua maioria, são moradores do mesmo bairro onde a escola está localizada.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, na qual buscamos entender o fenômeno da violência escolar na escola Nova Carapina. Portanto, é possível dizer que realizamos um estudo de caso. Como fonte, foram analisados os 02 (dois) cadernos de registro de ocorrências da violência escolar referente ao ano de 2019, 1º e 2º (primeiro e segundo) semestres. Aplicamos ainda questionários de perguntas abertas a 18 alunos, 3 pedagogos, 3 coordenadores, 1 diretor da escola, 8 pais de alunos, 17 professores.

2 VIOLÊNCIA ESCOLAR: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA

A violência sempre esteve presente na vida dos homens, marcando o cotidiano das relações humanas. Desde tempos pré-históricos, sabe-se da ocorrência de agressões físicas. A arqueologia vem apresentando os antepassados mais remotos dos humanos com fraturas que evidenciam terem sido vítimas de violência física como pontua Lessa (2001). Segundo a mesma autora

A arqueologia vem assim desvendando um lado da história da humanidade que expõe as atribuições da vida em sociedade, o equilíbrio sutil entre convívio e conflito. Desde o passado mais remoto, o homem tenta manejar a difícil conciliação de interesses, poderes, valores, hábitos, mudanças e emoções inerentes ao ato de viver. A ruptura temporária de alguns mecanismos que tecem a teia dessas relações de convívio — e o rearranjo permanente dos papéis sociais — alimenta situações potenciais de violência. Esse dinamismo próprio das sociedades humanas, portanto, sempre comportará eventos violentos, variáveis segundo os contextos específicos em que estão inseridos (LESSA *et al.*, 2001, p. 280).

Nos tempos atuais, os índices de violência estão cada vez mais presente na vida dos seres humanos, tanto assim que os estudos sobre este fenômeno mostram uma preocupação crescente dos pesquisadores das áreas de Saúde e de Ciências Sociais, que vêm buscando compreender os seus impactos sociais nos diferentes grupos humanos. Nas grandes cidades, essa violência tem ocorrido em maior escala, tanto nos países mais pobres economicamente assim como nos países considerados mais desenvolvidos. No Brasil, a violência tem crescido assustadoramente nas últimas décadas. Na década de 1980 passou a ser a segunda causa de mortes no país, por fim, na década de 1990, já contribuía com 15,3% das mortes do país.

De acordo com dados divulgados em 2014, a Organização Mundial de Saúde (OMS) revela que o Brasil ocupa a 10.^a posição no *ranking* dos cem países que mais matam com armas de fogo e 123 pessoas morrem vítimas de homicídios por este tipo de crime todos os dias. São cerca de cinco mortes por hora e, somente em 2014, foram registradas 44.861 vítimas.

Em 2016, a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) elaborou um estudo denominado Mapa da Violência¹. Nele ficou constatado que o Brasil mata 207

vezes mais que Alemanha, Áustria, Dinamarca e Polônia. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil vive uma epidemia de violência, gerando um obstáculo para o crescimento econômico. Estes dados foram tão alarmantes que, a partir deles, a OMS passou a caracterizar esse tipo de violência como uma patologia específica que consta no Código Internacional de Doenças (CID) por conta da quantidade de vítimas. Segundo a pesquisa, em 2016, a FLACSO apontou que a quantidade de vítimas por arma de fogo atingiu a marca de 592,8% entre 1980 e 2014.

Já em 2017, em outro estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSPB), o Brasil atingiu patamar de 31,6 homicídios por 100 mil habitantes. Identificou-se também que há forte crescimento de letalidade violenta no Norte e Nordeste do país. A taxa, registrada em 2017, corresponde a 65.602 homicídios. Dentre os estados mais violentos estão o Ceará com alta de 49,2%, atingindo o auge de 5.433 mortes violentas intencionais causadas por armas de fogo, uso de droga ilícita e conflitos interpessoais. Já o Acre possui 42,1% com 516 homicídios. Vale destacar que esta mesma pesquisa realizada detectou que:

O crescimento da violência letal no Acre está associado à guerra por novas rotas do narcotráfico, que saem do Peru e da Bolívia e envolvem três facções criminosas: o Primeiro Comando da Capital (PCC), o Comando Vermelho (CV) e o Bonde dos 13 (B13). Este fenômeno também influencia o número de homicídios no Amazonas, que praticamente dobrou em uma década e chegou a 1.674 em 2017. Na outra ponta, o estado com maior redução na taxa de homicídios em 2017 foi Rondônia (-22%), seguido por Distrito Federal (-19.7%) e São Paulo (-4,9%).

(IPEA, 2019, p. 01)

Nos estados do Centro-Oeste, Sudeste e Sul houve estabilidade no índice de violência. De acordo com esta pesquisa, o perfil dos indivíduos com mais probabilidade de morte violenta intencional no Brasil foi identificado, geralmente homem, solteiro, jovem, negro, com escolaridade até sete anos de estudo e que está na rua em dias quentes entre 18h e 22h. Este foi o detalhamento do perfil encontrado na maioria das vítimas. Segundo os pesquisadores do IPEA, os homicídios correspondem a 59,1% dos óbitos de homens entre 15 a 19 anos no país. Além do público jovem, a pesquisa também revela um crescente número de vítimas entre negros, população LGBTI+ e mulheres.

Um fato importante destacado nesta pesquisa é que em 2017, 75,5% das vítimas de homicídio se denominavam pretas ou pardas. Assim, a taxa de negros, vítimas de homicídio, cresceu 33,1%, enquanto a de não negros apresentou um aumento de 3,3%. Os cinco estados com maiores taxas de homicídios negros estão localizados na região Nordeste. Entre 2007 e 2017, houve um crescimento de 30,7% nos feminicídios no Brasil e o Espírito Santo destacou-se como campeão na taxa desse tipo de crime em 2012.

Os pesquisadores tiveram o cuidado de comparar todos os dados colhidos com o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), do Ministério da Saúde, e encontraram um mesmo resultado qualitativo. Por fim, perceberam ainda que, em mais de 70% dos casos encontrados, os criminosos são do sexo masculino, enquanto a maioria das vítimas é de homo ou bissexuais do sexo feminino. (IPEA, 2017).

2.1 CONCEITUANDO VIOLÊNCIA

A origem da palavra violência vem do latim “*violentia*” e representa o ato de violar. Pode ser auto violação ou violação de outrem. Conceituar violência é muito amplo, pois implica em várias posições teóricas e variadas maneiras de execução e de eliminação. Segundo Paviani (2016), a violência pode ser classificada como natural (aquela que acontece e é própria de todos os seres humanos) ou artificial (que é marcada, geralmente, pelo excesso de força sobre outros). Algo sobrenatural ligado à força, contrária a liberdade e à vontade individual.

Algumas características de violência podem ser entendidas de formas diferentes a partir da cultura de cada sociedade, por exemplo, historicamente, o casamento da mulher, em algumas situações, representava atos de violação e desconsideração da sua vontade, imposições de acordo com a comunidade em que estão inseridas.

A violência pode ser interpretada, descrita e analisada por várias áreas do conhecimento tais como: sociologia, antropologia, biologia, psicologia, psicanálise, teologia e filosofia e pelo direito. Paviani (2016) ainda afirma que a violência não pode ser tratada como uma totalidade.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência pode ser definida como “O uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação” (OMS, 2019, p. 02).

Em seus estudos, Paviani (2016) diz que o senso comum acaba por considerar a violência de modo simplificado e parcial, mas é preciso examinar as condições nas quais as pessoas estão submetidas. No Brasil, observa-se que o processo de democracia racial, a ideia em si, muitas vezes é mal interpretada. Geralmente, o termo empregado esconde sutilezas, um mito de não violência que em si só já a caracteriza.

Quanto aos tipos e formas de violência, depende muito da experiência vivida, experimentada pela população envolvida. Há várias teorias que vão desde biológicas, psicanalíticas, juristas e feministas. Como exemplo, algumas as teorias merecem destaques como as deterministas e ultrapassadas de origens biológicas, defendidas por Lombroso em 1836-1909, que defendia cromossomos como determinantes da agressividade, herança biológica, instinto de superação, luta pela sobrevivência, criticada por adeptos da teoria psicofísicas, que afirmavam que substâncias químicas e elementos psicológicos como drogas, punições, ódio, stress podem se originar da violência. (LOMBROSO, 2010).

Já Arendt (1985) afirmava que a violência se destaca por seu caráter instrumental, sendo utilizada, não raras vezes, no campo político, como uma manifestação de poder. Mas, não defendia que o poder governamental seja a origem ou base de revoluções. A teórica relatava, inclusive, que o poder e a violência, mesmo sendo distintos apresentam-se juntos. “Outro conceito que deve ser explicado é o de agressividade humana. A agressividade como algo instintivo é um achado que tem relação com a natureza dos instintos sexual e nutritivo no processo vital do indivíduo e da espécie”. (ARENDR, 1985, p. 34).

Segundo Perine (1990), a violência só existe se somente existir a razão. De acordo com o teórico, violência é uma espécie de sombra que acompanha o homem. Na

concepção de Chauí (1998), a ética é inseparável do sujeito racional, livre, voluntário e responsável; e a violência se opõe à ética não por serem coisas, mas por se tratar de seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade. Diante desse contexto, qual seria a função social da escola e como ela pode contribuir ou intensificar esse ato?

2.2 TIPOS DE VIOLÊNCIA DENTRO E FORA DA ESCOLA

Os tipos de violência são diversificados, percebe-se que cada dia surge um tipo de violência dado o desenvolvimento acelerado da sociedade. É importante que todas as pessoas estejam atentas às situações ocorridas nos diferentes grupos da comunidade em que vivem. Tanto no ambiente familiar, escolar ou profissional.

De acordo com Abramovay (2003), entende-se que a violência na escola é dividida em vários tipos:

- a) Violência Simbólica Verbal é aquela que se baseia no consentimento de símbolos de autoridade, abuso de poder. Também pode ser institucional quando há marginalização e discriminação utilizadas por instituições que instrumentalizam estratégias de poder;
- b) Violência Verbal são incivildades (pressão psicológica) - humilhações, palavras grosseiras, humilhações e o “bullying”;
- c) Violência física é aquela que pode ser de um ou mais indivíduos, contra si ou contra a integridade do outro. Nestas se destacam roubos, assaltos, homicídios e agressões sexuais;
- d) Agressão Física que são homicídios, estupros, ferimentos, porte de armas que provocam feridas e mortes.

Diversos autores têm apresentado esta linha de divisão da violência (violência, as incivildades, violência simbólica ou institucional) para melhor entendimento dos assuntos de evasão escolar, falta de interesse no espaço e no estudo em ambiente escolar (CHARLOT, 1997 *apud* ABRAMOVAY, 2003).

Falar de violência escolar é estudar e interpretar ações de sujeitos, comportamentos e situações distintas. Deve-se entender violência escolar como construção social que se dá nas relações e interações destes sujeitos. (ABRAMOVAY, 2005).

Atualmente, a questão da violência escolar tem sido muito discutida nos espaços e ambientes escolares, são organizados debates com convidados e alguns tipos de especialistas para se manifestarem sobre questões de fechamento de escolas por motivo de toque de recolher no bairro, presença de viaturas policiais na porta da escola, detectores de metais nos portões de acesso da escola, homicídios, roubos, agressões, *bullying*. A violência tem sido, de fato, uma preocupação da sociedade atual. Crescentemente, tem atingido a vida e a integridade das pessoas de uma maneira inimaginável.

Silva (2010) realizou uma pesquisa numa escola, entrevistando o corpo docente e discente sobre as concepções de violência. Como resultado, observou que para os discentes, violência representava agressão física, simbolizada pelo estupro, brigas em família e a falta de respeito entre as pessoas. Já o grupo de docentes alegou como violência, o descumprimento das normas, das leis, a falta de condições materiais da população. Todavia, ambos entenderam que a violência é ausência e desrespeito aos direitos do outro.

De acordo com Silva (2008), é preciso discernir a diferença entre agressividade, crime e violência. A agressividade é aquela em que o indivíduo vitimado tem constante dificuldade de se relacionar com o próximo, não tem noção de limites e sua presença se torna nociva. Essa dificuldade tem a ver, em muitos casos, com a convivência familiar. Para ele, o sujeito agressor pode até nem ser tido como violento, mas durante o ato, por arroubo ou circunstância, não segue o padrão de civilidade e boa convivência para conflito de interesses.

A autora ainda concorda com Abramovay (2002) sobre a importância da construção da cultura da paz. Durkheim (2013), evidencia que o crime é uma tipificação social no qual o indivíduo é definido e rotulado socialmente e é atribuído a alguém algo que reprovamos.

Já Silva (2010) identificou alguns tipos de violências praticadas nas escolas, tais como:

Violência praticada contra o patrimônio - é aquela onde ataca-se a parte física da escola;

Violência Familiar - é o ataque por familiares ou pessoas ligadas ao convívio do discente;

Violência Simbólica - que é aquela onde a escola anula a capacidade do aluno, abandonando-o e subjuga-o a somente reproduzir. Pode também ser considerada aquela violência contra o professor, quando este é agredido em seu trabalho pela indiferença e discriminação do discente;

Violência Física - aquela em que geralmente é a mais visível, brigas, roubos, homicídios, suicídios, estupros, estar em guerra com grupos rivais ou andar armado.

A desigualdade social, situação de carência, extrema pobreza são umas das causas que levam o indivíduo a cometer atos violentos, porém nem todos, na mesma circunstância, o fariam. De acordo com alguns dados discutidos no Fórum de Segurança de 2019 sobre a violência na escola, foi formulada pela autora os seguintes pontos:

Quadro 4 - Alunos brasileiros que vão para a escola sob efeito de alguma substância psicotrópica

Alunos que frequentam a escola											
Sob efeito de bebidas alcóolicas						Sob efeito de drogas ilícitas					
Sim	%	Não	%	Sem resposta	%	Sim	%	Não	%	Sem resposta	%
179	13,8	1.002	77,4	113	8,7	290	22,4	888	68,6	116	9,0

Fonte: Fórum de Segurança, 2019.

Esses dados podem comprovar que algumas pessoas já chegam à escola alteradas e isso pode influenciar a natureza dos comportamentos escolares, campo destinado

ao trabalho, estudo e sociabilidade. Embora não esteja no dado recolhido na pesquisa, possivelmente muitos pais que fazem usos de bebidas ou drogas, também chegam ao ambiente escolar, tumultuam e brigam com os profissionais. Os quadros abaixo foram retirados do Fórum de Segurança de 2019.

Quadro 5 - Alunos que já frequentaram a escola portando armas no Brasil

Portando arma branca (facas, canivetes, etc...)						Portando arma de fogo					
Sim	%	Não	%	Sem resposta	%	Sim	%	Não	%	Sem resposta	%
188	14,5	992	76,7	114	8,8	42	3,2	1138	87,9	114	8,8

Fonte: Fórum de Segurança, 2019.

Estes tipos de materiais não poderiam adentrar na escola em mãos de alunos, nem os profissionais de segurança da escola tem a autorização para utilizá-los. Uma arma na mão de pessoas sem controle emocional e sem o devido preparo pode ocasionar verdadeiras tragédias.

Quadro 6 - percepção dos diretores sobre a ocorrência de situações de violência na escola

Agressão verbal, física de alunos a professores ou funcionários da escola						Agressão física ou verbal de alunos a outros alunos da escola					
Sim	%	Não	%	Sem resposta	%	Sim	%	Não	%	Sem resposta	%
604	46,7	572	44,2	118	9,1	851	65,8	328	25,3	115	8,9

Fonte: Fórum de Segurança, 2019.

De acordo com os dados percebe-se que muitas pessoas deixaram de responder à pesquisa por medo de represálias, receando por sua segurança e de suas famílias, o que poderia alterar significativamente o resultado e compreensão da verdade real.

Quadro 7 - Vitimização de diretores e professores na escola em que trabalham no ES-Atentados

Vítimas de atentado à vida						Vítimas de ameaça por algum aluno					
Sim	%	Não	%	Sem resposta	%	Sim	%	Não	%	Sem resposta	%
165	1,0	8.525	50,7	8.141	48	655	3,9	8.037	47,7	8.142	48,4

Fonte: Fórum de Segurança, 2019.

Quadro 8 - Vitimização de diretores e professores na escola em que trabalham no ES-Roubos

Vítimas de furto						Vítimas de roubo					
Sim	%	Não	%	Sem resposta	%	Sim	%	Não	%	Sem resposta	%
507	3,0	8191	48,7	8.136	48,3	109	0,6	8.583	51,0	8.142	48,4

Fonte: Fórum de Segurança, 2019.

Metade dos professores preferiram não responder à pesquisa. Mesmo assim, aqueles que conseguiram respondê-la evidenciaram que já foram vítimas de atentado à vida, ameaça, furto e roubo. Tudo isto num ambiente em que em tese seria de conhecimento e socialização.

Segundo Abromovay, “[...] pode-se dizer que a escola deixou de ser um espaço protegido e tornou-se um local que reproduz as violências que acontecem na nossa sociedade” (VVBROMOVAY, 2019, p. 192), Muitas vezes, o indivíduo por falta de uma boa referência dentro do âmbito familiar acaba procurando meios de provar sua audácia quando procura gangues e quadrilhas para desafiar seus medos. Assim formam uma subcultura criminosa. (ZALUAR,1992)

Segundo os autores citados anteriormente, a falta de policiamento pode ser também um fator de aumento da violência por estar subentendido que o policial mantém ordem e segurança.

Um estudo de lavelberg (2012) demonstra que o currículo escolar pode ser um meio de frear esta onda crescente de violência, ao oferecer conteúdo interagindo e dialogando com a necessidade da valorização pessoal, do coletivo e visão crítica e responsável, não apenas reproduzindo algo perpassado por décadas.

O Fundo Internacional de emergência das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) (2017), através de dados do Ministério público do Paraná, divulga, em ordem alfabética, os principais tipos de violência identificadas:

1. Abuso financeiro- Violência Patrimonial- é praticada por pais que não utilizam de forma correta e benéfica o orçamento familiar, os recursos financeiro e

- patrimonial para o fim de beneficiar o menor e permitir um desenvolvimento saudável;
2. Adoção ilegal é o ato de registrar filho alheio em seu nome próprio, em desacordo com a legislação brasileira;
 3. Aliciamento sexual infantil online, no qual são oferecidas nas redes sociais, tais como celulares, e-mail, blogs ou sites com imagens ou convites de relacionamento ou encontros, imagens de sexo e conteúdos impróprios pra menores, podendo resultar em tentativa de aliciamento ou sequestro;
 4. *Bullying* que são práticas de atos violentos, zombarias, humilhações, apelidos intencionais, repetitivos contra um indefeso, podendo causar danos físicos ou psicológicos;
 5. *Cyberbullying* é o ato de ridicularizar, humilhar, constranger por meio de comunidades, redes sociais, e-mails, blogs, torpedos, fotoblogs;
 6. Discriminação é a segregação, tratamento prejudicado e diferenciado em razão de gênero, raça, etnia, crença, idade, origem social, entre outras;
 7. Exposição de nudez sem consentimento (Sexting) é o fenômeno de enviar mensagens, nudes, conteúdos sensuais de corpo nu e seminú, mensagens de texto eróticas, convites e insinuações sexuais em aparelhos celulares, câmeras fotográficas, contas de e-mails, salas de bate papo, comunicadores instantâneos e sites de relacionamentos;
 8. Negligência é o abandono, desamparo, falta de responsabilidade e compromisso. Não está relacionado apenas a dificuldades socioeconômicas dos responsáveis pelo menor, mas também a omissão por parte dos pais, responsáveis ou instituição em prover necessidades físicas, de saúde, higiene, educacionais de filhos ou de outrem que esteja sob sua guarda, poder ou autoridade;
 9. Pornografia infantil é a representação, por qualquer meio, de uma criança envolvida em atividades sexuais explícitas reais ou simulada, e também de representações dos órgãos sexuais de uma criança o objetivo de apresentar, vender, produzir, divulgar, publicar fotografias ou imagens de cenas de sexo explícito envolvendo criança ou adolescente;
 10. Tortura envolve atos praticados intencionalmente para causar lesões físicas, mentais ou ambas feitas para adquirir vantagem, aplicar castigos ou outros;

11. Trabalho infantil é o trabalho realizado por menores, abaixo da idade mínima exigida para o trabalho. Não é permitido trabalho para menores de 14 anos. Adolescentes de 14 a 16 anos só podem trabalhar sob a condição de aprendizes. Por último, os compreendidos entre 16 a 18 anos podem executar atividades laborais, desde que não sejam nos horários entre 22:00h às 05:00h;
12. Tráfico de crianças e adolescentes é caracterizado pelo recrutamento, transporte, transferência, alojamento, acolhimento de crianças e adolescentes, recorrendo à ameaça, força, coação, abuso, fraude, para fins de exploração sexual, trabalho infantil ou tráfico de órgãos;
13. Violência física é o ato de agressão física, com marcas visíveis ou não. Podendo ser lesões, ferimentos, fraturas, hematomas, mutilações ou mesmo morte;
14. Violência Institucional é a ação ou omissão de instituições, equipamentos públicos ou privados estabelecidos por lei ou intervenção arbitrária, autoritária ou excessiva de profissionais que deveriam garantir a segurança e integridade física destas crianças ou adolescentes;
15. Violência Psicológica é a relação de poder com abuso da autoridade ou da ascendência sobre o outro, de forma inadequada e com excesso ou descaso. Atitudes arbitrárias realizadas por abuso de poder de pais, responsáveis ou instituições ocasionando danos emocionais e sofrimento psíquico;
16. Violência sexual é o ato de submeter criança ou adolescente, com ou sem consentimento a atos ou jogos sexuais com a finalidade de estimular-se ou se satisfazer impondo-o pela força, ameaça ou sedução com palavras, ofertas financeiras, favores, presentes, independentemente do valor e natureza. Podendo chegar até a um prato de comida.

Diante deste estudo, percebe-se que a violência vai além, muito além da sala de aula. Conflitos familiares, comunitários, a cultura, a sociedade em que o indivíduo está inserido. O tema violência é amplo e complexo, por isso precisa ser analisado com muita atenção, observando todos os envolvidos no processo.

2.3 VIOLÊNCIA NA ESCOLA

A escola vem, atualmente, desempenhando funções que acabam, na verdade, afastando-se do seu real objetivo, que é a promoção de um indivíduo formado com conteúdo, senso crítico e em processo de desenvolvimento saudável e humano. A escola é de tudo um pouco nos dias de hoje.

Percebemos, atualmente, que a violência tem crescido de forma assustadora, se multiplicando e trazendo resoluções de desentendimentos de fora da escola para dentro de seu espaço. Danos físicos, traumas, sentimentos de medo e insegurança são alguns sentimentos presentes no âmbito escolar, que prejudicam o desenvolvimento, a concentração e a aprendizagem dos alunos que ficam desestimulados a comparecer às aulas provocando reprovações, abandono e fracasso escolar (ABRAMOVAY, 2002).

Debarbieux (2002) declara que a violência estrutural está ligada às formas de negação da cidadania a indivíduos, à discriminação social, ao preconceito diante do que é “diferente”. Consideramos também forma de violência quando se nega uma educação especial a um aluno Portador de Necessidades Especiais (PNE), por exemplo, e a classificamos como violência estrutural, quando a escola desenvolve um currículo alienado da vida do aluno que não consegue captar seu sentido e tende a fracassar. (Consulte a Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Inclusão – 2008) Na perspectiva da educação inclusiva, a Resolução CNE/CP nº 1/ 2002 estabelece que as diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores da Educação Básica, define que o ensino superior deve prever uma formação docente voltada para a tenção à diversidade que contemple conhecimentos sobre as especificidades dos alunos com necessidades educacionais especiais. De acordo com a Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Inclusão/2008 o Decreto nº5.626/05 que regulamentou a Lei nº 10. 436/2002 visa a inclusão dos alunos surdos, e também dispôs a inclusão de Libras como uma disciplina curricular, também dispõe sobre a formação e a certificação de professor, instrutor e tradutor/ intérprete de libras, já o ensino de língua portuguesa surge como uma segunda língua para alunos surdos e a organização da educação bilingue no ensino regular. (me ajuda a colocar isso nas referências bibliográficas)

Segundo o mesmo autor, as violências podem ser classificadas de duas formas: as de naturezas exógena e endógena. Exógena é aquela ocorrida do lado de fora da escola, tais como pichação, depredação, tráfico de drogas, entre outras. Este tipo de violência, embora ocorra fora da sala de aula, traz consequências de agressividade para o âmbito escolar. Já a violência endógena é aquela que ocorre por parte da instituição escolar para com o aluno, logo, neste caso, a violência é praticada pelo profissional da escola contra o aluno. Falta de diálogo, humilhação, punições, apelidos, dentre outros, são exemplos desse tipo de ação. Assim o aluno fica agressivo pelas constantes humilhações e descaso da escola podendo tornar violenta sua atuação quando estas mágoas se manifestam.

Outro tipo de violência frequente nas escolas vem das famílias que querem resolver suas diferenças de opiniões ou mesmo inquietações em favor do filho/aluno contra a escola e contra o profissional, culpabilizando-os pela máquina da educação, que tem sido insuficiente muitas vezes. As famílias culpam e responsabilizam somente a escola pela indisciplina do aluno e argumentam sobre ideias de senso comum como: má preparação das aulas, conteúdos defasados e limitação de conhecimentos exigidos. Essas atitudes, muitas vezes violentas, por parte da família, necessitam de uma análise minuciosa.

A ONU (2006), em seu relatório sobre o estudo da violência contra crianças, observa que

castigos corporais, formas cruéis e humilhantes de punição psicológica, violência sexual e com base no gênero e intimidação são algumas formas de violência. Os castigos corporais, como bater em crianças com as mãos ou varas, ainda são uma prática comum nas escolas de muitos países
(ONU, 2006, p.4).

Segundo Abramovay (2002), a violência contra o patrimônio, o espaço e o equipamento escolar, às vezes, sem o furto de bens, surgem como ato de reação social contra a escola. Deve-se fazer uma leitura desta ação que pode ser observada como exibicionismo, cujo objetivo é chamar atenção (rebeldia de adolescente), protesto contra os pais, gestores escolares ou contra a escola, sociedade ou governo.

Muitos trabalhos acadêmicos descrevem vários tipos de violências que acontecem no espaço escolar. Charlot *apud* Cubas (2007) classifica três tipos delas, para melhor

compreensão do objeto de estudo: a primeira, a violência na escola que acontece no espaço escolar, ou seja, alguém invade a escola e suas dependências para cometer o ato violento. Outro tipo seria a violência à escola, em que a ação acontece diretamente contra a instituição escolar como depredação de patrimônio, ou contra aqueles que representam a instituição, entre gestores e profissionais da educação. Um terceiro tipo seria a violência da escola, cujas vítimas são os próprios alunos. Pode ocorrer entre professores e alunos, servidor e aluno, direção, etc.

A humanidade, de uma maneira geral, carece de conscientização acerca da necessidade de nos empenhar numa cultura da paz e, sobre isso, Paulo Freire diz que

[...] não é possível refazer este país, democratizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

(FREIRE, 1997, p.15)

Percebe-se, no interior das escolas, famílias sem paciência, intolerância com o outro, mentalidade de prioridade e imediatismo para tudo. Por isso, surge a necessidade de uma cultura com bases na solidariedade, na tolerância, no respeito a todos os direitos individuais. (DEBARBIEUX, 2002).

Uma pesquisa realizada pela revista VEJA, edição de janeiro de 2012, informa que uma das principais explicações para a indisciplina no ambiente escolar é a falta de orientação em casa. Assim, o indivíduo não assimila regras básicas de socialização e integração social e entende que tudo é permitido. Informa ainda que problemas familiares, abuso e violência doméstica, excessiva proteção dos pais, influências negativas, carências sociais, dentre outros, são as maiores causas de violência escolar.

Outro ponto importante destacado na reportagem é a desmotivação e desinteresse dos alunos, interferindo no seu rendimento final. Métodos de ensino inadequados deixam, muitas vezes, o aluno perdido e isto pode torná-lo agressivo na realização de ensino-aprendizagem. A forma de intervenção do professor e/ou coordenação deve ser a de não induzir à violência, utilizar uma linguagem e abordagem assertivas, proporcionando diálogo, clareza e entendimento entre as partes, dando o mesmo valor à fala dos envolvidos no processo.

Não há uma fórmula exata de resolução dos conflitos e da indisciplina na escola, cada situação é única, vale muito a experiência profissional para administrar as mais diferentes situações. É certo que a pobreza, o desemprego, a falta de oportunidades para os jovens faz com que aumente a onda da violência na sociedade e, principalmente, na escola onde esses jovens ficam ou passam uma grande parte do dia.

De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Direitos Humanos, o Brasil ocupa 5º lugar no ranking mundial de feminicídios, perde apenas para El Salvador, Colômbia, Guatemala, Rússia que tem altíssimos casos de assassinato de mulheres. Apresentamos abaixo gráfico criado pela autora desta pesquisa com dados do site do Alto Comissariado das Nações Unidas para Direitos Humanos (ACNUDH):

Quadro 9 - Dados de assassinato de mulheres no Brasil em relação aos países desenvolvidos:

48 vezes mais que o Reino Unido
24 vezes mais que a Dinamarca
E 16 vezes mais que Japão ou Escócia

Fonte: Alto Comissariado das Nações Unidas para Direitos Humanos (ACNUDH)

A situação é tão grave que no Brasil, entre 2003 e 2013, a conta passou de 3.937 casos para 4.762 mortes. Em 2016, uma mulher foi assassinada a cada duas horas no país, segundo dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Inclusive, ocorreu uma alteração no Código Penal Brasileiro (CPB), incluindo a Lei 13.104/15 que tipifica o feminicídio como homicídio sofrido por mulheres por sua condição de mulher. Com isso, passa a haver uma diferença entre os crimes. O homicídio prevê pena de 6 a 20 anos de reclusão, já o feminicídio, assassinato de mulher em função do gênero, é considerada mais grave, hediondo e a punição mais severa iniciando com 12 anos de reclusão.

Estas informações são muito importantes para esta pesquisa, visto que quando se alerta na escola: “homem não bate em mulher”, os próprios alunos confirmam que seus pais, seus irmãos e vizinhos batem e espancam suas mulheres, então os alunos tratam este assunto com muita normalidade.

A violência escolar ainda precisa ser muito discutida; e demanda de análises mais aprofundadas, sendo assim, a violência na escola deve ser entendida como psicossocial e cultural. São histórias que vão muito além dos muros da escola.

A violência na escola é uma questão muito séria e também muito complexa. Requer um olhar cuidadoso. Ela é observada na própria sociedade como um todo. No cotidiano escolar, percebem-se várias formas de violência tais como: pessoais, institucionais, psicológicas, físicas e outras mais. No entanto, todas geram pressões que podem causar vários tipos de explosões em determinados momentos e situações.

Os profissionais da educação e alunos podem ser considerados vítimas e também agentes destas violências. Alunos que se veem injustiçados pela falta de atendimento a suas necessidades e pela falta de sentido no que estão aprendendo tornam-se menos tranquilos em suas relações.

Por outro lado, profissionais da educação esgotados, com rotinas puxadas, sem condições adequadas de trabalho, deparam-se com conflitos adversos na arte de ensinar conteúdos e precisam gerenciar os atos de violência e muita indisciplina. Todos reféns de situações degradantes no que tangem ao preconceito, a humilhações e ao desrespeito. Segundo a revista Rede Brasil Atual (2019), 5 de cada 10 professores já sofreram algum tipo de violência nas dependências da escola que lecionam, 51% em 2017 e 44% em 2014. Entre os estudantes, 37% declararam ter sofrido algum tipo de violência, como *bullying* e discriminação. A pesquisa ouviu 1000(um mil) estudantes e 701 professores em todo o estado de São Paulo, entre setembro e outubro de 2019.

A violência escolar perpassa os muros da escola. O tema central deste estudo é a violência escolar por parte de discentes contra discentes, mas é preciso salientar que os docentes também estão muito expostos a esta realidade. Muitas vezes, encontram-se numa situação em que, trabalhando em escolas privadas, são impedidos de fazer denúncias e até se queixar das violências que têm sofrido por medo de serem demitidos. Segundo o Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo (SINDIUPES), em 2017, 40% dos professores da rede pública já havia sofrido algum tipo de violência.

Passos (2019), em sua pesquisa no jornal “A Ilha”, relata o caso de um professor que leciona nos municípios de Serra e Vitória e que sofreu agressões por três anos consecutivos e, depois de um período de licença, ao voltar ao mercado de trabalho, passou a sofrer novas agressões em uma das escolas. O autor destaca que a violência geralmente decorre de o aluno não querer fazer as atividades, não ouvir o que o professor tem a falar, diante de algo ou alguém que os impeça, irrompem em arroubos de agressividade. Esta falta de controle pode resultar em conflitos muito maiores no futuro, tais como problemas sociais e familiares, com grande impacto sobre casamentos e relacionamentos dos membros da família.

Segundo Santos (2017), ao pesquisar a violência na escola, verificou-se que o Maranhão figura entre um dos estados com maior índice de violência do país, de acordo com o Mapa da violência de 2013. Neste sentido, entende-se que a escola é parte e reflexo desta sociedade violenta. Estudos realizados pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) fazem esse mapeamento nas instituições de ensino da rede Municipal de Bacabal sobre as situações consideradas violentas no ambiente escolar. Uma mestra em Educação desenvolveu um projeto de extensão chamado Arena da Paz no qual realiza palestras, oficinas e ações junto ao corpo docente e aos alunos do sexto ao nono anos do ensino fundamental; e este projeto tem por objetivo diminuir a violência dentro da escola.

A pesquisa analisa situações violentas, agressores e vítimas destas ações. É uma tentativa de resgate ao diálogo na escola, ajudando a reprimir a violência verbal e física, transformando um ambiente hostil em uma cultura de paz, também tem a intenção de resgatar a positividade das atividades desenvolvidas na escola e que, muitas vezes, são ignoradas e ou despercebidas.

Por envolver diferentes setores da sociedade, a discussão chega ao âmbito dos direitos humanos, tentando encontrar condições de respeito, diálogo não só entre as crianças e adolescentes, mas também em todos os envolvidos no corpo escolar e a comunidade. A ideia da criadora do projeto foi transformar esta arena de conflito em um lugar de paz, acreditando que a escola é um lugar onde se é feliz, onde conquistamos amizades que ultrapassam os muros da escola.

O Estatuto da Criança e do adolescente (ECRIAD) em seu artigo 4º, aponta que a promoção de um desenvolvimento saudável e a proteção através de um acesso a uma boa qualidade de vida, à alimentação, à educação, ao convívio familiar e comunitário são direitos dos jovens; e a efetivação deles é responsabilidade da família, comunidade, da sociedade e do poder político.

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

(BRASIL, 1990, art. 5º, p.3).

Manchete nos noticiários, a escola de Suzano, São Paulo, vivenciou em 2019, momentos de pânico e horror por ex-alunos que decidiram tirar a vida de alguns de seus colegas e depois deram fim a suas próprias vidas. Espetáculo de horror tem sido as brigas de adolescentes como se vê no relato de Rocha (2019), em que duas alunas iniciaram uma briga em sala de aula e vários colegas tentaram impedir, professores tentaram separar, mas foi preciso chamar os responsáveis e, ainda assim, a briga entre elas continuava mesmo fora da sala de aula. Só teve fim quando uma das mães conseguiu pegar a filha desmaiada no chão. Um dos pais de alunos chegou a relatar que aquela briga tinha rendido: uma mãe presa e uma filha machucada. Segundo este mesmo pai, a briga anterior deu tempo de os professores conterem a situação e o diretor da escola chamar a polícia. Notícias como estas realmente são lamentáveis, pois, um lugar que deveria ser exemplo de educação, vira palco de tal violência. Um dos alunos ainda disse que em várias outras brigas anteriores o diretor preferiu abafar o caso, não chamar a polícia, para não colocar a escola em escândalos. De acordo com o ECRIAD, Art. 13:

Os casos de suspeita ou confirmação de castigo físico, de tratamento cruel ou degradante e de maus-tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade sem prejuízo de outras providências legais

(BRASIL, 2014, p.1)

Segundo este artigo, ninguém deveria se omitir de tomar as devidas medidas de intervenção em relação à existência de brigas na escola. Cabe ao professor, ao diretor, ao coordenador, ao porteiro tomarem providências ao observar a violência ocorrer na escola, como por exemplo notificando esses casos ao órgão competente, neste caso, o Conselho Tutelar.

Sabe-se que a violência no Brasil tem alcançado números alarmantes. Muitos são os noticiários com jovens vivendo situações de horror. Podemos nos lembrar de vários casos, inclusive de um dos mais recentes e maiores, ocorrido na escola de Suzano São Paulo. Segundo Vargas (2020), no dia 13 de março de 2019, quando ex-alunos da escola, um de 17 anos e outro de 25 anos mataram 08 pessoas, inclusive um dos mortos era tio de um dos autores. Ainda feriram mais 11 pessoas. Depois de todo este cenário de horror um dos autores atirou no comparsa e logo depois se suicidou.

Estes acontecimentos devem servir de reflexão. Por isso, é necessário que se dê atenção e que se estabeleça diálogo com os jovens, para que sejam ouvidos e, desta forma, seja possível a resolução de conflitos surgidos dentro, fora da escola, no seio familiar, que geram reflexos e dor em toda sociedade.

No Espírito Santo temos vários relatos de brigas, dentro e fora da Escola, adolescentes que filmam nos seus celulares e distribuem, compartilham as imagens com intensão de transmitir poder, ter domínio ou simplesmente para cometer *bullying*.

Ainda no mesmo estado, foi noticiado pelo periódico Gazeta online em 14/03/2019 que um aluno de uma escola, no bairro São Pedro, em Vitória/ES, diz que “[...] se vacilarem ele entra na escola armado e, ele vai entrar no colégio e matar todos a tiro”. Deste modo, percebe-se uma banalização da vida, falta de respeito pelo próximo e pelas autoridades constituídas.

Almeida (2019) evidencia que a indisciplina escolar tem sido intensa e desafiadora nas séries finais do Ensino Fundamental. Seus estudos buscam analisar os possíveis impactos causados pela problemática na aprendizagem dos estudantes. Além disso, a pesquisa tem o objetivo de identificar as maiores incidências de indisciplina escolar e realizar a descrição de ações utilizadas pela escola, situada em Mantenópolis/ES, para minimizar os casos analisados.

Já na Serra (ES), percebemos reflexos de brigas de gangues, bem como daquelas ocorridas por relacionamentos amorosos que culminam em discussões, além dos desentendimentos que culminam em tiros e até conseqüentes mortes. Exemplo disso, de acordo com Almeida (2019), foi o caso dos jovens que entraram armados na escola

em Vila Nova de Colares, na Serra/ES, deixando pânico e terror no dia 03/12/2019, tudo isso para resolver uma discussão que se iniciou fora do ambiente escolar.

Logo, percebe-se grande incidência e reiteradas ações violentas dentro e fora do âmbito escolar, trazendo insegurança e pânico, o que dificulta qualquer iniciativa de discutir a temática. É preciso trabalhar a tolerância, a compreensão e o respeito, seja na escola ou no seio familiar, que é uma grande extensão da escola. Como consequência de toda esta violência, percebe-se a indisciplina, falas agressivas, ataques físicos, *bullying*, entre outras situações conflitantes.

Tanto Eccheli (2008) quanto Moço (2009) explicam que a busca pelo ambiente motivador pode estabelecer entre professores e alunos um clima mais favorável à aprendizagem, no qual o aluno passa a ter interesse pelo conteúdo, o que lhe desperta o desejo de aprender coisas novas. Desta maneira, segundo eles, o professor deve estar atento a trabalhar conteúdos acerca do convívio social, da moral e da humanidade.

Para além disso, Vasconcellos (1994) deixa claro que a indisciplina escolar pode ser combatida com ajuda e com a disciplina da própria família, quando o aluno é corrigido em casa e seus erros não são ignorados, mas corrigidos com maturidade. Enfim, a situação pode melhorar quando as tarefas escolares são cobradas e os profissionais da escola passam a ser tratados de maneira respeitosa.

Muitas vezes, a indisciplina tem sido confundida com violência escolar. Garcia (2006) defende que a indisciplina interfere no processo pedagógico em sala de aula. Segundo o teórico, este problema vem de causas internas, no próprio âmbito escolar; e causas externas, vivência social, grupo familiar e até influência dos meios de comunicação. “Deste modo a interação entre este meio é muito forte, e fica até difícil imaginar que a indisciplina se estabelece de uma única causa ou um único agente” (Garcia, 1999, p.104).

Torna-se visível que a violência escolar tem causas e também várias consequências graves, por esta razão é primordial que haja tomada de decisão para a construção de medidas que atenuem ou resolvam o problema. O comprometimento da família, da

escola, de especialistas da educação e do psicólogo escolar é fundamental para criar iniciativas de debates e fórum de conversas, nos quais todos tenham a oportunidade de expressar as situações do cotidiano escolar. É necessário criar atividades que estimulem diálogos, possibilitando a construção de relacionamentos sólidos, geradores de empatia. Tudo isso pode ser um diferencial para diminuir a violência e indisciplina escolar.

2.4 FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

O papel social da escola cumpre uma função social, uma vez que surge de uma produção social. De acordo com Saviani (1985), a função da escola é ensinar e transmitir os conteúdos construídos historicamente pela sociedade. A educação do indivíduo pela instituição escolar é reconhecida por seu caráter oficial. A sociedade humana tem se estruturado em instituições sociais como forma de preservação e transformação dos conhecimentos e valores. Há muito tempo, a escola vem sendo vinculada aos processos educativos. Sem dúvida, tais processos são de muita importância para a condição de sobrevivência e humanização do homem. Deste modo, Cortella (1999) faz referência à educação intencional.

É possível considerar que numa comunidade de grupos humanos antigos, a educação passada de pais para filhos possa ter sido maravilhosa, distribuindo um saber acumulado do cotidiano. Porém, na sociedade moderna, com a aceleração de informações e a complexidade do saber que se renova, é totalmente inadmissível achar que uma só pessoa e/ou comunidade seja capaz de deter para si a totalidade do saber. Por isso, é importante a existência de uma instituição destacada para esta tarefa (Paro, 2012, p. 136). Coadunando, Freres e Rabelo (2008) destacam que, no exercício de sua função, a escola contribui para a reprodução social. No sistema capitalista, embora continue transmitindo valores, atitudes e conhecimentos, a escola sempre aponta para a classe dominante.

Coimbra (1989) percebe que as visões apresentadas sobre a instituição escolar são ingênuas e idealistas, marcadas pelos mitos da igualdade social, neutralidade e cientificidade. Diz ainda que “[...] a escola é colocada como aquela acima das classes como se agisse de forma a se fortalecer e desenvolver” (COIMBRA, 1989, p. 2). Ainda

neste sentido, Paro (2012) afirma que devido o capitalismo ter surgido após a instituição escolar, houve uma generalização social da escola.

A instituição escolar tem a oportunidade de repensar suas práticas a fim de caminhar rumo a novas propostas, capazes de transformar a formação do indivíduo para uma emancipação humana. Entretanto, não se pode responsabilizar a escola por resolver as mazelas sociais e a promoção delas. A escola tem seu papel transformador no sentido de contestar, disseminar e promover consciência crítica e qualificada frente às questões sociais, visando igualdade, liberdade e justiça social. Por esta razão, é preciso dar a devida importância de a escola estar inscrita e inserida no campo da argumentação e diálogo com os movimentos sociais, com conselhos de direitos, com os sindicatos, com as associações, com os serviços vinculados à política de assistência social e com outras políticas sociais, atuando de forma crítica e reflexiva. (TONET, 2013).

Tonet (2013) ainda destaca o caráter emancipador que a escola deve fornecer. Não apenas com conteúdo programático, mas também com os culturais que superam os conteúdos tradicionais, tais como: linguagens, expressões artísticas e práticas sociais. O teórico também propõe conhecimento e domínio da natureza específica da Educação, apropriação do conhecimento histórico e origem do capitalismo, articulação das atividades educativas com as relações sociais e de trabalho. Deste modo, a escola segue uma visão de que precisa incentivar os alunos à reflexão para além da imediatividade.

Apesar de tantas transformações ocorridas no decorrer da história, a escola continua mantendo-se coerente com a sua tradição de socializar o saber. Neste sentido, sua função social é o desenvolvimento das capacidades do indivíduo, a fim de torná-lo um cidadão participativo, crítico da sociedade em que vive. Que ele seja capaz de agir de forma ativa, apresentando conhecimento e desenvoltura. Desta forma, com a orientação escolar, o aluno poderá exercer seus direitos de cidadania.

De acordo com Durkheim (2013), a educação deve formar indivíduos que se adaptem à estrutura social vigente, e tem como objetivo instruir e manter a ordem social, cabendo ao estado ofertá-la e supervisioná-la. Para Karl Marx (1860), a educação não

pode ser vista como reprodutora dos valores do capital, mas sim deve ser encarada como instrumento de transformação social. Já para Max Weber (1913), a escola deve servir para preparar os homens para exercer funções dentro da sociedade, tendo uma educação racional, o que seria habilitar o indivíduo para a realização de uma determinada tarefa lucrativa numa sociedade estratificada, racionalizada e burocrática.

Segundo Oliveira (2014), a educação é tratada como leis, regulamentos, aumento de vagas, interesses de professores, ou seja, como algo estático, sem debates. Os interesses politiquieiros a tratam como uma estratégia eleitoreira, serve de argumento para um discurso voltado ao crescimento de vagas, geração de empregos para professores, sem preocupação com a essência e o objetivo.

Assim, podemos observar a superficialidade e o descaso com o qual a escola é tratada nas discussões e debates como sendo uma cultura de suprir a carência, remediar o que falta, “educação ostensiva”. O importante seria assumir a postura preventiva, ir além dos objetivos próprios e básicos da escola, planejar e trabalhar com metas e prazos que deverão ser cumpridos à risca.

De acordo com o exposto, responde-se ao questionamento sobre a função social da escola, mas ainda fica a indagação a respeito de como a violência se instalou na escola.

2.5 O PROCESSO DE MEDIAÇÃO DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA: O PAPEL DE GESTORES E PROFESSORES

O ambiente familiar é uma grande variável para a promoção do desenvolvimento e aprendizado da integração social. Uma família saudável e perceptiva acerca da educação dos filhos pode detectar ações conflitantes e as tornar motivo de aprendizado para seus integrantes. Quando este estreito familiar não acontece, muitas vezes, o conflito vem parar na instituição escolar, onde gestores e professores precisam estar na linha de frente para solucionar o conflito. Com isso, vários gestores e professores têm se capacitado com temas a fim de solucionar ou atenuar os conflitos na escola entre discentes, pais e docentes.

Segundo Esquierro (2011), em suas formações, os professores são capazes de identificar com clareza suas próprias responsabilidades e campo de ação, com medidas preventivas à violência, tais como diálogo, observação, intervenção. Fica bem claro também que cada um tem o seu papel nestas ações preventivas: professores, diretor e pais assumindo sua responsabilidade nas ações de correção e disciplina. O teórico ainda destaca que a escola não é uma ilha, mas parte integrante de uma comunidade.

Busch e Folgger (1994) dissertam que o mediador deve proporcionar a comunicação, o diálogo e estabelecer ligações. Freire (1996), de forma sábia, descreve que o mediador deve estar atento aos “sem voz”. Desta forma, o papel da mediação deve ser feito principalmente por aqueles que estão no cotidiano escolar, presentes nas ações do dia a dia, na sala de aula e no acesso aos espaços escolares. Todos são convidados a participar neste processo, professores, gestores, pais, profissionais que atuam na escola e comunidade, pois a violência cresce de forma silenciosa e, em dado momento, encontra espaço para explodir.

De acordo com Chauí (2007), a violência é uma prática, uma ideia que remete o sujeito à condição de coisa, violando seu interior e exterior, estabelecendo relações de desigualdades sociais, econômicas e culturais. Nessa relação desigual não existe reciprocidade entre os indivíduos.

A escola é um espaço importante para estabelecer contato social, novas amizades e, de acordo com Vygotsky (2007), é na relação com o outro que nos reconhecemos, construímo-nos subjetivamente, sendo influência e sendo influenciados. O contato com o outro permite um compartilhar e propicia o aprendizado.

Neste sentido, Macedo (2002) diz que a visão da escola deve ser de se apropriar daquilo que precisamos, urgentemente, de uma mudança no processo curricular, de estabelecer áreas de contato e momentos entre os alunos que possam servir para o crescimento e desenvolvimento deles. Ter em vista que os erros, as dificuldades expressas por alunos são resultantes do que eles realmente têm retido. As dificuldades dos alunos sugerem pistas para todos os professores que os observam atentamente.

Considerar possibilidades e estabelecer diálogos com professores novos e que têm desejo estes tipos de mudanças constitui um caminho possível para os mediadores e gestores. A criação de espaços destinados à troca de experiências, nos quais se expressem as angústias e os sucessos, pode ser um caminho para a construção de uma tessitura de redes também. Essa tessitura de redes surge como uma nova visão, na qual todos constroem juntos um currículo novo que permite uma abertura ao diálogo entre alunos, professores, gestor, secretaria, pais e comunidade.

A criação de espaços destinados à troca de experiências deve proporcionar a todos estes envolvidos uma efetiva participação no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, lugar de expressão, deixando evidente uma horizontalização de poder de um sobre os outros e cada pessoa ou grupo sendo valorizado no seu saber específico e na sua condição de cidadão. Não seria um autoritarismo, mas uma rede de relações de autoridade partilhada.

Podemos entender ou, pelo menos, procurar saber a raiz do problema através de diálogo sobre fatos e situações já ocorridos em outros momentos ou anos anteriores. Expor, ouvir e ser ouvido pode ser um meio de despertar, tratar e curar.

Relembrando casos ocorridos em outras escolas e que despertam o olhar para um melhor entendimento, partindo de Laranja (2020) que, em sua pesquisa, relata o mais famoso e conhecido massacre em escolas acontecido em Columbine, EUA, 20 de abril de 1999. Neste evento, dois estudantes invadiram a escola e deixaram um rastro de horror com 13 mortos e 21 feridos. Logo depois, os autores cometeram suicídio. Os dois estudantes planejaram tudo com antecedência, compraram armas e deram execução ao plano.

Figura 1 - Massacre de Columbine



Fonte: [gettyimages](https://www.gettyimages.com.br/fotos/massacre-de-columbine-high-school). Massacre de Columbine. Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/fotos/massacre-de-columbine-high-school>. Acesso em: 15 de set. 2021.

No Brasil, não havia notícias, até então, de nenhum caso similar ao que ocorreu em 7 de abril de 2011, no bairro de Realengo, na cidade do Rio de Janeiro, quando o ex-aluno Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, invadiu uma sala de aula da escola Municipal Tasso da Silveira e matou quatro (04) estudantes, fez disparos em outra sala de aula matando mais oito (08) alunos e logo após cometeu suicídio. Depois de várias investigações, a autoridade policial encontrou vários vídeos que mostraram que o Wellington já planejava o crime.

Figura 2 - Massacre em escola no bairro do Realengo, RJ



Fonte: <https://bitly.com/RUyWB>

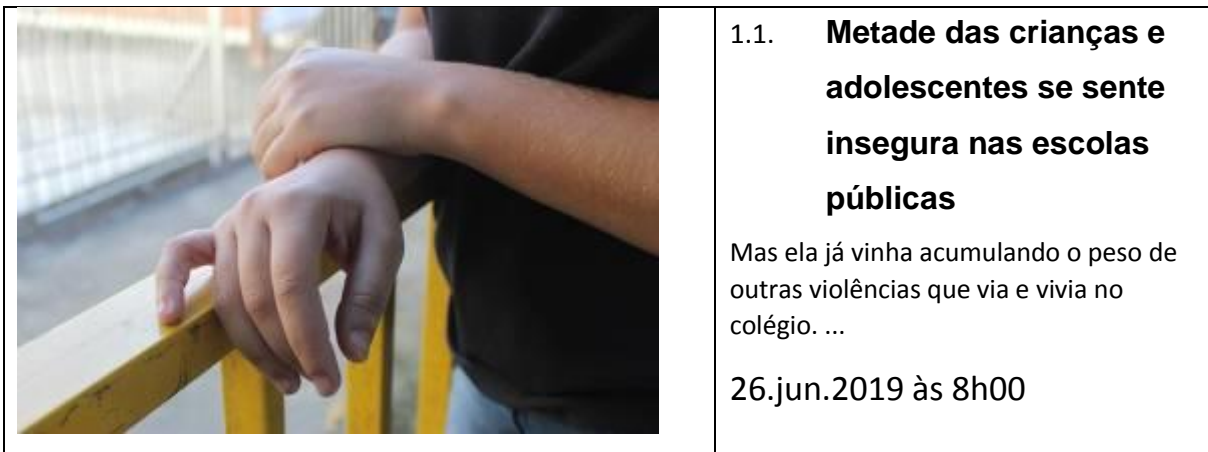
Em Suzano, no estado de São Paulo, em março de 2019, novamente temos um ataque à escola, onde os ex-alunos Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos; e Luiz Henrique de Castro, de 25 anos, entraram na Escola Raul Brasil e mataram cinco (05) estudantes e duas (02) funcionárias e, em seguida, cometeram suicídio. Pelas investigações da polícia paulista, há indícios de que eles planejaram o crime e, inclusive, tinham o desejo de superar o massacre de Columbine, EUA.

Figura 3 - Massacre em escola de Suzano, SP



Fonte: <https://bitly.com/d0k0l>

Figura 4 - Insegurança nas escolas públicas



Fonte: Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/06/metade-das-criancas-e-adolescentes-se-sente-insegura-nas-escolas-publicas.shtml>. Acesso em 15 de set. de 2021.

Esta e outras reportagens têm provocado grande preocupação, ao passo que retratam a realidade, no que diz respeito ao âmbito escolar. Importante ressaltar que o espaço escolar deveria ser um ambiente agradável de socialização, relações de amizade, as quais seriam levadas e lembradas com carinho por toda vida.

Em uma forma de minimizar a dor causada pelos autores dos massacres e para fazer a ausência das vítimas menos dolorida, Realengo tem no seu pátio um monumento denominado Anjos da Paz.

3 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos foram definidos tendo como base:

- a) Na natureza do tema escolhido;
- b) Nos objetivos propostos;
- c) No referencial teórico desenvolvido.

3.1 NATUREZA DO ESTUDO:

A pesquisa busca conhecer e compreender os registros de violência ocorridos numa escola municipal da Serra/ES, situada em Nova Carapina; e o impacto produzido no desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem dos alunos da referida escola. Aqui pretendemos evidenciar a visão dos envolvidos no processo, tais como profissionais da escola que trabalham sob situação de perigo, alunos que convivem diariamente em ambiente extremamente violento, pais que apesar de não estarem diretamente ligados às brigas dos alunos, mas presenciam seus filhos alterados por tal violência.

A abordagem qualitativa está adequada ao trabalho desenvolvido, tendo em vista que permite uma compreensão profunda de certos acontecimentos sociais. Segundo Minayo (2012), a matéria prima do método qualitativo é a vivenciada no cotidiano, nas falas do dia a dia. Este tipo de abordagem favorece a compreensão dos sujeitos envolvidos, levando em consideração o ponto de vista e a experiência deles. O método qualitativo é flexível e adaptável ao contexto permitindo melhor interação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa.

Para Pope e Mays (2005), na pesquisa qualitativa, há uma vinculação entre vivências e interpretação dos fenômenos sociais. Estes entendem que este tipo de pesquisa

[...] está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.) em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa.

(POPE; MAYS, 2005, p.13).

Para SEVERINO (1984) este tipo de pesquisa possibilita-nos interpretar o que estamos pesquisando, observando e ouvindo. De forma que possamos tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, superar a estrita mensagem do texto, explorar toda a fecundidade das ideias expostas, e cotejá-las com outras, dialogando com o autor.

Nesse tipo de pesquisa obtém-se os dados descritivos no contato entre pesquisador com o fenômeno estudado, quando o processo é o mais importante como pontuam Ludke; André (2014). Segundo Pope e Mays (2005), uma das características importantes deste tipo de pesquisa é que o fenômeno é pesquisado no ambiente no qual ocorre e não em ambientes artificiais ou experimentais. Richardson (1999) salienta ainda uma direção que este tipo de metodologia possibilita tomar ao dizer que o caminho escolhido oferece-nos uma melhor compreensão dos comportamentos dos indivíduos, contribuindo no processo de transformação de determinados grupos e de realidades vivenciadas.

Uma pesquisa qualitativa é um tipo de investigação linguístico-semiótica, usada principalmente em ciências sociais, que consideram técnicas qualitativas. Todas as pesquisas que se diferenciam da estatística e do experimento científico, ou seja, entrevistas abertas, grupos de discussão ou técnicas de observação de participantes.

A investigação qualitativa não faz o uso principal da representação estatística, mas os problemas são minimizados através de diversas técnicas, entre elas a pesquisa e permanência no campo de pesquisa. O método mais adequado à pesquisa é aquele que permite refletir e visualizar a realidade na qual se encontra o objeto de pesquisa. Isso, no entanto, não significa que não se possa utilizar dados quantitativos para ajudar nas explicações qualitativas. Trabalhos mais recentes têm demonstrado afinidade entre pesquisa qualitativa e quantitativa. Pope e Mays (2005, p. 14) afirmam que “[...] os métodos qualitativos e quantitativos estão sendo cada vez mais usados juntos para responder a questões de pesquisa”.

Seguindo essa assertiva, Minayo evidencia que pesquisas qualitativas e quantitativas não são incompatíveis, para a autora ainda,

[...] investigação de cunho quantitativo pode ensejar questões passíveis de serem respondidas só por meio de estudos qualitativos, trazendo-lhe um acréscimo compreensivo e vice-versa; que o arcabouço qualitativo é o que melhor se coaduna a estudos de situações particulares, grupos específicos e universos simbólicos; que todo o conhecimento do social (por método quantitativo ou qualitativo) sempre será um recorte, uma redução ou uma aproximação; que em lugar de se oporem, os estudos quantitativos e qualitativos, quando feitos em conjunto, promovem uma mais elaborada e completa construção da realidade, ensejando o desenvolvimento de teorias e de novas técnicas cooperativas.

(MINAYO, 2014, P. 76)

O fato de ter optado pela metodologia qualitativa não implica dizer que não tivéssemos trabalhado com dados quantitativos. Esses dados numéricos foram importantes fontes de pesquisa e auxiliaram bastante a análise qualitativa. Todos os métodos e técnicas que enriquecem a pesquisa podem e devem ser utilizados.

A intenção era fazer a pesquisa com um contato direto com os envolvidos no processo e a comunidade escolar. Porém, por causa do isolamento social decretado pelo governo em razão da pandemia da Covid-19 e como existe flexibilidade nas ações do pesquisador, tivemos que realizar nossa pesquisa de forma virtual, sem contatos físicos, mas com total interação e participação dos entrevistados através de formulários aplicados por aplicativo *Google forms*.

As técnicas de coleta, assim como a variedade de fontes apresentadas possibilitaram uma descrição da realidade apresentada. Não foram feitas deduções, mas sim descrições de situações reais vivenciadas pelos próprios entrevistados, interpretando a realidade estudada.

Foram realizados alguns ajustes e reformulações no que se refere aos instrumentos utilizados tais como população, amostra, estratégias de coleta, etc. Os instrumentos principais para a realização dessa pesquisa foram os formulários *Google* e as plataformas de videoconferência e, diante da inviabilidade de aplicação e utilização de alguma destas, ligação por telefone. Em virtude do distanciamento social recomendado pelas autoridades de saúde, levando em consideração a pandemia de Covid-19 que assola o mundo, priorizamos os caminhos virtuais, o que por um lado aumenta e otimiza o tempo de resposta por parte dos entrevistados, e por outro lado, pode constituir-se uma adversidade, em virtude de que nem todos possuem equipamentos eficazes de acesso à internet.

Ao realizar este trabalho retratando e analisando os hábitos dos discentes na escola, entende-se como necessário firmar ações práticas que possam contribuir para que o ambiente escolar possa se tornar um ambiente mais saudável e agradável a todos os envolvidos no espaço escolar.

O fator tempo gerou muita incerteza, indisponibilidade e limitações, visto que, com o isolamento social, as instituições de ensino fecharam as portas. Uma dissertação de Mestrado tem de cumprir prazos pré-estabelecidos pelo programa de Pós graduação, mesmo assim foram reagendadas as visitas à escola, as entrevistas, em sua maioria foram feitas de forma virtual com acesso à plataforma *Google forms*.

Utilizamos, ainda, como fontes dois cadernos de ocorrências nos quais são registradas atitudes de violência praticada pelos discentes referente ao ano de 2019. Uma excelente contribuição na tomada de decisão foram:

- a) As discussões travadas nos horários de recreio e planejamento com os professores;
- b) A revisão de literatura com vários casos citados e ocorridos nas instituições de ensino;
- c) Minhas experiências anteriores em salas de aula em várias instituições de ensino, seja particular, pública ou religiosa;
- d) A disposição e interação dos meus colegas de trabalho, profissionais de educação, em procurar respostas para solucionar tantas situações de violência escolar.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Para definição dos sujeitos da pesquisa foi realizada uma visita à escola, num período em que alunos estavam vivendo em ambiente escolar normal, pré-pandemia COVID-19. Nossa amostra estatística é de aproximadamente 50 pessoas em um universo de cerca de mil, o que corresponde a cerca de 5,0% do público total da escola, e 12,5% do total do turno matutino. Em relação ao corpo discente e aos profissionais da escola, a maioria dos participantes da pesquisa convivem há anos naquela escola, tendo

presenciado seus eventos recentes mais críticos, o que aumenta o grau de certeza e confiabilidade da pesquisa.

Quadro 10 - Sujeitos participantes da pesquisa

SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	
Diretor	01
Pedagogo	03
Coordenador	03
Professor	17
Alunos	18
Pais	8

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa

Para cada tipo de sujeito tivemos escolhas diferentes. Diretor, pedagogo e coordenador, por serem os profissionais da escola. No caso dos professores, escolhemos a totalidade dos professores. No caso dos alunos, escolhemos os que tinham maior número de registro no livro de ocorrências da escola. No caso dos pais, forma escolhidos aqueles pais cujos filhos tinha maior número de registro no livro de ocorrências. O convite aos entrevistados da pesquisa se deu por telefone, cujos número nos foi fornecido pela escola.

3.3. LÓCUS DA PESQUISA

A referente escola onde foi feita a pesquisa se localiza no bairro Nova Carapina na Serra ES. É um bairro onde existe muita agitação e violência noturna. Os alunos em sua grande maioria residem no mesmo bairro ou bem próximo da escola. A escola funciona nos 3 horários: Manhã, Tarde e Noite. Tem em média 1000 alunos matriculados, mais de 50 professores em sua maioria com contratos de designação temporária.

3.4 INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Utilizamos como instrumento de pesquisa a aplicação de questionário, de perguntas abertas e fechadas. Os questionários foram enviados aos participantes pela

Plataformas *google forms*. Os respondentes dos questionários tiveram tempo estipulado para responder e nos enviar as respostas no prazo de cinco dias. Após as respostas, deveriam nos remeter por correspondência eletrônica as suas respostas. Utilizamos a ferramenta *google forms* para enviar os questionários para as pessoas, cujos endereços eletrônicos foram fornecidos pela escola e alguns alunos contatados via celular. Os alunos e os pais foram contatados através de celular fornecido pela secretaria da escola. A maioria dos pais foram contatados pelo telefone registrado nas reuniões de pais.

Além do questionário realizamos ainda análise documental que nos foi disponibilizada pela escola. Esta referia-se ao livro de ocorrências ou de registro dos casos de violência praticados na escola. Deste modo, integram-se as informações para uma melhor compreensão e análise das ações violentas vivenciadas na escola e tomadas de decisão dos responsáveis pela resolução de conflitos.

A opção pelo tipo de pesquisa foi o questionário, sendo 50% composto de perguntas abertas e 50% de perguntas fechadas. O roteiro deixa o participante da pesquisa livre para argumentar e defender suas ideias, o que entendemos ajudou a enriquecer nossa pesquisa. O tempo estipulado para responder à pesquisa foi de 5 dias e logo, então, daríamos o *feedback* da pesquisa.

Nossa intenção inicial seria de entrevistas semiestruturadas, porém utilizamos os questionários em respeito e obediência à pandemia COVID-19. De acordo com Gil:

[...] questionário é uma técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentados por escrito às pessoas tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses expectativas, situações vivenciadas, etc...

(GIL, 1999, p 128)

No caso em questão, por causa do isolamento social devido à pandemia de COVID-19, utilizou-se plataformas digitais com videoconferência e formulários *Google*. Na inviabilidade de aplicação de alguma destas, optamos por contato por meio de ligação telefônica.

Todos os informantes tiveram a liberdade de escolher um horário para responder às perguntas num prazo estipulado, em seu próprio dispositivo eletrônico, num lugar

escolhido por eles mesmos, alguns em casa, outros numa folga do trabalho, sempre em segurança. Assim que o prazo de entrega era expirado, os participantes encaminhavam-nos o material das respostas para que pudéssemos analisá-lo posteriormente.

Quanto aos alunos, puderam responde ao questionário também através da ferramenta *Google forms*. Percebemos que eles ficaram muito interessados em participar, visto que são muito atraídos por atividades virtuais.

A faixa etária e os formulários foram diversificados, sendo diferentes de acordo com a faixa etária do respondente e conforme a função que executavam. Assim, formulários de pais foram diferentes daqueles respondidos pelos professores e pelos alunos. Os formulários de educadores (professores, pedagogo, coordenador, diretor) foram iguais entre si, mas diferentes dos respondidos por alunos e por pais de alunos.

Antes de iniciar as respostas dos respondentes, em tempo oportuno, foi explicado a estes o objetivo da pesquisa, foi solicitada a devida autorização pelos responsáveis.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A violência escolar é uma realidade presente nas escolas brasileiras. No Espírito Santo e no município da Serra, essa realidade não é diferente. Apresentaremos a seguir a análise e a discussão dos dados de nossa pesquisa, a partir do estudo de nossas fontes que foram: o livro de registro de violências escolares e as entrevistas com os educadores da escola, com alunos e com seus pais. A princípio gostaríamos de iniciar essa análise caracterizando a escola – *Lócus* da pesquisa.

A escola “A”, base da nossa pesquisa, no ano de 2019, contava com aproximadamente 1.000 alunos matriculados, distribuídos nas séries: 1º ao 4º ano, do Ensino Fundamental I, no turno matutino; 5ª ao 9ª ano do Ensino Fundamental II, no turno vespertino e EJA, no noturno.

O corpo docente da escola “A” é composto por 26 professores, com qualificação acadêmica média de graduação no ensino superior, sendo sete professores pós-graduados, 2 coordenadoras, 2 pedagogas, 1 diretor e 2 secretários. A rotatividade dos professores não-efetivos, no entender desta pesquisadora, é muito grande, visto que a minoria da escola se constitui por professores efetivos. A escola tem 35 professores contratados, 34 professores efetivos e 1 professor celetista. No turno matutino, foco da pesquisa das 16 turmas do 1º ao 4º ano, formando um total de 16 professores regentes, apenas 6 professores são efetivos na rede municipal desta escola.

Com referência aos recursos físicos e estruturais, a escola “A” é composta de: 16 salas de aula, 1 sala de leitura, 1 quadra de esportes coberta, 1 pátio interno (no qual é servida a merenda e onde se localiza a cantina), 1 pátio externo, salas para área administrativa e pedagógica. As condições do prédio são boas, a direção da escola se empenha em deixar tudo limpo e em perfeita ordem. A sala de computadores (com equipamentos eletrônicos) bem como a sala de leitura estão abertas e disponíveis a todos. Os professores, em sua maioria, não são faltosos e segundo relatos, muitos se encontram esgotados física e mentalmente por causa do cotidiano estressante.

Observa-se que a escola é muito grande e de grande relevância para os moradores do bairro, existindo há mais de 20 anos. Além disso, é a única escola pública que atende a toda a comunidade periférica.

Os sinais de violência são frequentes, o que, às vezes, faz com que os próprios alunos e professores acabem achando essa situação normal e corriqueira. Não obstante, quando analisamos o número de alunos formados todos os anos, percebemos que a importância de manter todos os nossos esforços na tarefa de mudar vidas vale à pena. Ser agente de transformação é nosso objetivo como educadores profissionais da Educação, configurando-se como uma contribuição para a criação de uma escola e uma sociedade melhor.

Das 33 pessoas que compõem o quadro técnico-gestor-pedagógico da escola, obtivemos respostas de 20 delas, o que corresponde a 66,61% do total. O turno matutino, turno escolhido para a pesquisa tem cerca de 400 alunos, deste quantitativo escolhemos 2 turmas consideradas com maior índice de violência escolar para ser o objeto de análise de nossa pesquisa. Logo, de 50 alunos, houve um retorno de 18 alunos que responderam e participaram dos questionários, 36% do total. Nosso recorte centrou-se no turno crítico de ocorrências, que é o matutino como alhures explicamos. Estes 18 alunos compartilharam experiências diretamente com cerca de 300 colegas de turno. Foi feita uma seleção da maneira mais heterogênea possível, procurando alunos advindos de diversas turmas, o que torna a nossa amostragem qualitativa e direcionada.

Contatar pais de alunos mostrou-se uma dificuldade, talvez a explicação se dê pela pouca familiaridade destes com recursos tecnológicos, como os formulários do *Google* ou mesmo pela baixa participação deles na vida escolar dos alunos, ocasionada por diversos motivos que vão desde desinteresse até impedimentos profissionais.

Observando as respostas dados a partir dos questionamentos que fizemos aos nossos respondentes, em relação ao corpo técnico e administrativo da escola, podemos dizer que esses profissionais não consideram a escola em que atuam como um espaço violento, mas sim, de difícil gestão de conflitos. Algumas insatisfações não são em relação à natureza da escola, mas em relação a problemas de ordem gerencial

(de tempo, de atividades, por parte dos insatisfeitos, dentre outras). Esta dificuldade gerencial, às vezes, criada por uma grande quantidade de demandas diárias, traz um desgaste e pode levar a tensões à flor da pele, como é natural do ser humano.

Um ambiente tão complexo traz instabilidades. Uma observação que nos chamou atenção ocorreu quando um colaborador da escola relatou que as pessoas deveriam pensar um pouco mais antes de tomar algumas atitudes e decisões. Isto mostra como o ambiente escolar é constituído de relações tão críticas. A maioria dos profissionais presenciou situações de brigas e violência no espaço em questão e pelo teor das respostas, pode-se concluir que consideram a escola um espaço crítico ao invés de violento e que a violência, em suas diversas formas, surge a partir da condução ineficaz das relações que acontecem naquele ambiente.

O questionário entregue aos alunos mostra que estes têm problema para estabelecer relações com o outro que está de fora do seu círculo de amizade. Eles consideram a escola um ambiente relativamente seguro e os conflitos que acontecem (inclusive as brigas ou xingamentos) são eventos corriqueiros, corrigíveis por adultos. Aqui verificou-se uma demanda sobre a equipe escolar, que é acionada para conter eventos violentos, o que muitos alunos acreditam ser um padrão rotineiro. Em suas respostas, houve devolutivas com termos como “coordenadora chata”. É de se imaginar que o adjetivo tenha sido adotado por alguma medida profilática adotada por ela, para agir sobre algum padrão habitual que o aluno ainda não tenha reconhecido com inaceitável e grave no que tange ao convívio social.

O *bullying*² é um dos fenômenos que mais aparecem nos relatos. Sua natureza chateia o agredido, mobiliza a escola e sobrecarrega a gestão. Este ponto será trabalhado futuramente, no produto final, cuja proposta também trará uma intervenção sociológica nada convencional. Um aluno quando perguntado sobre a origem da violência recebida, respondeu que tem vergonha. O provável é que, nesta escola, o *bullying*

² **Bullying** é uma palavra de origem inglesa que designa atos de agressão e intimidação repetitivos contra um indivíduo que não é aceito por um grupo, geralmente na escola. Bullying: o que é, consequências, na escola- Brasil Escola. <https://brasilecola.uol.com.br> Acesso em 19 de abril de 2021.

sofrido, seja a origem das opressões recebidas, provocando o desconforto na resposta.

Por fim, os formulários obtidos com as respostas dos pais de alunos, mostram que eles são ausentes da realidade escolar dos filhos e que também consideram a escola um ambiente mais agitado do que violento. Além disso, acreditam também que as relações que se desenrolam ali são passíveis de tensões.

A visão que eles têm é de que os filhos sentem afeto naquela instituição e que o *bullying* (ação cometida por alguém da turma ou de outra classe que não gosta de um determinado aluno, neste caso) é a chave dos conflitos. Obviamente, há problemas como alunos levando armas de corte ou, ainda, relatos de alunos portando armas de fogo, todavia como se disse anteriormente, a escola é um reflexo daquela comunidade no tocante às relações sociais, e, mesmo assim, essas ações se apresentam como eventos não frequentes.

4.1 MANUSEANDO OS GRÁFICOS

Como não pudemos realizar a aplicação presencial dos questionários no universo da nossa pesquisa, em razão da pandemia da Covid 19, utilizamos a Plataforma *Google*. Logo abaixo apresentamos os formulários aplicados e que estão de acordo com o universo da nossa pesquisa.

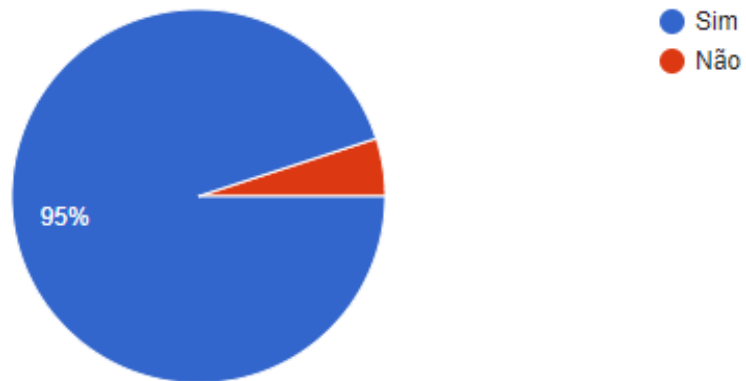
a) Formulários aplicados aos professores, pedagogos, diretor (Anexo 1)

Este formulário foi aplicado aos professores, pedagogos, coordenadores e diretor da escola escolhida para a realização do trabalho. Todas as perguntas têm ligação com a sua vivência cotidiana escolar, como são tratados pelos próprios colegas de trabalho, pelos pais de alunos e também por seus alunos.

Gráfico 1 - Satisfação Docente com o seu trabalho

1- Você gosta do seu trabalho?

20 respostas



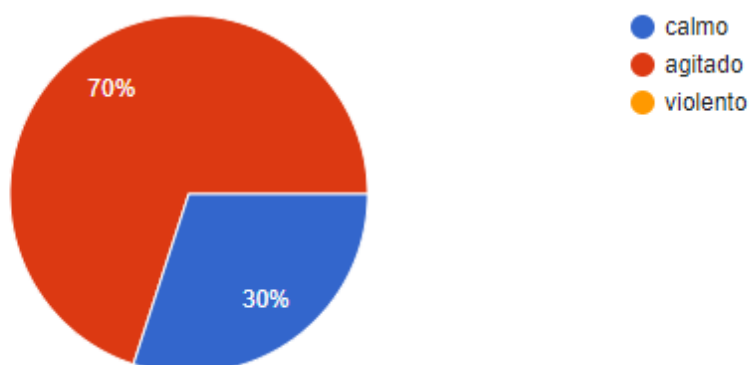
Fonte: Coleta de dados feita pela autora em 2020.

De acordo com as respostas colhidas, 95% dos entrevistados responderam que gostam do seu trabalho. Alguns complementaram suas respostas dizendo que desde que eram criança já pensavam em ser professores e que têm esta profissão como uma realização profissional e pessoal. No entanto, 5 % marcaram que NÃO gostam do seu trabalho. Por passarmos boa parte do nosso dia no trabalho, majoritariamente, é saudável estabelecermos uma relação de bem estar com ele, visto que nossa saúde mental é a mais atingida nas relações pessoais e interpessoais no ambiente escolar.

Gráfico 2 - Avaliação docente acerca do ambiente de trabalho

1- Como você avalia este ambiente de trabalho?

20 respostas



Fonte: Coleta de dados feita pela autora em 2020.

No gráfico 2 podemos perceber que 30% dos entrevistados acham o ambiente de trabalho calmo, enquanto que 70% responderam que sentem o ambiente muito agitado. Interessante notarmos que os integrantes da equipe não consideram o ambiente escolar violento, usaram somente a palavra agitado para descrevê-lo. As relações que se desenrolam naquele ambiente de agitação podem criar condições para comportamentos violentos, também naquele contexto específico. Para que isto não ocorra, faz-se necessário um empenho e participação muito grandes e constantes da equipe na mediação dos conflitos. Isso gera um resultado desafiador para alguns que são movidos por adversidades e, ao mesmo tempo, resulta em bastante desgaste para uma minoria que prefere tranquilidade ou procura um ambiente menos conflituoso para trabalhar. Essa situação pode ser cansativa para pessoas com tal perfil.

Segundo Huizinga (2001) a relação do homem com o jogo é bem primitiva, gerada através do fazer e do realizar tarefas, para o início do processo de construção, que vem de forma implícita do fazer brincando, ou jogando e estabelecendo relações com o outro e com o ambiente a sua volta. De acordo com esta fala, um dos professores entrevistados nos relata que o clima na escola é bastante agitado e dinâmico. Professores e alunos dentro de sala de aula, conversas, perguntas, brincadeiras, jogos, todas essas situações tornam o universo escolar bastante ativo. “Trabalho em uma outra escola de ensino Médio que tem uma boa organização, por isso acredito que na maior parte do tempo o ambiente é calmo.”³

Violência, segundo o entrevistado, pode acontecer a qualquer momento, pois as pessoas podem se tornar violentas dependendo da situação. “Sinto também que as crianças estão cada vez mais desanimadas, desesperançadas, agitadas, muitos pais são ausentes, só sabem cobrar dos professores, mas não cumprem sua responsabilidade com a família”⁴. “A equipe escolar é muito boa para trabalhar, profissionais se respeitam o tempo todo, a escola tem sido um movimento, durante minhas aulas de educação física tem sido assim”⁵, diz o entrevistado.

³ Entrevista da professora A1 concedida a pesquisadora em outubro 2020.

⁴ Entrevista da professora A1 concedida a pesquisadora em outubro 2020

⁵ Entrevista do professor A1 concedida a autora em outubro 2020.

Em uma visão ampla, percebe-se que o profissional gosta de trabalhar na escola e sente-se respeitado, porém julga que a família cobra exageradamente o que ela mesma, como responsável legal, deveria cumprir com o aluno. Nesse sentido, o profissional destaca que, muitas vezes, o local e a situação podem tornar o aluno um agressor, dependendo da evolução de eventos.

De acordo com o segundo professor entrevistado “A2”⁶, a escola tem muitas crianças em um espaço pequeno e confinado. Muitas pessoas circulam ao mesmo tempo e o clima é agitado, porém saudável⁷. O professor relata ainda que a realidade da escola no turno da manhã, a maioria das vezes, mostra-se mais tumultuada. As turmas de 1º ao 4º ano do fundamental I têm um clima considerado exageradamente irrequieto e violento com muita frequência. Em alguns casos, há episódios de violência de aluno contra aluno e de aluno contra professor. Os alunos são indisciplinados; há muitas situações que acontecem por demandas internas e externas, além de haver espaços ociosos na escola e alunos sem ter o que fazer em alguns períodos.

Conforme Pereira e Smith, a falta do que fazer é:

[...] fruto da ausência de apoio na organização de atividades e de espaços pobres, pouco interessantes e pouco variados, não favorece a ludicidade. Pode, inclusive, desencadear comportamentos de *bullying*, ou seja, manifestações agressivas.

(PEREIRA; SMITH, 1995, pp. 238-257)

Percebemos que deixar os alunos com tempo ocioso, sem uma condução de atividade, mesmo atividade livre, leva-os a brincar sem ludicidade; brincam de brigar, brigam e chateiam uns aos outros com brincadeiras ofensivas. Esse dado se mostra negativo, uma vez que, principalmente nesta faixa etária inicial, os alunos precisam ser alertados e acompanhados em tudo o que fazem.

Atividades orientadas são importantes, mesmo na hora do recreio, o momento em que as crianças estão livres, sem interferência e orientação do professor, nesse período são muito comuns os jogos de futebol sem supervisão, piques de corre-corre, “polícia

⁶ Entrevista do professor a2 concedida a autora em outubro 2020.

⁷ Entrevista da professora a2 concedida a pesquisadora em outubro 2020.

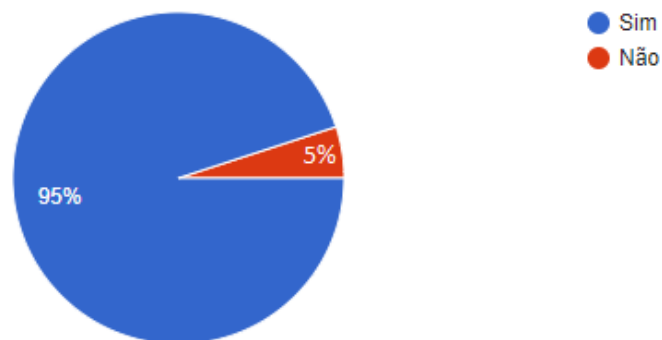
e ladrão” e são nessas ocasiões que acontecem manifestações de agressões, com o acúmulo de alunos de várias idades e atitudes de *“bullying”*.

Para que isso seja evitado, é importante que todos os docentes e funcionários da escola elaborem estratégias para evitar esses transtornos. Este tipo de violência se manifesta, sutilmente, sob a forma de brincadeiras, apelidos, trotes, gozações e agressões físicas (BOTELHO, SOUZA, 2007).

Gráfico 3 - Sentimento dos alunos frente ao trabalho dos educadores

Você sente carinho por parte dos alunos em relação ao seu trabalho e sua presença na escola?

20 respostas

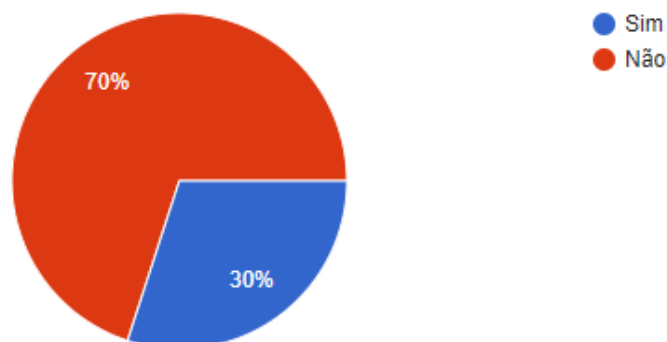


Fonte: coleta de dados feito pela autora 2020

Gráfico 4 - A humilhação e discriminação na escola

Você já passou por alguma humilhação ou discriminação na escola?

20 respostas

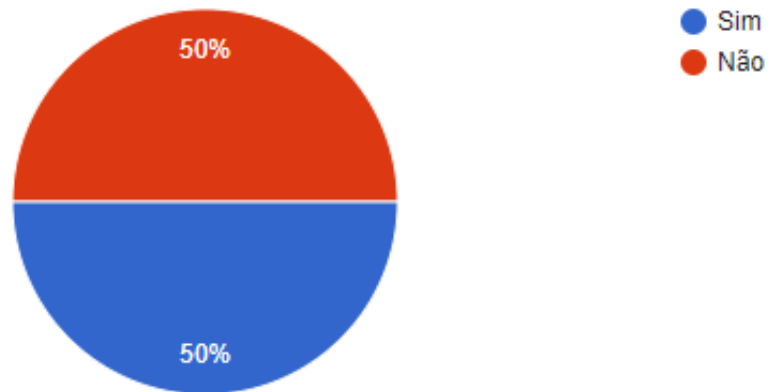


Fonte: coleta de dados feito pela autora 2020

Gráfico 5 - A segurança no ambiente escolar

Você acha a sua escola um ambiente seguro?

20 respostas



Fonte: Coleta de dados feito pela autora 2020

Os gráficos 3, 4 e 5 nos apontam informações interessantes: o professor acima de tudo se move por amor e pelo comprometimento com a profissão. O salário é baixo, as condições podem não ser as melhores, mas o que move o professor, em muitos casos, é a necessidade do contato humano e a possibilidade de contribuir para o crescimento dos seus alunos. Freire (1996) nos relata que a vocação é uma força misteriosa que explica esta devoção com que a maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários, os professores não somente permanecem como cumprem o seu dever como for possível. Logo, é uma característica profissional aprendida e desenvolvida com muito esforço e estudo.

Ao serem indagados sobre humilhações, os professores responderem que uma minoria já enfrentou este problema. Depois, quando foram solicitados a caracterizar e discriminar o tipo de humilhação sofrida, encontramos o desrespeito à autoridade do professor, por parte de alunos, como elemento mais citado. O professor é uma autoridade tal como um médico ou um juiz e, muitas vezes, vai para o trabalho na expectativa de encontrar um decoro, uma dignidade inexistente por parte dos alunos em seu local de trabalho.

Quanto ao empate na resposta da segunda pergunta, que fala sobre a escola ser um ambiente seguro, podemos inferir que muitos professores consideram que a escola

em si é segura, no entanto concordam com os que responderam que a escola não é um ambiente seguro, quando analisam o potencial de conflito das relações sociais e humanas presentes, ou seja, ambos os grupos não acham a escola um local violento, mas a natureza das relações violentas requer um cuidado muito delicado para não desencadear em adversidades cotidianas.

Um outro entrevistado profissional da educação “A3” relatou que a escola fica em um bairro muito violento, com tráfico de drogas e brigas de gangues. No portão da escola tem um guarda patrimonial e a figura dele não impede que qualquer pessoa entre a qualquer hora do dia. Esse educador relata que existe violência no âmbito escolar, no entanto ele não transmite essa mensagem aos alunos, segundo o professor: “não devo aterrorizá-los com o meu medo”⁸. Mesmo assim para o docente a escola permanece sendo um ambiente seguro. “Tenho, inclusive, receio de o nível de violência invadir a escola e provocar uma tragédia. Risco de algum pai invadir e agredir um professor, como já vi acontecer”.

De acordo com um professor entrevistado, um docente foi ameaçado de morte pelo pai de seu aluno, o que o deixou extremamente abalado. Frente ao problema vivenciado, o professor saiu da escola, foi à Secretaria de Educação (SEDU), narrou o ocorrido e pediu que lhe fosse designado uma outra escola para trabalhar. Nunca mais o professor voltou à escola. Mediante este desrespeito, o entrevistado disse não se sentir seguro.

Afirma ainda o mesmo entrevistado que vê a preocupação do gestor escolar e demais envolvidos com a questão da violência ou segurança na escola, mas teme porque muitos alunos e pais não respeitam o profissional no ambiente escolar e afirma que não há vigilantes armados para proteger os profissionais.

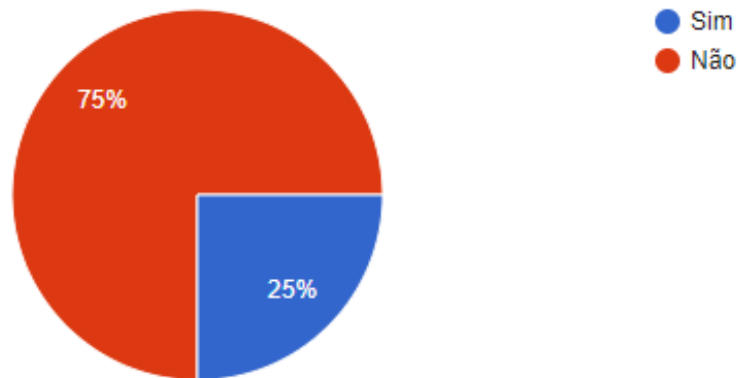
Percebemos na fala do entrevistado que houve muito receio de se expor, a todo momento quis saber se a pesquisa poderia identificá-lo. Um temor característico de quem se vê em uma situação de vulnerabilidade. Ao final de sua fala, disse que não gostaria de passar nenhuma situação que fosse considerada de risco.

⁸ Entrevista do professor a3 concedida a pesquisadora em outubro 2020.

Gráfico 6 - A violência na escola

Você já foi vítima de algum ato violento na escola?

20 respostas



Fonte: Coleta de dados feito pela autora 2020

Aqui, violência é entendida como um ataque contra a figura do professor e não apenas às vias de fato. As formas de violência são por meio de ameaças e intimidações, sem contato físico, pois a ideia é esvaziar a autoridade professoral do indivíduo. Caso isto ocorra, o profissional de educação deixa de ser respeitado e pode vir a sofrer, de fato, a violência. Infelizmente, são vários os casos nos quais percebe-se que professores, em decorrência do trabalho em um espaço diário extremamente violento, têm como consequências doenças físicas e psíquicas.

Santos (2014), ao pesquisar o assunto, analisou como o adoecimento e o sofrimento estão sendo alvo de reflexão na academia. A pesquisa realizada pelo teórico concluiu que em 50% dos casos, em textos por ele pesquisados, apontam que para o adoecimento do professor, tendo como consequência direta o aparecimento de, por exemplo, síndrome de Burnout⁹.

A falta de reconhecimento e respeito à função do professor; o desrespeito dos alunos e seus pais, dos governantes e da sociedade em geral; a sobrecarga de trabalho, os baixos salários, a diminuição dos espaços de discussão coletiva, a tripla jornada, a

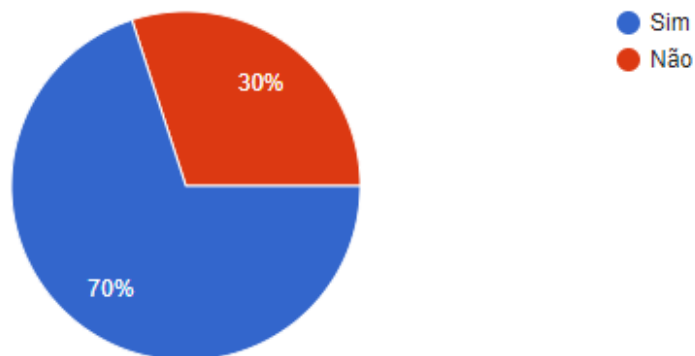
⁹ Síndrome de burnout: estresse associado ao trabalho, traduzido ao português como “perder o fogo” perder a energia, desgaste e falta de produtividade caracterizado por aspecto relacionem resposta ao estresse laboral crônico e não ao estresse em si, fenômeno psicológico que atinge trabalhadores assistenciais. Silva-estudos e pesquisas em psicologia, UERJ, ano 6, n 1, p. 92/2006.

culpabilização dos alunos pelos resultados negativos, entre outras situações auxiliam para que o professor desenvolva a síndrome de Burnout. Alguns dos sintomas desta doença são conhecidos como: depressão, esgotamento físico e mental, sentimento de incapacidade e até pensamentos suicidas. Estes são alguns indícios deste transtorno que causa um excessivo estresse, que impede a pessoa de lidar com situações do dia a dia de modo eficiente, Kuenzer (2004).

Gráfico 7 - Brigas na escola

Você já viu, já presenciou briga na escola?

20 respostas



Fonte: Coleta de dados feito pela autora 2020

As brigas na escola acontecem em momentos de descuido, em momentos nos quais os olhos da instituição não estão alcançando o foco de conflito, de acordo com um dos entrevistados. Os alunos ainda respeitam uma certa autoridade escolar, por isto quando somos informados de uma briga, temos que correr com o intuito de apartá-la. Às vezes, essas brigas acontecem fora dos portões da escola, nas proximidades, ou em algum canto mais afastado no interior da instituição, onde as mediações de conflitos não conseguem fazerem-se presentes, acrescentou um dos entrevistados numa de nossas conversas.

Para Sales (2010), a mediação é um procedimento consensual de solução de uma lide, por meio do qual uma terceira pessoa, imparcial as duas partes do conflito, escolhida ou aceita por eles, age no sentido de facilitar ou mesmo encorajar na solução de uma divergência. A mediação na/da escola é uma ótima ideia para a minimização dos conflitos, interessante seria preparar na esfera escolar pessoas que

pudessem ter esta dinâmica de ação e, inclusive, incentivar alunos a serem, também, mediadores de conflitos.

Um dos profissionais entrevistados, “A4”, relata que os alunos querem resolver seus problemas pessoais dentro da escola e acabam envolvendo a família que vem tirar satisfações com a escola: “Acho que se fosse só entre as crianças, tudo acabaria bem”¹⁰. O professor via alunos discutindo com professor, falando palavrões e chegou a presenciar até tentativas de violências físicas. Também, houve episódio no qual uma mãe agrediu a filha na escola no turno de aula vespertino. Além disso, um aluno do matutino agrediu a mãe na escola e só não bateu nela porque o professor de educação física o segurou. São vários relatos, como o do caso de um professor que chamou a atenção de um aluno e este fez várias acusações indevidas sobre o professor ser homossexual. Outro aluno, “A”, fez várias acusações indevidas a um docente que havia chamado a sua atenção. Pelo fato de o docente ser homossexual, o aluno “A” criou uma hostilidade com esse professor, instigando outros discentes a falarem com a coordenação histórias inventadas pelo aluno acerca do professor, denegrindo a sua imagem. Após estes fatos tomarem grandes proporções, um dos colegas do aluno “A” contou que era tudo mentira, que a finalidade da atitude do aluno era prejudicar o professor.

Este entrevistado parece pedir socorro ao responder o questionário, é visível por suas respostas, que ele está preocupado com a conjuntura violenta da escola, como tem sido a situação com seus alunos e seus respectivos pais e a insegurança em que a escola se encontra. E ninguém parece resolver o problema. Notamos que os gráficos, nos quais estes mesmos profissionais relataram que a escola é um ambiente calmo e seguro, mostram uma contradição, com a exposição de tantos casos de violência. Assim sendo, os relatos mostram que o cotidiano é perpassado por acontecimentos violentos que acabam sendo naturalizados pela frequência com a qual ocorrem.

Na pergunta “como os pais reagem ao serem notificados por terem os filhos agressores ou vítimas de violência escolar”, o entrevistado “A5”¹¹ respondeu que a

¹⁰ Entrevista concedida à autora em novembro de 2020.

¹¹ Entrevista concedida à autora em novembro de 2020

maioria justifica a resposta pela ausência do pai ou da mãe. Dependendo da família e no caso de seus filhos serem vítimas, atacam a escola, culpando-a. Contudo, caso o filho seja identificado como agressor, na maioria das vezes tentam negar, justificar, defender e/ou se voltam contra a escola, tentando passar do papel de agressor ao de vítima. Algumas famílias não acreditam, não aceitam, acham que o outro é sempre o culpado. Outras já esperam por tal atitude. Para alguns pais, seus filhos não fazem nada contra as regras da escola. Existem ainda famílias que não vão à escola quando chamadas e nem dão atenção às anotações da agenda informativa e aos bilhetes enviados pela coordenação. Não há um consenso, alguns corrigem seus filhos, outros dizem não saber o que fazer com a situação e com o filho. Poucas famílias querem resolver o conflito com o diálogo.

Diferentemente do que pensa o senso comum, o Brasil e a sociedade brasileira são violentos. Concordando com Chauí (1989), que analisando o mito da não violência do brasileiro, identificou que os sujeitos sociais são transformados em objetos da ação de outrem, que a violência não advém da violação de direitos e costumes, mas da interiorização da dominação, das relações sociais através da família, da escola, dos locais de trabalho.

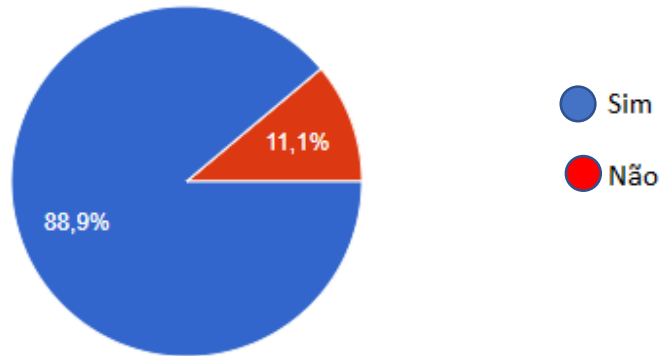
a) Formulário aplicado aos alunos (Anexo 2)

Este formulário foi aplicado aos alunos das 2 turmas escolhidas. Uma de 3º ano e outra de 4º ano, turmas ditas indisciplinadas e com várias ocorrências no caderno de registro na escola. Os alunos também foram orientados a responderem com liberdade e justificarem suas respostas.

Gráfico 8 - As relações de amizade no ambiente escolar

Você tem amigos na escola?

18 respostas

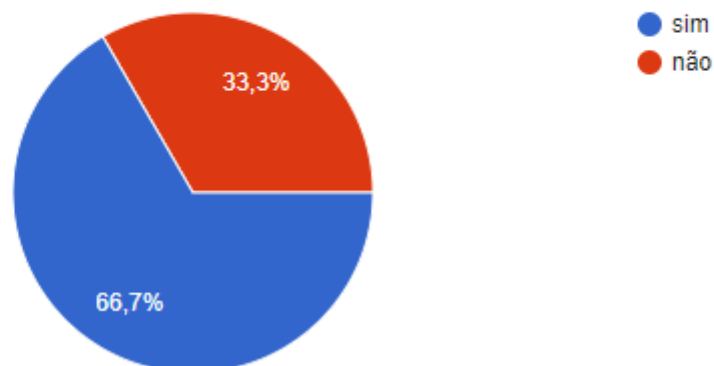


Fonte: coleta de dados feito pela autora 2020

Gráfico 9 - As inimizades na escola

Tem alguém que você não gosta na sua escola?

18 respostas



Fonte: Coleta de dados feito pela autora 2020

De acordo com os gráficos 8 e 9, podemos perceber que 88,9% dos alunos entrevistados disseram que têm amigos na escola, enquanto 11,1% sinalizaram que não têm. Já quando perguntados sobre ter alguém de quem não gostavam na escola, 66,7% afirmaram que têm pessoas das quais não gostam na escola e 33,3% disseram que não há pessoas das quais não gostavam na escola.

A escola é um local de sociabilização. Alguns poucos alunos não conseguem interagir e os motivos são os mais variados, que passam desde a não identificação com os

grupos, características de natureza psicológica em se relacionar, baixa autoestima, descontentamento com *bullying*, etc. Todavia, a maioria dos alunos encontra ali um local para a criação de laços e vínculos de amizade.

A maior parte dos alunos prefere, inclusive, as áreas e atividades de sociabilização da escola. Ainda tem aqueles alunos que disseram que preferem, entre todos os horários, as horas de recreio e de saída. Por estes tipos de respostas, fica evidente que não gostam muito do ambiente de sua escola.

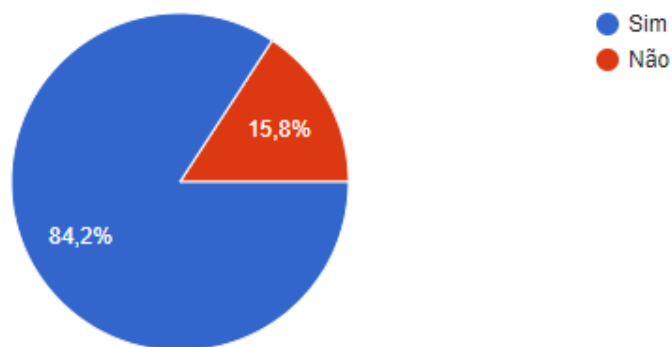
Snyders (1999) evidencia que é preciso oferecer um ambiente saudável, que é preciso existir a alegria na escola, gerando uma satisfação que a cultura deve e pode proporcionar aos alunos. Ele faz referência constante de **minha escola** ou **escola dos sonhos**.

A partir deste posicionamento, percebemos a importância e relevância de uma escola que seja agradável e que transmita a seus frequentadores um ambiente prazeroso, pronto para aprendizados e transmissão de conhecimentos.

Gráfico 10 - a escola como ambiente seguro

Você acha a sua escola um ambiente seguro?

19 respostas



Fonte: Coleta de dados feito pela autora 2020

De acordo com o gráfico 10, 84,2% dos alunos consideram a escola um ambiente seguro. Relatam que ao surgir qualquer problema, é só comunicar à coordenação e os responsáveis resolvem tudo; que por tudo que já passaram até hoje, consideram a

escola um pouco mais segura; que a equipe de coordenação trabalha bem. Enquanto isso, outros 15, 8% não acham a escola um ambiente seguro. Sentem que apesar de terem muitas brigas, a coordenação consegue resolver e tem muito adulto perto para socorrer.

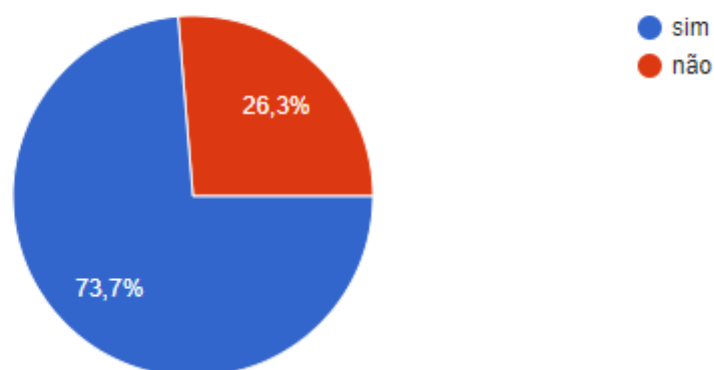
Com isso, uma minoria não considera a escola um ambiente seguro. Este número pode ter relação com uma parcela que sofre ou sofreu algum tipo de discriminação, presenciou agressões, ou ouve histórias e boatos sobre a tradição de violência da instituição. “Para a criança existe o espaço-alegria, o espaço-medo, o espaço protege, o espaço mistério, o espaço descoberta, enfim, os espaços de liberdade ou da opressão”. (SOUZA LIMA, *apud* FARIA, 2001, p. 70)

Este aluno, “B1”¹², na entrevista, afirma que a escola é segura, que qualquer coisa que aconteça a coordenação fica sabendo e toma providência. Porém, disse, várias vezes, que há brigas, há discussões e, inclusive, venda de drogas ilícitas. Logo, a escola, sendo acolhedora e segura, deve proporcionar aos alunos e professores um ambiente saudável para estabelecer amizades, conhecimentos e instigar descobertas científicas, físicas e emocionais através das relações interpessoais.

Gráficos 11 - O aluno como testemunha ocular de brigas na escola

Você já presenciou briga na escola?

19 respostas



Fonte: Coleta de dados feito pela autora 2020

¹² Entrevista com aluno b1 concedida à autora em novembro de 2020.

Dos alunos que já presenciaram briga na escola, 73,7%, relatam que as cenas presenciadas acontecem longe dos olhos dos professores e da equipe técnica escolar. Sabemos que o valor de ter um responsável que defenda a integridade é muito importante. Nesses relatos, percebemos que para que a briga aconteça, aparentemente os indivíduos procuram fazê-la longe dos olhos defensores dos professores e coordenadores. Todavia existem meios de desenvolver nos próprios alunos o conceito de cuidado e monitoria, no qual eles mesmos cuidariam uns dos outros.

Gráfico: 12 - A existência de brigas entre alunos e professores

Você já presenciou a violência de alunos contra professores e de professores contra alunos na escola?

Sobre a violência:

19 respostas



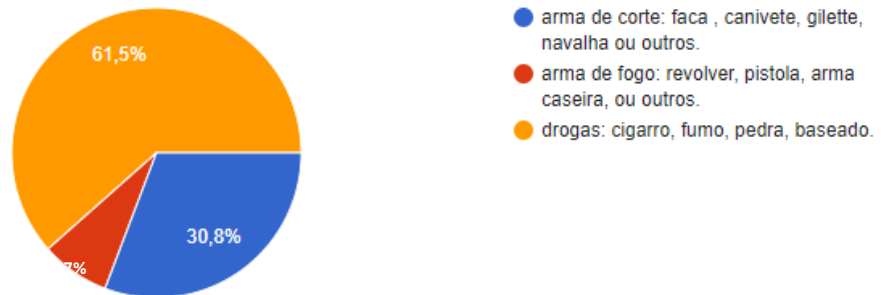
Fonte: Coleta de dados feito pela autora 2020

Podemos observar que 10,5% já presenciou cenas de violência da parte de professores contra alunos e 21,1% presenciou cena de violência por parte de alunos contra professores. Pelos relatos e justificativas, alguns dos entrevistados dizem que se sentem seguros na escola, contudo percebemos que esta segurança salientada por estes indivíduos está sempre conectada à necessidade de ter um coordenador ou um adulto por perto para controlar as possíveis situações de violências que possam vir a acontecer.

Gráfico 13 - O uso de drogas na escola

Você já viu ou já soube de alguém entrar na escola com algum tipo de arma ou droga?

13 respostas



Fonte: Coleta de dados feito pela autora 2020

No gráfico 13, quando perguntados se já viram ou souberam de alguém entrar na escola com algum tipo de arma ou droga, 30,8% disseram que já viram ou souberam de entrada de armas brancas¹³, armas de corte, faca, canivete, gilette, navalha e outras armas. Dos entrevistados 7,7% já presenciaram ou souberam ter entrado na escola armas de fogo, revolver, pistola, arma caseira, simulacros ou outros similares.

Segundo Abramovay, a disponibilidade de arma de fogo e as mudanças que isso impõe às comunidades conflituosas contribuem para o aumento do caráter mortal dos conflitos na escola. (ABROMOVAY, 2002). De acordo com o gráfico 13, percebemos que o ambiente não é tão tranquilo quanto é defendido pelos alunos. Várias armas circulando num espaço em que é proibido e até o vigilante faz uso de tais instrumentos.

Neste mesmo gráfico, 61,5% dos entrevistados já viram dentro da escola circulação de drogas tais como: cigarro, fumo, pedra de crack¹⁴ e baseados. Concordando com Rosa (2016, p.2) quando cita em sua dissertação que a escola brasileira tem atuado inadequadamente frente aos problemas sociais que envolvem a vida dos estudantes em especial: vida sexual, drogas e violência.

¹³ Designa-se arma branca ("white arm" ou "cold weapon" em inglês), um objeto que possa ser utilizado agressivamente, para defesa ou ataque, mas cuja utilização normal é outra, geralmente para trabalho. Machados, facas e martelos **são armas brancas**. <https://pt.wikipedia.org>

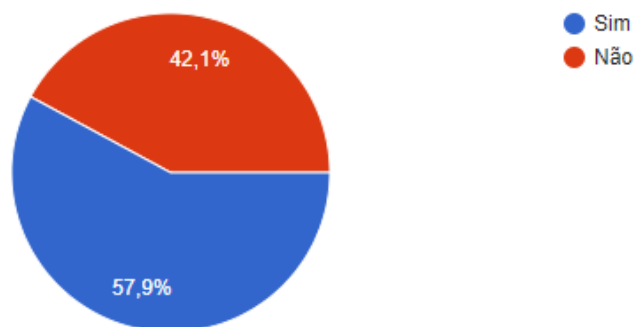
¹⁴ Crack é uma droga ilícita, em forma de pedras irregulares, de cor parda, é fumado, geralmente em cachimbos artesanais. Seu nome é dado pelo barulho que as pedras fazem ao queimar.

A escola está num processo de interação social, inclui saberes, valores, expectativas que poderão interferir na vida cotidiana do aluno, assim a instituição escolar deve estar atenta para desenvolver ações educativas e preventivas ao uso de drogas.

Gráfico 14 - Castigos ou violência praticados aos alunos
Algun dia você já foi maltratado na sua escola?

Algun dia você já foi mal tratado na sua escola?

19 respostas



Fonte: Coleta de dados feito pela autora 2020

Este gráfico 14 mostra-nos uma importante informação na qual pode-se verificar que 42,1% dos entrevistados disseram não terem sido maltratados, entretanto 57,9% (mais da metade dos entrevistados) disseram ter sido maltratados a escola. Além disso, os relatos das respostas confirmam que esta postura de maus tratos se deu por professores, por coordenadoras chatas, por meninos maiores, por meninas mais fortes.

Ao perguntar e fazer a leitura das justificativas destas ações, percebemos que os maus tratos de professores a alunos, que alguns informam ter presenciado, são geralmente uma elevação de voz ou algum comportamento mais abrupto do professor; nunca um arroubo ou abuso de autoridade apareceram em algum relato. Outros alunos, curiosamente, disseram que o professor “tem que ser violento mesmo” para manter a ordem.

Neste contexto, quando um aluno se diz maltratado pelo professor, é compreensível como um momento de um comportamento mais duro, com o intuito de chamar à atenção do aluno ou, ainda, como resposta a uma agressão à figura institucional.

Gráfico 15 - O aluno e sua afinidade com os profissionais da escola

Dos profissionais que trabalham na escola você tem mais afinidade, gosta muito de alguém?

19 respostas



Fonte: Coleta de dados feito pela autora 2020

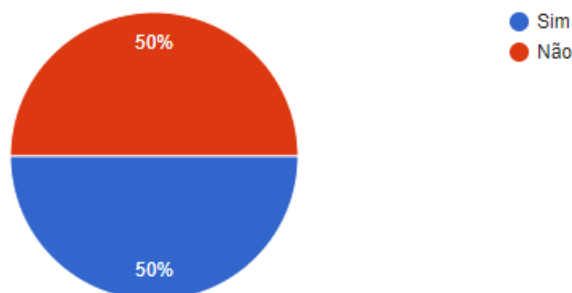
O gráfico 15 revela-nos interessantes informações, nas quais percebemos que do total de entrevistados, 63,2% gostam de várias pessoas que trabalham na escola. 10,5% revelaram gostar de 2 ou 3 pessoas que trabalham na escola. 5,2% informaram gostar de 1 pessoa que trabalha na escola. Por fim, uma boa parte dos entrevistados, 21,1% disseram não gostar de ninguém da escola.

Este trabalho está em consonância com Snyders (1993), quando diz, em sua obra, que precisamos ter alunos felizes num ambiente escolar saudável. Como deve ser desagradável vivenciar a experiência de não ter ninguém na escola de quem se goste, e se sinta bem em estar perto. Por isso, o diálogo é muito importante para várias soluções de conflitos, evitando possíveis situações violentas ao longo da vida escolar.

Gráfico 16 - Violência praticada aos alunos na percepção dos colegas

Existe algum tipo de violência que aconteceu na escola com você ou com um amigo seu e que te deixou triste?

18 respostas



Fonte: Coleta de dados feito pela autora 2020

No gráfico 16, percebe-se um empate nas respostas. Metade dos entrevistados disse que aconteceu algum tipo de violência com ela ou com um de seus amigos e que a deixou muito triste e os outros 50% relataram que nunca viram nada a respeito.

Metade de um grupo é muito preocupante, indica que realmente algo precisa ser feito para mudar a realidade destes alunos que, dentro de uma pesquisa como esta, conseguem expor o que estão sentindo como um pedido de socorro. Os principais tipos de violência que foram vistos e identificados no gráfico 16 foram brigas, *bullying*, piadinhas sem graça de professor, empurrões e xingamentos. Isto parece comprovar que os alunos percebem e se sentem mal por não serem respeitados. Assim, a pesquisa demonstra que, muitas vezes, uma violência que acontece com colegas e amigos próximos tem um efeito na vítima indireta que também está no ambiente. A violência machuca aqueles que não são diretamente atingidos factualmente e os amigos que agem com complacência em relação aos agredidos.

Um dos alunos entrevistados diz que a violência na escola tem várias causas: falta de educação por parte dos alunos, quando se trata de superioridade do professor em relação a poderes, explosões de raiva de alunos, falta de profissionalismo dos professores, xingamentos, brigas, ódio de pessoas, racismo, preconceitos, falta de educação dos maiores empurrando os menores, vendo-os se machucarem.

Um dos alunos entrevistados relatou que a violência na escola tem várias causas: falta de educação por parte dos alunos, quando se trata de superioridade do professor em relação a poderes, explosões de raiva de alunos, falta de profissionalismo dos professores, xingamentos, brigas, ódio de pessoas, racismo, preconceitos, falta de educação dos maiores empurrando os menores, vendo-os se machucarem.

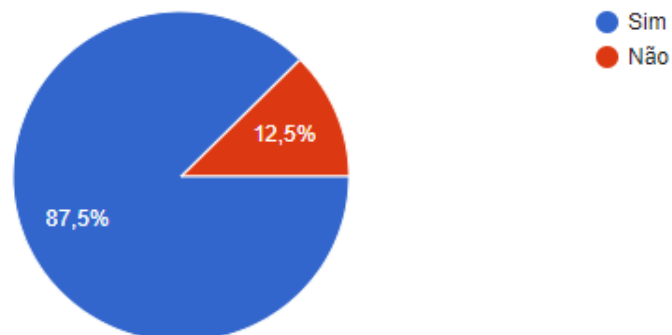
Percebemos que as perguntas dos formulários visavam averiguar algum rancor ou mágoa que os alunos têm sentido e que possam futuramente vir a “transbordar” em manifestações de violência. Observamos que, enquanto regente de sala, quando o aluno é ouvido, atendido em suas necessidades físicas e até emocionais e quando é valorizado, o retorno que temos deste aluno em diversas áreas da vida cotidiana escolar é surpreendente. Sua autoestima é encontrada ou elevada e ele começa a ver a vida de uma maneira melhor. Sente-se útil, importante no processo de ensino

aprendizagem e, muitas vezes, descobre áreas de trabalho, disciplinas nas quais pode atuar ou se posicionar de maneira excepcional.

c) Formulário para os Pais de alunos (Anexo 3)

Os formulários e entrevistas feitas aos pais tiveram o objetivo de alcançar a família, ouvir e entender como ela tem se posicionado diante da realidade que tem vivenciado na escola. Além disso, como identifica a violência, que possíveis soluções sugerem para resolver o problema, e como tem lidado com o filho frente às situações de violência no cotidiano escolar.

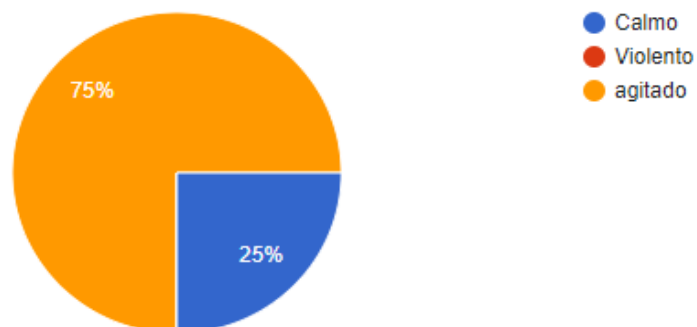
Gráfico 17 - A satisfação dos pais com a escola
 Você se sente satisfeito (a) com a escola que seu filho estuda?
 8 respostas



Fonte: Coleta de dados feito pela autora 2020

Gráfico 18 - Pais e sua avaliação do ambiente escolar

Como você avalia este ambiente escolar?
 8 respostas



Fonte: Coleta de dados feito pela autora 2020

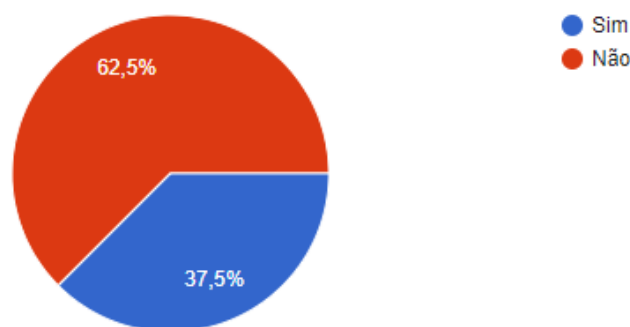
Segundo o gráfico 17, 87,5% dos pais estão satisfeitos com a escola na qual seu filho estuda. Todavia, no gráfico, percebeu-se que 18,75% dos entrevistados avaliaram o ambiente escolar como “agitado”. Eles confiam na instituição escolar, bem como na equipe; e têm ciência, compartilhando a visão dos profissionais de que a escola não é um lugar de natureza violenta, mas sim de conflitos permanentes que precisam ser mediados a fim de não desembocarem em algo maior. Verificou-se que eles se esquivaram de falar que o ambiente é violento, preferiram apontá-lo como agitado. Então, decidimos, por intermédio de mais questionamentos, tentar descobrir que tipo de agitação eles estavam percebendo.

Alguns pais relataram que o turno vespertino, nesta escola, tem um clima mais tenso e violento, porém, no turno matutino, ainda conseguem ter tranquilidade para frequentar a escola. Em um dos relatos foi feita a observação de que as salas de aula são muito cheias, contribuindo, assim, para um ambiente mais agitado e que alguns profissionais querem cobrar dos alunos comportamento de adulto, deste modo, observaram e destacaram a falta de preparo de alguns profissionais.

Gráfico 19 - Pais e seu conhecimento sobre a violência na escola

Já soube de algum acontecimento violento na escola?

8 respostas



Fonte: Coleta de dados feito pela autora 2020

Neste gráfico 19, os pais, em sua maioria, 62,5% declararam que não souberam de nenhum acontecimento violento na escola. Destacamos que, de acordo com os exemplos fornecidos pelos mesmos, as falas justificam algumas de suas respostas, mas a violência aparece mesmo quando a negam. Deste modo, surge a dúvida: Por

que eles não relatam os acontecimentos? Medo dos reflexos que podem causar estas informações? Temor de comentar sobre os acontecimentos violentos perante a comunidade violenta na qual vivem?

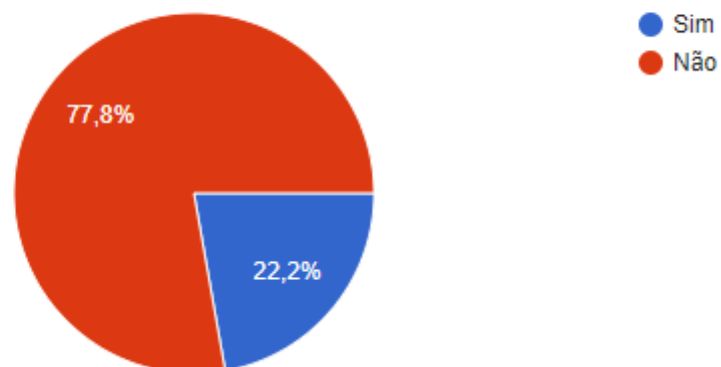
Estes tipos de questões devem ser considerados a fim de entendermos melhor algumas contradições em suas próprias respostas, por exemplo, quando relatam que alguns filhos foram machucados na escola, brigas na rua da escola, brigas no horário escolar. Depois, quando questionados se já souberam sobre algum acontecimento violento na escola, alguns pais disseram que o próprio filho foi muito machucado em brigas entre os alunos e também destacaram a falta de preparo dos profissionais para lidar com esses casos. Por fim, quando questionados se os filhos sentem carinho pela escola e se têm colegas e amigos, a resposta foi que os filhos gostam muito da escola, das pessoas que trabalham lá e que têm vários amigos.

Os pais sentem que a equipe escolar é muito profissional e tem respeito. Os filhos mostram gostar muitos de todos que trabalham na escola, se envolvem nas atividades escolares e extraescolares, gostam de frequentar o local e não têm interesse em trocar de escola.

Gráfico 20 - Pais presenciando a humilhação de seus filhos na escola

Você ou seu filho(a) já se sentiram humilhados ou discriminados por algu

9 respostas

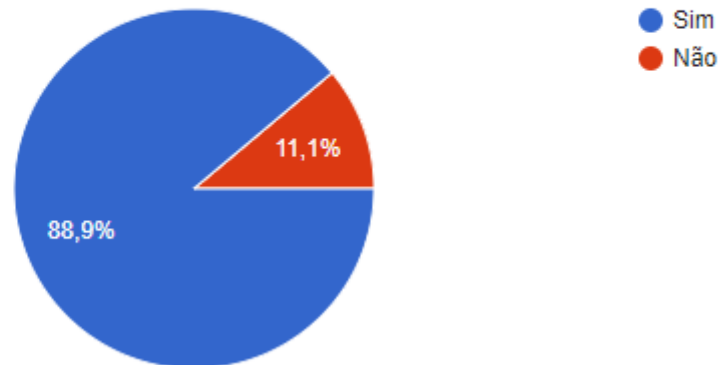


Fonte: Coleta de dados feito pela autora 2020

Gráfico 21 - como os pais avaliam o item segurança na escola

Você acha a sua escola um ambiente seguro?

9 respostas

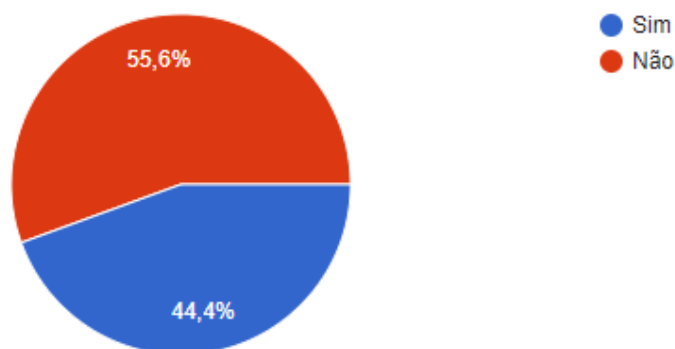


Fonte: Coleta de dados feito pela autora 2020

Gráfico:22 - Pais vivenciando a violência na escola

Você já presenciou briga na escola?

9 respostas



Fonte: Coleta de dados feito pela autora 2020

Analisando os gráficos 20, 21 e 22, percebemos que mesmo a maioria dos pais dizendo que acham a escola um ambiente seguro, 88,9%, ainda percebemos que 44,4% dos pais no gráfico 22 já presenciaram brigas na escola e 22,2% dos pais do gráfico 20 já se sentiram humilhados e discriminados na escola. Num dos relatos, um pai diz que sua filha tem muito medo de uma coleguinha da sua sala de aula e sempre fica com medo de apanhar dela. Já outros pais disseram não levarem adiante contendas em que seus filhos estão envolvidos, mesmo acreditando que estavam certos, para que o assunto fosse encerrado logo. Num outro relato o pai diz que um

dia foi muito humilhado e teve de concordar com o funcionário da escola afim de não estender mais confusão e ter seu filho marcado na escola.

Gráfico 23 - A relação de afinidade dos pais com os profissionais da educação da escola

Dos profissionais que trabalham na escola você tem afinidade com alguém?

9 respostas



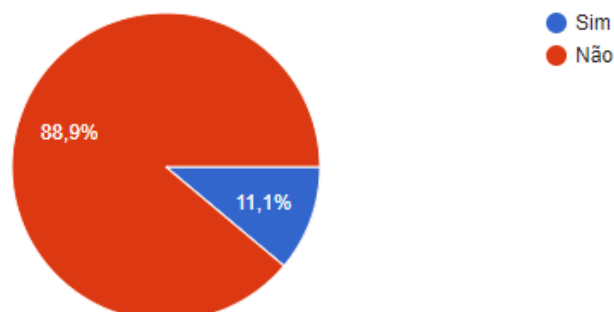
Fonte: Coleta de dados pela autora em novembro de 2020

Destacamos que no gráfico 23, 33,3% dos entrevistados gostam de 2 ou 3 pessoas, mas a maioria destes não tem nenhuma afinidade ou amizade com os profissionais que trabalham na escola. Então, percebemos uma contradição de resposta em um dos gráficos anteriores no qual os pais apontaram que gostam muito da escola e não pretendem mudar seus filhos de escola.

Gráfico 24 - A violência vivenciada como fator de preocupação dos pais

Existe algum caso de violência que aconteceu com você ou com um conhecido seu na escola que te deixou bastante preocupado?

9 respostas



Fonte: Coleta de dados pela autora em novembro de 2020

Os gráficos 23 e 24 nos mostram que os pais estão apresentando um padrão de respostas bem parecido com o padrão dos professores. Neste sentido, sua visão de

violência é diferente da visão dos alunos, que veem a violência como uma maneira de manutenção da ordem em alguns casos. Os pais também têm consciência da natureza conflituosa do ambiente escolar e conseguem enxergar o potencial crítico de cada conflito.

Destacamos que no gráfico 23, 33,3% dos entrevistados gostam de 2 ou 3 pessoas, mas a maioria destes não tem nenhuma afinidade ou amizade com os profissionais que trabalham na escola. Então, percebemos uma contradição de fala num dos gráficos anteriores no qual se apontava que os pais gostavam muito da escola e que não pretendiam mudar seus filhos de escola ou até mesmo que viam a escola como um ambiente agradável.

Alguns pais responderam que se fossem chamados pelo caso de violência, sendo seu filho agressor, iriam apurar o caso para não cometer injustiças. Outros responderam com variações: uns levariam para terapia, outros dariam uma surra. Outros conversariam, apurariam o caso para serem justos, buscariam o diálogo para conseguirem identificar o problema desta reação.

No caso do filho ser a vítima, os pais exigiriam uma atitude da escola, um diálogo sobre o que estaria acontecendo e procurariam saber o que aconteceu; e tentariam descobrir quem seriam os envolvidos. Além disso, responderam que mudariam o filho de escola.

4.2 A VIOLÊNCIA NOS CADERNO DE OCORRÊNCIA DA ESCOLA

Atos violentos na escola podem misturar outros tipos de violências. Deste modo, podemos pensar que os casos de violência escolar podem ser reflexos de atos de violência doméstica ou mesmo violência no bairro, da vida cotidiana. Estes casos podem vir acompanhados de violência psicológica, moral, econômica ou sexual. Por isso é bom conhecer os tipos de violência que podem ter relação com atos violentos ocorridos na escola. A seguir, alguns tipos:

Violência Física – Utilização da força física sobre os outros. Chutes, socos, tapas, puxões objetivando impor-se pelo uso da força física, ferir, oprimir ou causar algum tipo de dano físico.

Violência Psicológica ou Verbal – Pode ter relação com abuso de autoridade, superioridade, ascendência sobre o outro de forma inadequada e com excesso ou descaso.

Violência Sexual – Neste caso específico, submissão de criança ou adolescente com ou sem consentimento a atos ou jogos sexuais com a finalidade de estimular-se ou satisfazer-se, impondo-se pela força, ameaça ou pela sedução com palavras, favores, presentes de valor ou natureza ou simplesmente por um lanche ou um prato de comida.

A partir desta diferenciação dos tipos de violência, construímos um quadro no qual identificamos e caracterizamos os principais atos de violência encontrados no caderno de ocorrência da escola.

Quadro 11 - IDENTIFICAÇÃO DOS TIPOS, CARACTERÍSTICAS E ATOS DE VIOLÊNCIAS

Tipos de violência	Características	Atos de violência
Violência Física	Utiliza a força física	Submissões físicas: socos, tapas na face, na cabeça, empurrões, golpes, ferimentos, imobilizações.
Violência Psicológica ou Verbal	Utiliza opressão psicológica	Ameaças, Palavrões, xingamentos baixo calão, humilhações, intimidações.
Violência Sexual	Imposição de cunho sexual sem consentimento	Abusos, assédio, estupro, exposições do nu ou a nudez, simulações de prática de atos sexuais.

Fonte: quadro produzido pela autora.

Os casos de alunos analisados estão relatados em cadernos de ocorrência que são do tipo brochura, com 180 páginas, das quais foram analisadas páginas aleatórias em um total de 10. A natureza das ocorrências se mostrou bem parecida, então, por isso, a aleatoriedade como critério de escolha. Obviamente, foi realizada a leitura de todas as páginas, todavia, ao considerarmos tudo muito repetitivo, decidimos por generalizar as ocorrências e sintetizar todas as nossas análises nesta quantidade limitada. É interessante notar que as crianças parecem estar reproduzindo comportamentos machistas, segregacionistas ou preconceituosos, reflexos da sociedade em que vivemos e cuja realidade se desnuda de forma tão intensa diante deles.

A escola tem se comportado como uma linha de produção, o que é natural para uma instituição deste porte dentro da tradição educacional brasileira, todavia comportar-se como tal exige um esforço e uma estrutura logística e de comunicação que está além das possibilidades do nosso competente quadro operacional. O estresse e a depressão são males que vêm acometendo cada vez mais pessoas e observamos que estes males circundam alguns integrantes de nossa sobrecarregada equipe.

Alguns exemplos serão mostrados que, para as famílias e pessoas que convivem com as crianças, que reproduzem estas práticas, podem até ser considerados eventos normais e corriqueiros, mas sobrecarregam a equipe escolar, aumentando seu estado de tensão, ansiedade e demais adversidades e que corroboram para a evolução de quadros mais críticos de natureza psicológica ou afins.

Caderno de ocorrências 1

O caso aluno "A"¹⁵, 3º ano, descontrolado. Ele começou a agredir seus colegas de forma física e a equipe da escola de forma verbal. Batia nos colegas, respondia a professora, profissionais da escola, andava correndo pela sala de aula e nas dependências da escola, não cumpria as atividades de aula. Totalmente indisciplinado. A família foi chamada à escola para tomar ciência destas ações e tomar as devidas providências.

¹⁵ Relato retirado do livro de ocorrências da escola folha 6.

Caderno de ocorrências 2

O caso aluna “B”¹⁶, 4º ano, agressiva. Ela agrediu outra aluna com um tapa na boca. Isso tudo aconteceu porque uma terceira colega mandou que a aluna “B” desse um tapa na boca da colega, ainda não satisfeitas, entraram na sala desrespeitando com palavras a professora. A aluna “B” ainda inventou palavras que a coordenadora não disse para o aluno “Y” e se tornou uma situação grave. A mãe dela foi chamada à escola e, então, conversou com a coordenadora.

Caderno de ocorrências 3

O caso aluno “C”¹⁷, 3º ano, desobediente. Um aluno indisciplinado, que não atendia às regras da escola e não seguia a orientação de utilização dos espaços coletivos. Deste modo, saiu correndo mesmo sendo orientado a não o fazer, foi até o pátio e pela correria machucou vários colegas com esbarrões, empurrões e chutes. A família foi chamada à escola para tomar ciência destas ações e tomar as devidas providências.

Analisando os relatos dos casos dos alunos “A, B e C” percebemos além das violências de agressão física, também a violência verbal. Esta é uma das formas de violência que as pessoas muitas vezes utilizam sem controle. Acham que sempre podem falar o que quiserem. Conviver com pessoas agressivas requer paciência e autocontrole para evitar situações que se transformem em violência física.

No Brasil, através da Lei Maria da Penha¹⁸, estão previstos cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. Essas formas de agressão são complexas e, muitas vezes, ocorrem isoladas umas das outras e têm graves consequências para a mulher e aqueles que convivem com ela. Qualquer um destes tipos de violência constitui atos de violação dos direitos humanos e deve ser denunciada.

¹⁶ Relato retirado do livro de ocorrência da escola folha n 8

¹⁷ Relato retirado do livro de ocorrência da escola folha n 12

¹⁸ Lei Maria da Penha, (lei n. 11.340/2006).

Muitas pessoas costumam proferir palavras que povoam o pensamento sem antes fazer a devida reflexão, pois não reconhecem que, atualmente no Brasil, violência verbal é crime. É preciso saber que a violência verbal é conhecida também por violência psicológica, que tem o objetivo de denigrir a imagem, humilhar a pessoa, fazê-la sentir-se envergonhada. Na maioria das vezes, nem culmina na agressão física, mas seu alcance é muito mais profundo, causando danos brutais e irreversíveis ou que demandam muitos anos de tratamento para alívio das sequelas deixadas. Temos observado muitas destas violências refletidas nas atitudes de vários alunos objeto de nosso estudo.

Caderno de ocorrências 4

O caso aluna “D”¹⁹, 4º ano, abusiva. A aluna mesmo sendo orientada a não tocar no corpo do outro sem permissão, inventa uma brincadeira de pegar e beijar a aluna “Z” sem sua autorização, desrespeitando assim a orientação do professor, coordenador e também o desejo da própria colega de sala. Ela simplesmente diz que gosta da menina e vai fazer o que tiver vontade. A família foi chamada à escola para tomar ciência deste abuso e tomar as devidas providências.

Caderno de ocorrências 5

O caso da Aluna “E”²⁰, 3º ano, vítima. A aluna comentou com a coordenadora que no momento em que antecedia o sinal de saída e encerramento das aulas, a professora regente de sua sala de aula sempre fazia grupinhos de jogos de tabuleiro e jogo da memória, para que os alunos aguardassem o momento brincando. Neste exato momento, enquanto a professora estava lá na frente, os 3 meninos foram lá para trás e chamaram ela para mostrar o pênis. Ela ficou muito assustada e eles disseram que não era para contar para ninguém, senão eles iriam bater nela na saída. Os alunos foram identificados e as famílias foram chamadas para uma conversa.

De acordo com a definição da OMS- Organização Mundial da Saúde, violência é:

¹⁹ Relato retirado do livro de ocorrência da escola folha n 14.

²⁰ Relato retirado do livro de ocorrência da escola folha n 16.

Uso intencional da força física ou poder ameaçados ou reais, contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra m grupo/comunidade, que resultem ou tenham grande probabilidade de resultar em ferimento, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação.

(OMS, ANO?)

pesquisado em <https://www.saojosedonorte.rs.gov.br/noticias/isolamento-social-x-violacao-de-direito-contra-crianca-e-adolescente>, 03 novembro de 2021

Um dos atos de violência, força física disciplinado pela lei Maria da Penha é a violência sexual. Mesmo sabendo que este momento do desenvolvimento infantil possa ser de descoberta da sexualidade, entendemos que a obrigação do querer, ao invés do respeito ao corpo do outro, prevalece numa fala de uma das alunas. Isto nos faz refletir sobre a possibilidade desta criança estar sendo vítima, num outro ambiente, e que possa estar reproduzindo estas ações nos mais fracos. Por isso, a questão da violência deve ser analisada antes mesmo de apontar culpados, pois agressores podem estar sendo vítimas em outro ambiente no qual convivem.

Nos casos das alunas “D e E”, demonstraram um tipo de violência, a violência física. A violência física pode ser entendida também como violação e agressão do corpo do outro. Quando a aluna diz que gosta da outra e vai pegar porque quer, viola o querer da outra pessoa. Além disso, mesmo que sejam apenas crianças, não deveriam estar praticando atos de adultos. As partes genitais são a intimidade das pessoas. Violá-las é um crime.

Caderno de ocorrências 6

O caso aluno “F”²¹, 3^o ano, brincalhão. O aluno não quer compromisso com a escola e com as tarefas escolares. Só quer ficar brincando, jogando cartinhas, batendo na mesa, treinando o jeito de ganhar cartinhas e gritando na hora da aula, influenciando outros alunos a também terem o mesmo comportamento de jogar cartinhas durante as aulas. A família foi chamada à escola para tomar ciência que, além da bagunça que a criança estava fazendo, ainda estava com notas baixas, mesmo fazendo a recuperação paralela, podendo prejudicar seu ano letivo.

²¹ Relato retirado do livro de ocorrência da escola folha n 16.

No caso do aluno F, observamos um desinteresse, descompromisso, brincadeira, desordem e desobediência às regras da escola. Este aluno demonstra que não quer estar no ambiente escolar. A criança demonstra querer levar a vida escolar na brincadeira, ainda não tem consciência sobre a responsabilidade em relação ao estudo. Alguns alunos realmente têm um tempo de adequação, saíram da série anterior imaturos e necessitam de um tempo pra reorganizar as ideias.

Existem diversas maneiras de o professor influenciar e descobrir o interesse do aluno, seja perguntando, observando, escutando, entre outras. Infelizmente, alguns professores ficam tão obcecados em repassar os conteúdos exigidos que se esquecem de observar o interesse de seus alunos.

O desenvolvimento da aprendizagem ocorre em todo o processo, desde aulas a interações nos intervalos. Tanto por parte de quem ensina, quanto de quem aprende. Ser um professor afetivo pode evitar bloqueios, ajuda superar erros e aprender com eles.

Um professor que é afetivo com seus alunos estabelece uma relação de segurança, evita bloqueios afetivos e cognitivos, favorece o trabalho socializado e ajuda o aluno a superar erros e aprender com eles. [...] Assim sendo, se o professor for afetivo com seus alunos, a criança aprenderá a sê-lo.

(CARNEIRO; SILVA; SCHNEIDER, 2007, p. 83)

Dentre as várias opções de descobrir este interesse do aluno, podemos destacar a verificação periódica que afere se tudo aquilo que o aluno tem estudado é interessante pra vida dele, e também reconhecer, estimular e reforçar a valorização deste aluno, destacando seus aspectos positivos e habilidades.

Caderno de ocorrências 7

O caso aluno “G”²², 4º ano, agressivo. Aluno que durante o recreio, mesmo sendo chamado à atenção para o tipo de brincadeiras de bater e empurrar que escolhera fazer, ainda assim continuou fazendo-a e machucou o colega com um grande soco no peito, muitos tapas na cabeça e vários xingamentos ofensivos. A família foi chamada

²² Relato retirado do livro de ocorrência da escola folha n 22.

à escola para tomar ciência deste comportamento agressivo de brincar e tomar as devidas providências.

Caderno de ocorrências 8

O caso aluno “H”²³, 4º ano, agressor. O aluno foi levado à coordenação da escola por estar agindo com agressividade, falando várias frases e palavrões de baixo calão, desafiando a professora. Ele tem uma característica peculiar, não pedia desculpas e continuava a fazer coisas piores a cada vez que era confrontado. A família foi chamada à escola para tomar ciência das ações do filho e tomar as devidas providências.

Caderno de ocorrências 9

O caso dos alunos “I e “J”²⁴, 4º ano, agressores. Os alunos foram trazidos pelo professor regente, pois estavam se agredindo na sala a ponto de se machucarem, brigaram com socos, empurrões e jogando objetos. O professor foi tentar separar a briga e acabou sendo atingido e machucado fisicamente por um deles. Os outros alunos ficam muito assustados e o clima na sala de aula fica impossível de estudar, compartilhar e aprender. As famílias foram chamadas para tomar ciência do que seus filhos estão fazendo e tomar as devidas providências.

Caderno de ocorrências 10

O caso aluno “K”²⁵, 4º ano, vítima. Durante a aula de Educação Física, os alunos foram orientados a brincar em um local da quadra, porém alguns desobedeceram e foram brincar em um local onde tinha uma porta que estava sendo reformada. Mexendo na porta para lá e para cá, ocorreu que a porta pegou no braço da menina e a furou com o prego que estava para fora. Os alunos envolvidos foram identificados e os pais foram chamados para dar ciência ao fato ocorrido.

²³ Relato retirado do livro de ocorrência da escola folha n 25.

²⁴ Relato retirado do livro de ocorrência da escola folha n 28.

²⁵ Relato retirado do livro de ocorrência da escola folha n 29.

Nestes 3 casos com os alunos “G, H, I J, K”, percebemos a agressividade das palavras, a agressão física com empurrões e brincadeiras agressivas. Geralmente, em um ambiente com tantas personalidades e temperamentos diferentes, temos que ter consciência e respeito ao outro. Obediência às regras.

Ao pensar na disciplina, este trabalho concorda com as palavras de Tiba quando salienta que “[...] o desejo de atingir um objetivo, traz como resposta a disciplina. Precisamos ter foco, a educação escapou ao controle familiar porque desde cedo ela foi terceirizada. Desde cedo crianças recebem influências do externo à família. Seja escola, Igreja, internet, televisão”. (TIBA, 1996 p.140).

Do mesmo modo também concordamos com Santos (2002) quando relata que a ausência de limites e o comportamento de pais extremamente tolerantes, reproduzem consequências desastrosas, crianças indisciplinadas, em conflitos internos, intolerantes, inseguras e egoístas. Muitos pais, quando chamados à coordenação, dizem não saber mais o que fazer com seus próprios filhos. Já passou da hora da família tomar consciência do importante papel que desempenha na formação e desenvolvimento de seu filho.

As páginas acima nos mostram como são críticas as relações entre os alunos, e como se faz necessário um acolhimento de forma bastante consistente por parte da equipe escolar. Os alunos vêm de currículos familiares mais heterogêneos possíveis e isto faz com que se mostre mister a necessidade de uma vigilância em relação aos encontros acontecidos no ambiente escolar, com vistas a garantir um ambiente seguro, ordeiro e saudável.

Snyders (1993), nos direciona a optarmos por um ambiente que proporcione alegria aos alunos. Aprender em um ambiente saudável e acolhedor traz muito mais benefícios. Os registros apontam-nos a existência de alunos preocupados com a segurança e proteção na escola. Ser aluno, pai, professor em uma escola desta tem sido muito preocupante, pois o nível de violência vai do verbal ao físico, muitas vezes, e os agressores são em sua maioria crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ocorrências apresentadas mostram-nos quanto estressante pode ser o ambiente escolar para aqueles que ali trabalham e estudam, se esforçando para mantê-lo o mais saudável possível.

Muitas vezes, estas pessoas sacrificam a própria saúde para atingir este objetivo. Uma escola grande, em uma comunidade carente de recursos, afeto e organização social, sobrecarrega a equipe, quando os alunos reproduzem as realidades geralmente conflituosas por eles vividas.

As ações que apresentaremos em produto final visam dar uma contribuição neste sentido, uma vez feito o diagnóstico, somente venceremos esta situação através de um planejamento eficaz e mobilizador, que atenda às necessidades e demandas da equipe, pois as demandas de pais e alunos tenderão a se encaixar e se satisfazer de forma natural e correspondente.

Um ponto interessante a ser observado é a visão que as pessoas têm do ambiente escolar, não como sendo um espaço violento ou de natureza violenta, muito pelo contrário, a escola é onde se deposita a esperança de pais e professores na construção de um futuro melhor para os alunos.

O que gera a violência é a má gestão dos conflitos pela instituição escolar, ora sem mediação competente próxima, ora sem mediação nenhuma nas ocasiões em que se desenrolam o aumento das tensões que vão desencadear as manifestações da violência em suas mais diversas facetas.

A pandemia de Covid-19²⁶ que assola o mundo, embora não tenha interferido no resultado desta pesquisa, não deve ser desconsiderada, observando o impacto gerado por ela nas produções acadêmicas que se propõe a coletar dados em qualquer lugar do mundo contemporâneo.

²⁶ Vírus covid-19 que assolou o mundo no ano de 2020, deixando um rastro de vários óbitos em todo o mundo. As autoridades decretaram isolamento social durante vários meses. Escolas, comércio fechados por muito tempo, por isso utilizamos redes sociais para a ampliação deste trabalho de pesquisa visto que não pudemos estabelecer nenhum tipo de contato físico durante as entrevistas.

Os formulários foram aplicados na expectativa de nos fornecerem um mapa da violência na escola do bairro escolhido e como resultado tivemos uma cadeia de informações novas, que mostram o quão vivo é o ambiente escolar, bem como suas relações sociais.

Mais do que caracterizar os tipos de violência encontrados na escola, conseguimos ver como a esperança das famílias e da equipe se mantém viva na instituição em questão. A escola é vista como um ambiente efervescente de vida e de cultura e respeitadas como tal.

A valorização dos seus profissionais começa com um salário digno para tal função, mas vai muito além disto. É primordial investirmos em estruturas de humanização, de respeito e valorização do outro, com uma atenção especial para os alunos, no sentido de proporcionar um acolhimento mais presente com vistas a assistirmos estes alunos com afetos e estímulos positivos que estes não encontram em casa.

Há um erro fundamental, idealista e a-histórico em acreditar que definir a violência ou qualquer outro vocábulo, consista em se aproximar o mais possível de um conceito absoluto de violência, de uma 'ideia' da violência que, de fato, tornaria adequados a palavra e a coisa.
(DEBARBIEUX, 2001, p. 164).

A agressividade, defesa natural do ser humano precisa ser contida até o ponto de autodefesa. Além disso, gera violência ao outro. Minayo (2009) nos diz que a transformação da agressividade em violência é um processo social e/ou psicossocial que contribui para as circunstâncias e situações da vida, para as relações interpessoais, para o ambiente cultural, para as relações primárias e comunitárias.

O conflito sempre existiu. Não é bom nem mal, só existe. Um conflito pode possibilitar o exercício da capacidade de formação de seres criteriosos e desenvolver humanidade nas relações interpessoais. Porém, não deve ser confundido com violência. Às vezes, até andam juntos, estão relacionados entre si. Enquanto a violência é a utilização da força, o conflito é um processo natural da sociedade, pode ser um fator positivo para crescimento pessoal ou um fator negativo causador de destruição. Contudo, não podemos confundir conflito com violência (VINYAMATA, 2005).

No ambiente escolar, os conflitos certamente vão acontecer. Isto porque são várias famílias, hábitos de vida, modo de criação familiar e culturas. Segundo Vinyamata (2005), existindo ou não conflitos, as intervenções precisam ser realizadas no ambiente escolar através de processos pedagógicos de mediação, negociação, e recursos adequados.

Loureiro (1999) relata em suas pesquisas que um dia, conversando com um diretor de escola, ouviu do gestor que na escola dele não havia violência. Loureiro, então, curioso pergunta o porquê. Ele disse que havia no passado muita violência no curso supletivo noturno. Por fim, concluiu dizendo que atualmente não existia mais violência. Então, entusiasmado, Loureiro pergunta: “Como é que o senhor conseguiu esta proeza? Ele disse: Extingui o curso supletivo.” (LOUREIRO, 1999, p.) Analisando esta história percebemos que não podemos apenas empurrar o problema, mas também procurar alternativas de solucioná-lo.

Como é importante conhecer diferentes formas de violência a fim de conseguirmos um caminho para enfrentá-las e superá-las. O nosso trabalho final tem por objetivo construir e dar oportunidade de despertar e descoberta, além de servir de resgate da autoestima, da valorização do indivíduo enquanto parte no processo ensino-aprendizagem do aluno, de ser instrumento, caminho de prevenção para os conflitos escolares e do cotidiano do aluno.

O produto final deste trabalho é um projeto chamado: Aluno monitor. Nele, será elaborada uma cartilha com todo o tipo de fases de implantação, de desenvolvimento e de avaliação de todo o desenvolvimento do projeto. A cartilha tem o objetivo de orientar acerca das violências mais destacadas no ambiente escolar. Os alunos receberão um material escrito ou digital, de acordo com a disponibilidade da escola, onde será explicado os tipos de violência escolar. Além do conceito, implicações na vida cotidiana e no desempenho escolar. Juntamente com este material, será dada a orientação sobre as inferências da postura violenta e agressiva na vida emocional, mental e social de cada indivíduo. Os objetivos deste projeto são desenvolver uma consciência crítica e social; conscientizar que uma atitude impensada pode refletir em todos que estão convivendo no mesmo ambiente e, por fim, promover a integração e sociabilidade escolar.

O desenvolvimento do projeto ocorrerá através de conversas, com a periodicidade de uma vez por semana, em pequenos grupos, com o auxílio do aluno monitor nas atividades na hora de intervalos, recreio e aulas. Neste desenvolvimento, o aluno será mais próximo ao professor, que estará exaltando características que valorizem este aluno.

Cada turma poderá ter o seu aluno monitor que, por sugestão desta pesquisa, poderá ser trocado de 3 em 3 meses, permitindo assim que outros alunos possam também participar e se envolver no projeto. Desta maneira, o projeto pode ajudar a prevenir situações de risco no que tange à violência. Os alunos serão valorizados em suas habilidades. Quando valorizados, os alunos podem mudar o que sentem sobre si e também o ambiente em que vivem, tomando decisões do que fazer e do que não fazer. Logo, como bem disse Robin Williams: assim que você pensar que sabe como são realmente as coisas, descubra outra maneira de olhar para elas.(Sociedade dos Poetas Mortos-1989)

Olhar o aluno, perceber seu problema, valorizá-lo em suas atitudes e habilidades positivas podem ser ótimos caminhos para a minimização da violência nos ambientes escolares. As lições diárias deixadas na vida dos alunos são cruciais para seu desenvolvimento saudável.

Planejamos um projeto onde o aluno é convidado a ser aluno monitor. Neste evento, que acontece durante todo ano letivo, o discente terá a oportunidade de desenvolver seu olhar de observador, fiscalizador e auxiliador do bom comportamento das turmas e terá seu desempenho como monitor avaliado e premiado. Este Plano de Ação poderá auxiliar os poucos coordenadores que existem na escola, além de desenvolver neste aluno e nos demais um senso crítico, uma consciência e reflexão sobre os benefícios que atos de bondade podem causar numa comunidade escolar.

Os alunos serão acompanhados e orientados pelos coordenadores da escola, as ações poderão ser realizadas no contraturno para não haver prejuízo no desempenho escolar deste aluno. Para que o projeto funcione, os dias serão organizados pelo coordenador, de acordo com a realidade escolar. Além disso, o projeto tem o objetivo de: diminuir a presença de alunos transitando nas salas, corredores e pátio; e valorizar

os alunos e suas habilidades. Por fim, é importante desenvolver uma empatia com o outro e gerar solidariedade.

Para a participação deste projeto, é necessário que a escola elabore um termo de compromisso no qual o aluno voluntário esteja disposto a mudar hábitos e desenvolver suas habilidades. Em concordância com a família e escola, serão elaboradas regras de chegada, entrada, permanência e saída diária. Muitas mudanças poderão ser percebidas durante o desenvolvimento do Projeto, tais como melhoramento no comportamento em sala de aula, frequência regular na escola e melhoria nas notas trimestrais.

As atividades desempenhadas por estes alunos monitores podem ir do simples atendimento aos colegas, assistência em levar ou trazer atividades xerocadas para as turmas a organizar filas, entre outros. Para ser candidatado à vaga de aluno monitor, o aluno deverá desenvolver bom comportamento na escola, ter boas notas, querer mudar maus hábitos de comportamento, se for o caso. O objetivo é utilizar os alunos que estejam em situação de vítimas ou agressores para que eles sejam valorizados e acompanhados de perto, sem que saibam.

Durante todo o processo, teremos uma avaliação, pois acreditamos que tudo deve ser percebido e avaliado para o bom andamento do planejamento. Durante toda fase de implementação, serão observados os comportamentos dos alunos e analisadas suas ações.

A valorização do aluno será um dos principais objetivos para a mudança de seu comportamento, sua autoestima, o desejo de ser solidário e ter empatia pelo outro. Como Produto Final deste trabalho de pesquisa, apresentaremos ao longo do ano, para todos os alunos, uma cartilha com o objetivo de conscientização acerca das consequências que os atos violentos podem trazer para a comunidade escolar. A cartilha foi desenvolvida com atividades e conteúdos bem acessíveis à idade deles, com historinhas e atividades de pintar. Ademais, haverá também atividades de reflexão em família e no grupo escolar.

Como premiação bônus, pretendemos realizar passeios e visitas técnicas afim de estabelecer ação no sentido de empreender, conhecer, identificar áreas de trabalho e dar ao aluno uma visão de futuro, de progressão e crescimento profissional.

A seguir, apresentamos o plano de Ação para implementação do projeto:

Quadro12 - PLANO DE AÇÃO PROJETO ALUNO MONITOR

QUESTÕES	DESENVOLVIMENTO	TEMPO
Plano de ação	Implementação do projeto aluno-monitor	6 meses ou 11 meses (a combinar)
Horário	Contraturno	
Objetivo	Diminuir a presença de alunos transitando nas salas, corredores e pátio. Valorizar os alunos e suas habilidades	
Requisitos para manutenção da monitoria do aluno	Elaboração de um termo de compromisso, no qual o aluno voluntário esteja disposto a mudar hábitos e desenvolver suas habilidades.	
Requisitos do aluno escolhido	Mudança de comportamento na sala de aula, frequência regular na escola e melhoria das notas bimestrais.	
Coordenação	Um dos coordenadores do turno se responsabilizará pelo acompanhamento e desenvolvimento do projeto	
Avaliações	Durante toda fase de implementação serão observados os comportamentos dos alunos e analisadas suas ações.	Durante todo o processo.
Bonus/ premiação	Pode ser feita uma visita técnica a algum lugar, um passeio. A combinar com a direção da escola	

Fonte: elaborado pela autora.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. *et al.* **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

_____. **Gangues, gênero e juventudes**: donas de rocha e sujeitos cabulosos. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2010.

ABRAMOVAY, M. (Coord.). **Cotidiano da escola**: entre violências. Brasília: APEOESP, Pesquisa Violências nas Escolas – Uma visão dos delegados ao Congresso da APEOESP-2007.

_____. **Revelando tramas, descobrindo segredos**: violência e convivência nas escolas. 2. ed. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana – RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF, 2009.

ABRIC, J. C. (Org.) **Méthodes d'études des représentations sociales**. Érès: Ramonville Saint-Agne, 2003.

ADORNO, S. Violência: um retrato em branco e preto. **Revista Ideias**, n. 21, 1994.

AFONSO, R. C.; VIDOTTI, L. F. M. **A pedagogia histórico-crítica na prática do professor: desafios e possibilidades**. Secretaria Estadual Da Educação – Seed Superintendência Da Educação – Sued Programa De Desenvolvimento Educacional PDE, Jacarezinho, 2008.

AGAMBEN, G. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

ALBIAZZETTI, O. B.; SILVA, F. L.; GIANE. **Sociedade, educação e cultura**. São Paulo: Pearson Education do BRASIL, 2013.

ALVES, R.; CUBAS, V. de O.; RUOTTI, C. **Violência na escola**: um guia para pais e professores. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

ARENDT, H. **Between past and future**. New York: Meridian Books, 1961.

_____. **Da violência**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1985.

ASSIS, S. G. **Quando crescer é um desafio social**: estudo sócio-epidemiológico sobre violência em Duque de Caxias-RJ. 1991. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1991.

ASSIS, S. G.; AVANCI, J. Q.; CONSTANTINO, P. (Org.) **Impactos da violência na escola**: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

_____. **Labirinto de Espelhos:** a formação da auto-estima na infância e adolescência. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

_____. **Resiliência:** enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____. **Impacto da violência na escola.** Editora: Fiocruz, 2010.

_____. **A violência familiar produzindo reversos:** problemas de comportamento em crianças escolares. Rio de Janeiro: Claves/Fiocruz, 2007.

BARRETTO, V. Educação e violência: reflexões preliminares. *In:* BARRETTO, V.; PAIVA, V. & ZALUAR, A. (Org.). **Violência e Educação.** São Paulo: Livros do Tatu, Cortez, 1992.

BERNARD, F. de. **A fábrica do terrorismo.** São Leopoldo: Nova Harmonia, 2006.

BENEVIDES, M. V. A Violência é Coisa Nossa. *In:* **A Violência no Esporte.** São Paulo: Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, 1996.

BIBIANO, B. A escola perdeu sua função social no Brasil. **Veja**, 10 nov. 2014. Educação. Disponível em: <https://url.gratis/vFkesZ>. Acesso em: 14 Ago. 2020.

BLASZKO, C. E.; SCHNEIDER, L. **A atuação do psicopedagogo no contexto escolar:** Estudo pautado pelas vozes dos profissionais. Paraná, UNESPAR/PUCPR, 2017. Disponível em: encurtador.com.br/jDHOX. Acesso em: 12 Dez. 2020.

BLAYA, C. ; DEBARBIEUX, É. La construcion sociale de la violence en milieu scolaire. *In:* BAUDRY, P. *et al.* **Souffrances et Violences à l'Adolescence:** qu'en penser, que faire?. Paris: ESF-Éditeur, 2000.

BLOMART, J. Evitando a violência no ambiente das escolas primárias. *In:* DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Org.). **Violência nas escolas:** dez abordagens européias. Brasília: Unesco, 2002.

BOTELHO, R. G.; SOUZA, J. M. C. Bullying e Educação Física na Escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. **Revista de Educação Física**, n. 139, 2007.

BRASIL. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB). Segurança nas Escolas Públicas. **Brasília: Instituto de Psicologia.** Brasília, 1998.

_____. Ministério da Educação. **Alfabetização e Diversidade, Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: SECAD, 2006.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano:** experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BUENO, J. G. S. Função social da escola e organização do trabalho pedagógico. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 101-110, 2001. Disponível em: encurtador.com.br/djsT1. Acesso em: 23 Set. 2020.

BULLYING: o que é, consequências, na escola. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>. Acesso em: 19 Abr. 2021.

CANDAU, V. **Oficinas Pedagógicas de Direitos Humanos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHAUÍ, M. A não-violência do brasileiro, um mito interessantíssimo. *In*: GALVÃO, W. N.; PRADO JR, B. **Educação ou Desconversa?** Almanaque 11, São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 16-24.

_____. Contra a violência. **SEAF**, 08 abr. 2007. Disponível em: <https://url.gratis/3HGa9s>. Acesso em: 21 out. 2020.

_____. Ensaio, ética e violência. **Revista Teoria e Debate**, São Paulo, ano 11, n. 39, 1998.

COIMBRA, C. M. B. As funções da instituição escolar: análise e reflexões. **Psicologia: Ciência e Profissão Brasília**, Distrito Federal, v. 9, n. 3, p. 14-16, 1989. Disponível em: encurtador.com.br/fnwMX. Acesso em: 03 Jul. 2020.

COLOMBIER, C.; MANGEL, G.; PERDRIault, M. **A violência na escola**. São Paulo: Editora Summus, 1989.

CORTELLA, M. S. **A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. O estudo da violência na sociedade e na escola: uma reflexão à luz do materialismo histórico. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9. ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3., 2009, Curitiba. **Anais**. Curitiba: PUCPR, 2009. p. 14.

DEBARBIEUX, E. **La violence en milieu scolaire I: état des lieux**. Paris: ESF Editeur, 1996.

_____. Cientistas, políticos e violência: rumo a uma comunidade científica européia para lidar com a violência nas escolas?. *In*: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Org.). **Violência nas Escolas: dez abordagens europeias**. Brasília: Unesco, 2002.

DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Org.). **Violências nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

DIAS, E. C. de. O. **A EJA na região noroeste do município de Campinas: uma discussão.** 2009. Trabalho de Conclusão de curso (Especialização em educação de jovens e adultos) – UNICAMP, 2009.

DIMENSTEIN, G. A Epidemia da Violência. **Folha de São Paulo**, 22 set. 96.

DOURADO, L. F. Políticas e gestão da Educação Básica no Brasil: limites e perspectivas. **Educação & Sociedade**, vol. 28, n. 100, p.921-946, 2007.

DRANKA, R. A. P. Linguagem como mediação entre a vontade do eu e do outro. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 1, n. 2, 2001

ESQUIERRO, L. M. C. **Violência na escola: o sistema de proteção escolar do governo do Estado de São Paulo e o professor mediador escolar e comunitário.** Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana, 2011.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 17 nov. 2020.

FÉLIX, R. N. **A Função Social da Escola na Contemporaneidade.** Disponível em: encurtador.com.br/duHRW. Acesso em: 21 Ago. 2020.

FERRO, J. P. **Violência escolar em foco: percepções e encaminhamentos de professores e gestores.** Paranaíba: UEMS, 2013.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões.** Petrópolis: Vozes, 1978.

FRANCO, M. S. de. C. **Homens livres na ordem escravocrata.** 3. ed. São Paulo: Kairós Livraria, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Política e educação: ensaios.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, I. P.; SIMÃO, A. M. V.; FERREIRA, A. S. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico - um questionamento aferido para a população escolar

portuguesa. **Revista Portuguesa de Educação**, Universidade do Minho, p.157-183., 2006.

FREITAS, I. C. **Função social da escola e a formação do cidadão**. Disponível em: encurtador.com.br/duHRW. Acesso em: 24 Set.2020.

FREUD, S. **Por que a guerra?** Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FRIGOTTO, G. Teoria e práxis e o antagonismo entre a formação politécnica e as relações sociais capitalistas. **Trabalho, educação e saúde**, Rio de Janeiro, n. 7, 2009. Disponível em: <https://url.gratis/QYJM3V>. Acesso em: 16 Mai. 2021.

GOLDEMBERG, J. O repensar da educação no Brasil. **Estudos avançados**, [S. l.], v. 7, n. 18, p. 65-137, 1993. Disponível em: <https://url.gratis/5J0u3L>. Acesso em: 20 out. 2020.

GOMES, A. de. O. C. **A função social da escola: uma análise das significações constituídas pelos gestores, professores, pais, alunos, de uma escola pública paulista**. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – PUC –SP, São Paulo, 2014.

GROSSI, P. K. *et al.*, Violência no meio escolar: a inclusão social através da educação para paz. **Revista Virtual Texto & Contexto**, n. 4, ano IV, 2005. Disponível em: encurtador.com.br/giJM0. Acesso em: 22 Out. 2020.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: O jogo como elemento de cultura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

<https://www.saojosedonorte.rs.gov.br/noticias/isolamento-social-x-violacao-de-direito-contra-crianca-e-adolescente>,

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da violência 2019**. 2019.

KRUG, E. *et al.* **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Geneva: OMS, 2002.

KUENZER, A. Z. Sob a reestruturação produtiva, enfermeiros, professores e montadores de automóveis se encontram no sofrimento do trabalho. **Trabalho, educação e saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 107-119, 2004.

_____. Sob a reestruturação produtiva, enfermeiros, professores e montadores de automóveis se encontram no sofrimento do trabalho. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 107-119, 2004.

LARANJA, P. R. **Convivências, sujeitos e violências nos cotidianos escolares**. 2020. Dissertação de mestrado (Mestrado em Segurança Pública) – UVV Vila Velha, Vila Velha, 2020.

LAVELBERG, C. O currículo pode ser um recurso potente para encarar esse tema difícil e promover ações concretas com os alunos. **Nova Escola Gestão**, São Paulo, 01 ago. 2012. Disponível em: <https://url.gratis/QA30Uv> . Acesso em: 28 set. 2020.

LEITÃO, C. Elaborando um projeto local para enfrentar a violência na escola. *In*: ASSIS, SG., CONSTANTINO, P. & AVANCI, JQ. (Org). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010, p. 235-260. Disponível em: encurtador.com.br/hiUW0f Acesso em: 16. abr. 2020.

LESSA, A. et al 2001. “ Convívio e Conflito: história cotidiana da vida paleolítica.” *Inteligência*, 12, pp.18-31.

LITTO, F. M. **Repensando a educação em função de mudanças sociais e tecnológicas e os adventos de novas formas de comunicação**. Disponível em: <https://url.gratis/iWRzux> . Acesso em: 18 ago. 2020.

LOMBROSO, C. O Homem Delinquente. Tradução Sebastian José Roque. 1. Reimpressão, São Paulo: Ícone 2010.

MACEDO, E. Criar currículo no cotidiano. *In*: OLIVEIRA, I. B. de.; MANHÃES, L. C.; ALVES, N. (Org.). **Criar currículo no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2002.

MACIEL, M. A. **Representações sociais de violência na escola: um diálogo com alunos e professores da Paraíba**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

MALINOWSKI, B. **Crime e costume na sociedade selvagem**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MAZZA, D. “**Decifra-me ou devoro-te**”: a violência no contexto escolar. São Paulo: Bolema, 2000.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, Rio de Janeiro, vol.17, n. 3, p. 621-626, 2012.

_____. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde. *In*: NJAINE, K.; ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P. (Org). **Impactos da Violência na Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

MODENA, M. R. (Org.). **Conceitos e Formas de Violência**. Caxias do Sul: EducS, 2016.

MONTEIRO, F. M. A. **Desenvolvimento profissional: uma experiência em um curso de licenciatura em pedagogia**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.

MONTEIRO, A. M. F. C. Professores: entre saberes e práticas. **Educação e Sociedade**, São Paulo, ano XXII, n. 74, p. 121- 142, 2001.

MONTEIRO, H. M. **Pesquisa colaborativa**: a interação necessária entre professor e pesquisador. 1996. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1996.

NAIRIM, B. Monitoria aluno-aluno: colaboração que gera bons resultados. **Nova Escola Gestão**, São Paulo, 19. ago. 2019. Disponível em: <https://url.gratis/dysmHG>. Acesso em: 16. abr. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. KRUG, Etienne G. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Disponível em: encurtador.com.br/suKNR. Acesso em: 5 ago. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração e Programa sobre uma Cultura de Paz. **Resolução nº 53/243, de 6 de outubro de 1999**. Disponível em: encurtador.com.br/ilsNV. Acesso em: 16 set. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Observatório de Violências nas Escolas**. Brasil, 2006.

OLIVEIRA, J. B. **Repensando a educação brasileira**. Editora: Salta; 2014.

ORTEGA, R.; REY, R. Del. **Estratégias educativas para prevenção da violência**: mediação e diálogo. Brasília: Unesco, 2002.

PARO, V. H. **Administração escolar**: introdução crítica. 17. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

PAVIANI, J. Conceitos e formas de violência. *In*: MODENA, M. R. (Org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul: Educs, 2016. p. 8.

PEREIRA, B.; NETO, C.; SMITH, P. Os espaços de recreio e a prevenção do “Bullying” na escola. *In*: NETO, C. (Org). **Jogo e desenvolvimento da criança**. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, 1995. p. 238-257.

PERINE, M. Violência e niilismo: o segredo e a tarefa da filosofia. **Revista Kriterion**, Belo Horizonte, v. 43, n. 106, 1990.

_____. **Filosofia e violência**: sentido e intenção da filosofia de Éric Weil. São Paulo: Loyola, 1987.

PINKER, S. **Os anjos bons da nossa natureza: por que a violência diminuiu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

PRADO, E. P. Estresse Ocupacional Causas e Consequências. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**. 11. maio. 2016. Disponível em: encurtador.com.br/rLQT3. Acesso em: 16. abr. 2020.

RISTUM, M. **O conceito de violência de professoras do ensino fundamental**. 2001. Tese de Doutorado (Mestrado em educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

ROMANO, R. **O caldeirão de medéia**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

ROSA, S. P. Os desafios da Escola Pública Paranaense na perspectiva do Professor PDE. **Drogas e Ambiente Escolar: Desafios da Educação**, Paraná, 2016.

ESPIRITO SANTO. Instituto Jones dos Santos Neves. **Juventude e violência: uma análise comparativa dos homicídios no estado do Espírito Santo**. v. IV, 2015.

SANTOS, D. A. dos. **Contribuições da psicologia histórico-cultural para a compreensão do adoecimento e sofrimento psíquico de professores**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014

SANTOS, R. F. M. **Violência escolar e as relações de poder entre professores e estudantes: uma análise em escolas estaduais de ensino médio de Ribeirão Preto/SP**. Dissertação de Mestrado. (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Estadual Paulista, Franca, 2017.

SANTOS, S. S. Currículo – Um Diálogo de Pedagogo para Pedagogo: uma experiência de vida. **Construir notícias**. Recife, 2012. Disponível em: <https://url.gratis/kwsfT2> . Acesso em: 16. abr. 2020.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 8. ed. Campinas: Autores associados, 1985.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9. ed. Campinas: Autores associados, 2000.

_____. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores associados, 2007.

_____. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 18. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 2007.

_____. **Da nova LDB ao Novo Plano Nacional de Educação: por uma outra política educacional**. Campinas: Autores Associados, 2000.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2005.

_____. Educação no Brasil: concepção e desafios para o século XXI. **HISTEDBR**, Campinas, n. 3, 2001.

SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria da educação. Fundação para o desenvolvimento da educação. **Manual de Proteção Escolar e Promoção da Cidadania: Sistema de Proteção Escolar**, São Paulo, 2009

SILVA, A. B. B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

_____. **Mentes perigosas**: o psicopata mora ao lado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

SILVA, A. M. M. Educação e violência: qual o papel da escola? **Geledés**, São Paulo, 19 fev. 2010. Disponível em: <https://url.gratis/7PFtK8> . Acesso em: 15 mai. 2020

_____. **A violência na escola**: A percepção dos alunos e professores. CRE Mario Covas – Centro de Referência em educação. São Paulo, n. 28, 1997. Série Ideias, p. 253-267. Disponível em: <https://url.gratis/VJw0Oq> . Acesso em: 18 nov. 2020.

SILVA, M. C. G. T.; FONSECA, M. P.; SILVA, M. A. M. **Cultura na escola**: Vivências artísticas culturais no ensino público estadual. Vitória, 2006. Disponível em: <https://url.gratis/iKcf3C> . Acesso em: 23 ago. 2020.

SILVA, M. E. P. Burnout: por que sofrem os professores? *In*: **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, ano 6, n.1, p. 92 a 94. 2006. Disponível em: <https://url.gratis/3NCPN>. Acesso em: 18 abr. 2021.

SOUZA, M. Por que devo gostar do meu trabalho e minha profissão? **Administradores.com**, Paraíba, 10 mai. 2015. Disponível em: <https://url.gratis/7km2Ea> . Acesso em: 20 abr. 2021.

SYNYDERS, G. **Alunos Felizes**: Reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

TELLES, V. Violência e Cidadania. *In*: **Violência no Esporte**. São Paulo: Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, 1996.

TONET, I. Atividades educativas emancipadoras. *In*: **Praxis Educativa**, Maceió, v. 9, n. 1, 2014. Disponível em: <https://bityli.com/1v4r4> . Acesso em: 03 jul. 2020

TURIBIO, A. C. A função social da escola. **Portal Educação**. Disponível em: <https://bityli.com/edFsh> . Acesso em: 20 set. 2020.

VAGULA, E.; VEDOATO, S. C. M. **Educação inclusiva e Língua Brasileira de Sinais**. São Paulo: UNOPAR, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas**: problemas del desarrollo de la psique. Madrid: Visor, 1995.

_____. Internalização das funções psíquicas superiores. *In*: **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 51-58

WEIL, E. **Logique de la philosophie**. Paris: Vrin, 1974.

WHITAKER, D. Violência na Escola. **Revista Idéias**, São Paulo, n. 21, 1994.

ZALUAR, A. (Org.). **Violência e educação**. São Paulo: Cortez editora, 1992.

ZIZEK, S. **A violência**. São Paulo: Boitempo, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – PRODUTO FINAL

CARTILHA DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA ESCOLAR



Organizadora: Cláudia Mariano Simões
Serra- 2021

OBJETIVO:

Essa cartilha é direcionada a todos envolvidos na comunidade escolar (alunos, pais, professores, diretores, funcionários) e a aqueles que tenham interesse neste tema, trabalhando com a promoção da paz no ambiente educacional.

O objetivo desta cartilha é fornecer informações sobre a violência, como também promover ações que venham prevenir ou conter possíveis atos de violência escolar.

O QUE É A ESCOLA?

Ambiente agradável, solidário, multicultural.
Local apropriado para desenvolver
aprendizagem e amizades duradouras.

Lugar onde encontramos diferentes tipos de
pessoas, com aspectos físicos e sociais
diferentes.



COMO ACONTECE A VIOLÊNCIA ESCOLAR?

A violência escolar é um grande problema a ser solucionado nas escolas. Vários tipos de escolas podem ser vítimas desta situação: escolas particulares, públicas ou filantrópicas.

Nesse tipo de violência, a escola acaba sendo o cenário pois a comunidade escolar é quem muitas vezes protagoniza as agressões e faz as vítimas.

Ela pode se dar de diferentes formas: verbal e também não-verbal. Ações, palavras e gestos podem fazer parte deste contexto de violência.



FORMAS DE VIOLÊNCIA ESCOLAR:

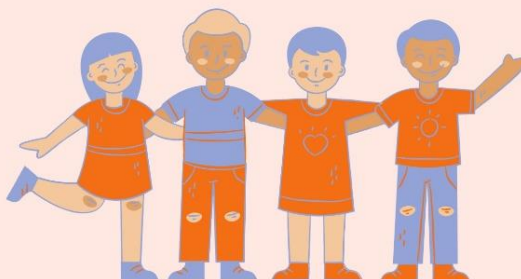
Violência física: acontece dentro do ambiente escolar ou em suas mediações, fazendo as pessoas vítimas desta violência.

Violência contra a escola: ocorre na agressão ao patrimônio da escola, arrombamentos, incêndio, depredações, roubo e furto.

Violência da escola: a própria instituição aparece como agente agressor, na sua maneira de funcionarismo e relacionamento como outro.

COMO LIDAR COM A VIOLÊNCIA ESCOLAR?

- 1. Reconhecer a existência do fenômeno;**
- 2. Capacitar todos os profissionais da escola para a observação, intervenção e encaminhamento dos casos de atos de violência;**
- 3. Discutir e traçar estratégias preventivas;**
- 4. Buscar ajuda através de parcerias com enfermeiros, médicos, psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais, conselhos tutelares, promotorias, varas da infância e juventude;**



CLASSIFICAÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR :

Violência Física: empurrar, bater, esbofetear, socar, beliscar, chutar, esfaquear, espancar, cascudos, matar.

Violência Psicológica: criticar, humilhar, agressão verbal ou gestual, gritar, ignorar, ameaçar, restringir a liberdade, isolar do convívio social, perseguir.

Violência Sexual: coerção sexual, exposição à pornografia, práticas eróticas, carícias forçadas, práticas indesejadas, exibicionismo, ato sexual não consentido- estupro.

Violência Negligencial: Omissão de cuidados, atenção e proteção das necessidades físicas, psicológicas, sociais da criança e falta de perspectiva de futuro.

INFORMAÇÕES: (OMS- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE)



HORA DE PRATICAR!

1. VOCÊ JÁ VIU ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA ESCOLAR?

2. DE QUE MANEIRA VOCÊ PODE AJUDAR A DIMINUIR A VIOLÊNCIA ESCOLAR?

3. QUE TIPOS DE AÇÕES VOCÊ PODE FAZER PARA PROTEGER VOCÊ E SEUS COLEGAS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR?

4. DESENHE COMO SERIA SUA ESCOLA SEM A VIOLÊNCIA ESCOLAR:



5. ACHE NO CAÇA-PALAVRAS A SEGUIR OS MODOS CORRETOS DE TRATAR OS COLEGAS DE CLASSE E FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA:

L	I	H	D	H	T	E	A	T	O	T	C
A	H	C	D	F	C	A	R	I	N	H	O
A	A	P	F	I	O	S	R	T	O	T	T
A	R	E	S	P	E	I	T	O	T	N	N
M	B	M	T	O	H	W	H	D	I	O	P
I	O	N	A	E	L	N	M	H	I	E	N
Z	N	A	M	I	A	Y	S	T	R	C	E
A	D	I	O	Y	F	P	N	H	G	D	B
D	A	B	R	A	Ç	O	M	L	U	E	Y
E	D	U	C	A	Ç	A	O	R	O	A	A
E	E	Q	A	T	E	N	Ç	A	O	S	D
I	L	E	S	D	E	O	T	F	R	N	T

AMIZADE - BONDADE - ABRAÇO - EDUCAÇÃO -
ATENÇÃO - CARINHO - RESPEITO - AMOR

Regras de convivência

Combinados para a vida na escola



Seja gentil e educado com os colegas e funcionários da escola.



Brinque e se divirta junto com seus amigos!



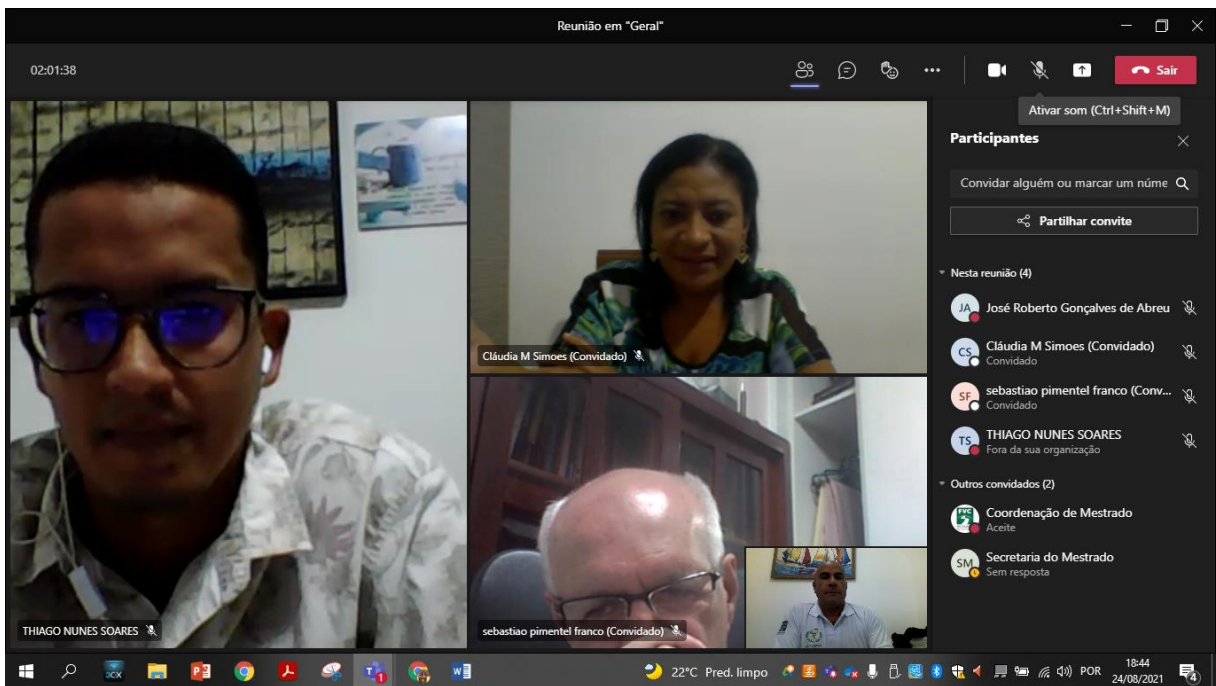
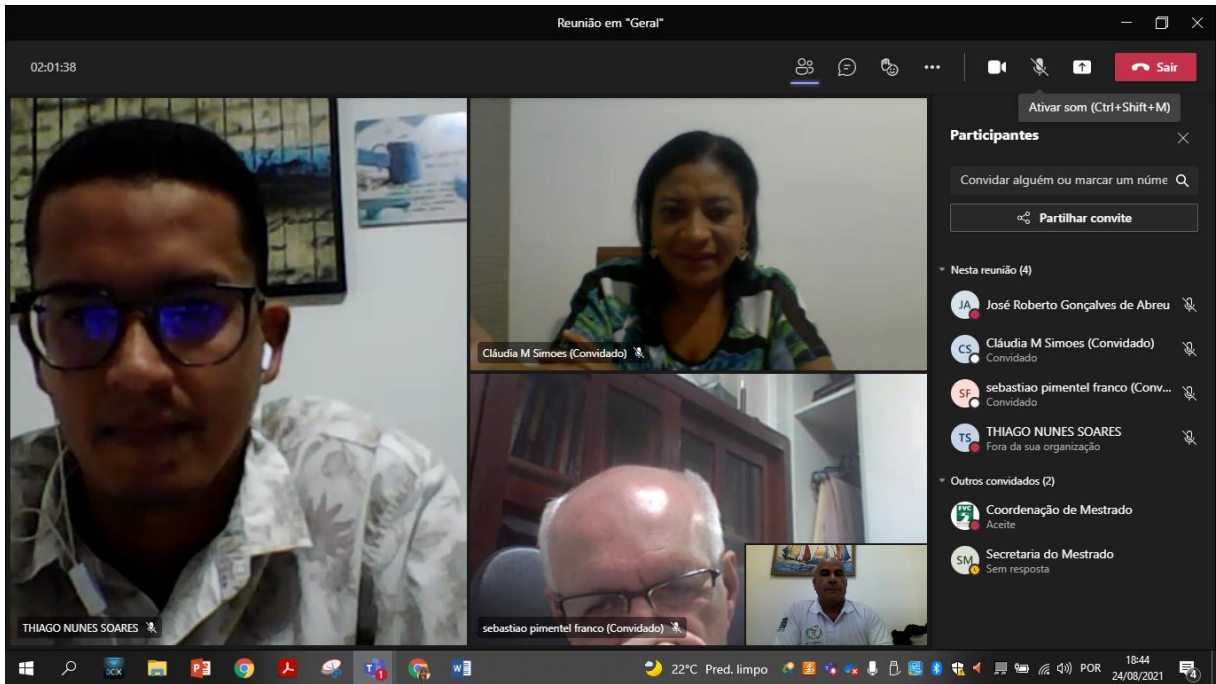
Ouça o professor e os colegas de classe com respeito e amor.



Compartilhe seus brinquedos e livros com os outros alunos!



Trabalhe duro e dê o seu melhor em todas as aulas e atividades.



Reunião em "Geral"

02:20:52

THIAGO NUNES SOARES

sebastiao pimentel franco (Convidado)

Cláudia M Simoes (Convidado)

Participantes

Convidar alguém ou marcar um número

Partilhar convite

Nesta reunião (4) Desativar o som de todos

- JA José Roberto Gonçalves de Abreu
- CS Cláudia M Simoes (Convidado)
- SF sebastiao pimentel franco (Convidado)
- TS THIAGO NUNES SOARES
Fora da sua organização

Outros convidados (2)

- Coordenação de Mestrado
Aceite
- SM Secretaria do Mestrado
Sem resposta

22°C Pred. limpo 19:03 24/08/2021